

F. CÂNDIDO XAVIER

PARNASO DE  
ALÉM TUMULO



CA 14



# PARNASO DE ALÉM TÚMULO

POESIAS MEDIÚNICAS PSICOGRAFADAS POR  
FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER

PEDRO LEOPOLDO (MINAS)

E PREFACIADO POR

M. QUINTÃO

3.5



— 1935 —

Livraria da Federação Espírita Brasileira  
28 — AVENIDA PASSOS — 30  
RIO DE JANEIRO



## À GUIA DE PREFÁCIO

A teoria, tanto quanto a prática espírita, apresenta aos leigos e incientes, aspectos e modismos inéditos, imprevistos, bizarros, surpreendentes.

Nos domínios da mediunidade, então, o reservatório de surpresas parece inexgotável e desconcerta, e surpreende até os observadores mais argutos e avisados.

Si fôssemos minudenciar, escarificar o assunto até às mais profundas raízes, poderíamos concluir que o comércio de incarnados e desincarnados, velho quanto o mundo, se indicia mais ou menos latente ou ostensivo, em todos os atos e feitos da humanidade.

Inspirações, idéias súbitas ou perversidades, sonhos, premonições e atos havidos por espontâneos e propriamente naturais radicam, muito e mais na influenciação dos Espíritos que nos cercam, — por força e derivativo da mesma lei de afinidade incoercível no plano físico quanto no psíquico — do que a muitos poderia parecer.

E assim como se não desloca nem se precipita, isoladamente, um átomo no concerto sideral dos mundos infinitos, assim também não ha pensamento, idéia, sentimento isolados no concerto conciençial dos seres inteligentes, que atualizam e vivificam o pensamento divino, em ascese indefinita — *semper ascendens*.

E' o que fazia dizer a Luisa Michel: "um ser que morre, uma folha que cái, um mundo que desaparece, não são, nas harmonias eternas mais que um silêncio necessario a um ritmo que não conhecemos ainda."



Mas, não ha daí concluir que a criatura humana se reduza á condição de autómato, sem vontade e sem arbitrio, porque nada á revelia da Lei se verifica; e no jôgo dessa atuação constante o ascendente dos desincarnados não vai além das lindes assinadas pela Providência; não ultrapassa, jamais, a capacidade receptiva do percipiente, seja para o bem, seja para o mal.

\*  
\* \*

Não é, contudo, dêsse mediunismo sùtil, intrinseco, consubstancial á natureza humana, que importa tratar aqui.

Nem remontariamos aos filões da História para considerar-lhe a identidade nos templos da India, do Egipto, da Grecia, das Galias e de Roma, em trânsito para a Idade-média, na qual os médiuns eram imolados ao mais estúpido dos fanatismos — o religioso. Hoje, fogueira e potro foram substituídos pela difamação, pelo ridiculo alvar, pago em boa especie monetaria, ou ainda pelo cêrco caviloso e interditério de quaisquer vantagens sociais.

A luta tornou-se incruenta, mas, nem por isso, menos áspera e porfiosa.

Assoalha-se que a mediunidade é fonte de mercantilismo: entretanto, nenhum grande medium, que o saibamos, chegou a acumular fortuna e rendimentos.

Muitos, ao invés, quais Home, Slade, Eusapia e d'Esperance, morreram paupérrimos e, o que mais é, tendo a panejar-lhes a memória o labéu de charlatães.

Mas, houvesse de fato êsse mercantilismo e nunca se justificaria, sinão por abusivo e espurio, de vez que a doutrina o não autoriza, siquer por hipótese.

Porque, na verdade, assim se escreve a História e o maior dos médiuns, o Médium de Deus, só escapou ao estigma da posteridade pela porta escusa do concilio de Nicéa, numa divinização acomodaticia e rendosa ao formigamento parasitario e onimodo dos Constantinos, que, ainda hoje, lhe exploram os feitos e o nome augusto, com bulas politicas de vulpina retorica, facticios pruridos de grosseira mistificação em bonzolatrias de cimento-armado.

Entretanto, como a confirmar a tradição — “os santos apóstolos fôram em sua maioria humildes pescadores” — e não só a tradição como a sentença de que *os ultimos seriam os primeiros*, — não vêem hoje os vexiliarios da Verdade trazê-la aos magnatas da terra, aos principes dos sacerdotes, escribas e fariseus hodiernos, disputantes á compita da magnifica carapuça a êles tallhada e ajustada de vinte séculos, no Capitulo XXIII de Mateus.

Ao contrario, êsses esculcas do Além parece preferirem os operarios modestos, modestos e rústicos, rústicos e bons, como tão sùtilmente os define o Eça em magistral mensagem:

“Tipos originaes, mãos calosas que se entregam aos rudes trabalhos braçais, a fazerem a literatura do além-tumulo; homens que Trtufo chama bruxos e Esculapio qualifica de basbaques, mistificadores, ou casos patológicos a estudar”...

E' verdade tudo isso; mas, convenhamos, tambem o é para maior gloria de Deus.

Não ignoramos que homens de alta cultura e renome científico têm versado o assunto, investigado, perquirido e proclamado a verdade acima e além das conveniências e preconceitos politicos, científicos, religiosos. Nomeá-los aqui, seria fastidioso quanto inutil.



O vulgo que não lê, ou que lê pela cartilha do Sr. párocho nos conselhos privados da familia beata, não deitaria os seráficos olhares a estas páginas e seguiria, clamoroso ou contente, de qualquer forma inconciente — *infinitus stultorum numerus* — a derrota do seu calvario, no melhor dos mundos, a Pangloss.

O outro, o vulgo que lê e comprehende, mas para o qual o *magister dixit* é a melhor fórmula de concessão e acomodação consigo mesmo, estômago e vísceras em função, sofra quem sofrer, dêa a quem doer — êsse, basofianando ciência em gestos largos de animalidade superior, si estas linhas chegasse a ler, haveria de esboçar aquele sorriso fino e bom que Bonnemère não sabia definir si seria de Voltaire, ou do mais refinado dos idiotas...

\*  
\* \*

Adiante, pois, na tarefa nada espartana de apresentar esta prova opima das esmoladas de luz que nos chegam em revoada de graças, a encher-nos o coração de alviçareiras esperanças.

Quem quiser certezas maiores, explanações técnicas e eruditas do fenómeno em aprêço, que as procure no livro *Do País da Luz*, obra similar editada ha uma vintena de anos, psicografada pelo médium português Fernando de Lacerda e que fez, nas rodas profanas de Lisboa, o mais ruidoso successo.

Nessa obra, o illustre Dr. Souza Couto, em magistral prefácio exgotou o assunto ao encará-lo sob todos os prismas de uma severa critica, para concluir pela transcendência do fenomeno rebelde a todos os métodos de classificação científica e, sem embargo, realissimo em sua objetivação.

Pois, a nosso ver, maior é o merito, por mais opulenta a polpa mediúnica, desta obra.

E' que lá, em *Do País da Luz*, avulta a prosa, com raras exceções; ao passo que aqui desborda o verso, mais original, mais difficil, mais precioso como índice de autenticidade autoral.

Lá, as mensagens características são exclusivas de escritores lusos, unicas que podem, a rigor, identificar pelo estilo, os seus autores.

As de Napoleão I, Tereza de Jesus, etc., são incontestavelmente belas no fundo e na forma, mas não características de tais entidades.

Aqui, pelo contrario, não só concorrem poetas brasileiros e portugueses, como retinem cristalinas e contrastantes as mais variadas formas verbalisticas e literárias, como a facilitarem de conjunto a identificação de cada um.

Romantismo, Condoreirismo, Parnasianismo, Simbolismo, ai se ostentam em louçanias de sons e de côres, para afirmar não mais subjetiva, mas objetivamente a sobrevivência dos seus intérpretes.

E' ler Casimiro e reviviver *Primaveras*; é recitar Castro Alves e sentir *Espumas flutuantes*; é declamar Junqueiro e lembrar a *Morte de D. João*; é frasear Augusto dos Anjos e evocar *Eu*.

Sinão, vejamos:

Oh! que clarão dentro dalma  
Constantemente cismando,  
O pensamento sonhando  
E o coração a cantar,  
Na delicada harmonia,  
Que nascia da beleza  
Do verde da natureza,  
Do verde do lindo mar.



E' Casimiro...

Ha misterios peregrinos  
No misterio dos destinos  
Que nos manda renascer;  
Da luz do Criador nascemos,  
Multiplas vidas vivemos,  
Para á mèsma luz volver.

E' Castro Alves...

Pairava na amplidão extranho resplendor.  
A natureza inteira em lúcida poesia  
Repousava feliz nas preces da harmonia!...  
Era o festim do amor  
No firmamento em luz,  
A grandeza de uma alma que voltava  
Ao redil de Jesus.

E' Junqueiro...

Descansa, agora, vibrião das ruinas,  
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,  
Retempera-te em meio dos perfumes  
Cantando a luz das amplidõss divinas.

E' Augusto dos Anjos.

E todos, todos os mais aí estão vivos, ardentes, inconfundiveis na modulação das suas lirás encantadas e decantadas.

E na prosa — exceto a de Fernando de Lacerda, cujo estilo não temos elementos para identificar — o mesmo traço de originalidade personalissima se impõe.

Duvidamos que o mais solerte plumitivo, o mais intelectual dos nossos literatos consiga imitar, siquer, ainda que premeditadamente, esta produção.

E isto o dizemos porque o médium Xavier, um quasi adolescente, sem lastro, portanto, de grande cul-

tura e treino poetico, recebe-a de jacto e mais — quando de alguns autores não conhece uma estrofe.

E' extraordinario, será maravilhoso, mas é a verdade nua e crúa; verdade que, qual a Luz, não pôde ficar debaixo do alqueire.

Foi por assim pensarmos que conseguimos vencer a relutância do médium em sua natural modestia, para lançar ao público em geral, e aos confrades em particular, esta obra mediúnica, que, certo estamos, ficará como balisa fulgurante, na história a tracejar do Espiritismo em nossa patria.

\*

\* \*

Mas, perguntarão: — quem é Francisco Candido Xavier? Será um rapaz culto, um bacharel formado, um acadêmico, um rotulado dèsses que por aí vão felicitando a Familia, a Patria e a Humanidade?

Nada disso.

O médium poligrafo Xavier é um rapaz de 21 anos, um quasi adolescente, nascido ali assim em Pedro Leopoldo, pequenino rincão do Estado de Minas. Filho de pais pobres, não pode ir além do curso primario dèssa pedagogia incipiente e rotineira, que faz do mestre-escola, em tèse, um galopim eleitoral e não vai, tambem em tèse, muito além das quatro operações e da leitura corrida, com borrfifos de catecismo católico, de contrapêso.

Orfão de mãe aos 5 anos, o pai infenso a literatices e ao demais premido pelo ganha-pão, é bem de ver-se que não teve, que não podia ter o estímulo ambiênte, nem uma problemática hereditariedade, nem um nem dez cirineus que o conduzissem por tortuosos e torturantes labirintos de acesso aos altanados paços do Olimpo para o idílico convivio de Calíope e Polimnia.



Tudo isso é o proprio médium quem no-lo diz, em linguagem eloqüente porque simples como a propria alma cedo esfolhada de sonhos e ilusões, para não colimar renomes literarios.

Ao lhe formularmos um questionario que nos habilitasse a pôr de plano estes detalhes essenciaes — de vez que, em obra dêste quilate o que se impõe não é a apresentação dos operarios, mas da ferramenta por êles utilizada, tanto quanto o seu manuseio; e não querendo, por outro lado, endossar um fenómeno cuja ascendência sobejamente conhecemos para não recusar, mas, cujo flagrante não presenciámos — êle, o médium, veio “candidamente” ao nosso encontro com *Palavras minhas*, nas quais esteriotipa a sua figura moral, tanto quanto retrata as impressões psico-fisicas que lhe causam o fenómeno.

Nós mesmo vimos, certa vez, em S. Paulo, o médium Mirabelli cobrir dezoito laudas de papel almasso, no exiguo tempo de 13 minutos marcados á relógio, enquanto conosco disqueteava em idioma diverso da mensagem escrita.

E' um fato. Do seu mecanismo intrínseco e extrínseco, porém, nada nos disse o médium.

Agora, diz-nos este que tambem as produções são recebidas de jacto.

Não ha ideação prévia, não ha encadeiamento de raciocínios, fixação de imagens.

E' tudo inesperado, explosivo, torrencial!

Do que escreve e sabe que está escrevendo, tambem sabe que não pensou e não seria capaz de escrever.

Ha vocabulos de étimo que desconhece; ha fatos e recursos de hermeneutica, figuras de retórica que ignora; teorias scientificas, doutrinas, concepções filosóficas das quais nunca ouviu falar, de autores tambem ignorados e jamais lidos!

Como explicar, como definir e transfixar a captação, a realização essencial do fenómeno?

Só o médium poderia fazê-lo, e isso êle o faz de maneira impressionante, de modo a satisfazer aos familiares da doutrina.

Aos outros, aos cépticos, a liberdade de conjeturar para melhor explicar, sem contudo negar, porque o facto ai está na plenitude de sua realidade, e um fato, por mais insólito que seja, vale sempre por mil e uma teorias, que nada explicam, antes complicam...

\*

\* \*

Como nota final aos argus da critica, Catões e Zoilos de compasso e metro, faisqueiros de nugas e nicas na volupia de escandir *quand même*, diremos que, encarregado de apresentar esta obra, não nos dispusemos a escoimá-la de possiveis defeitos de técnica, não só por nos falecer autoridade e competência, como por julgar que tal ousio seria uma profanação.

Trata-se, precípuamente, de um trabalho de identificação autoral, e de entidades hoje mais lucidas e respeitaveis do que porventura o foram aqui na terra.

Tal como nô-lo deram, êsse trabalho melhor responde á sua finalidade altissima, e o que a legítima ética doutrinária aponta é que quaisquer lacunas ou taliscas devem ser atribuidas ou irrogadas ao possivelmente precario aparelhamento de transmissão, ou a factores outros, em suma, que mal podemos imaginar e que, no entanto, racional e lojicamentê devem existir, mais sútis e delicados do que êsses que a meüde concorrem na tis e delicados do que êsses que a meüde concorrem na telepatia, na radiofonia, em tudo, enfim, que participa do meio fisico contingente.



Que os arautos da Bôa Nova aqui escalonados, por vindos de tão alto, nos perdôem a vacuidade e insulcicia destas linhas, e que os leitores de bôa vontade as desprezem como inúteis, para só apreçarem a obra que aqui lhes apresentamos, na pauta evangélica que diz — *A árvore se conhece pelo fruto.*

M. QUINTÃO.

## PALAVRAS MINHAS

*Nasci em Pedro Leopoldo, Minas, em 1910. E até aqui, julgo que os meus atos perante a sociedade da minha terra, são expressões do pensamento de uma alma sincera e leal, que acima de tudo ama a verdade; e creio mesmo que todos os que me conhecem podem dar testemunho da minha vida repleta de árduas dificuldades e mesmo de sofrimentos.*



*Filho de um lar muito pobre, órfão de mãe aos cinco anos, tenho experimentado toda a classe de aborreimentos na vida e não venho ao campo da publicidade para fazer um nome, porque a dôr, ha muito que*

*já me convenceu da inutilidade das bagatelas que são ainda tão estimadas neste mundo.*

*E, si decidi escrever estas modestas palavras no limiar deste livro, é apenas com o intuito de elucidar o leitor quanto á sua formação.*

*Começarei por dizer-lhe que sempre tive o mais pronunciado pendor para a litteratura; constantemente a melhor boa vontade animou-me para o estudo. Mas, estudar como? Matriculando-me, quando contava oito anos em um grupo escolar, pude chegar até ao fim do*



curso primario, estudando apenas uma pequena parte do dia, trabalhando em uma fábrica de tecidos das quinze horas ás duas da manhã; cheguei quasi a adoecer com um régimen tão rigoroso; porém, essa situação modificou-se em 1923, quando então consegui um emprego no commercio, com um salario diminuto, onde o serviço dura das sete ás vinte horas, mas onde o trabalho é menos rude, prolongando-se esta minha situação até os dias da actualidade.

Nunca pude aprender sinão alguns rudimentos de aritmética, história e vernáculo, como o são, as lições das escolas primárias. E' verdade que em casa, sempre estudei o que pude, mas meu pai era completamente avêso á minha vocação para as letras e muitas vezes tive o desprazer de ver os meus livros e revistas queimados.

Jamais tive autores prediletos; aprazem-me todas as leituras e mesmo nunca pude estudar estilos dos outros por differencar muito pouco essas questões. Tambem o meio em que tenho vivido foi sempre arido, para mim, neste ponto. Os meus familiares não estimulavam como verdadeiramente não podem, os meus desejos de estudar, sempre a braços, como eu, com uma vida de multiplos trabalhos e obrigações e nunca se me ofereceu occasião de conviver com os intellectuais da minha terra.

O meu ambiente, pois, foi sempre alheio á litteratura; ambiente de pobreza, de desconforto, de penosos deveres, sobrecarregado de trabalhos para angariar o pão quotidiano, onde se não pôde pensar em letras.

Assim teem-se passado os dias sem que eu tenha podido até hoje, realizar as minhas esperanças.

Prossequindo nas minhas explicações, devo esclarecer que minha familia era católica e eu não podia escapar aos sentimentos dos meus. Fui pois criado com as teorias da igreja, frequentando-a mesmo com amor,

desde os tempos de criança, quando ia ás aulas de catecismo era para mim um prazer.

Até 1927, todos nós não admitiamos outras verdades além das proclamadas pelo catholicismo, mas, eis que, uma das minhas irmãs, em Maio do ano referido, foi acometida de uma terrivel obsessão; a medicina foi impotente para conceder-lhe uma pequenina melhora sequer. Varios dias consecutivos fôram para nossa casa, horas de amargos padecimentos morais. Foi quando decidimos solicitar o auxilio de um nosso distinto amigo, espirita convicto, o Sr. José Herminio Peracio, que caridosamente prontificou-se a ajudar-nos com a sua boa vontade e o seu esforço. Verdadeiro discipulo do Evangelho, ofereceu-nos até a sua residencia, bem distante da nossa, junto á sua familia, onde então, num ambiente totalmente modificado, poderia ella estudar as bases da doutrina espirita, orientando-se quanto aos seus deveres, desenvolvendo, simultaneamente, as suas faculdades mediúnicas. At sob os seus caridosos cuidados e da sua exma. espôsa D. Carmen Pena Peracio, médium dotada de raras faculdades, minha irmã hauriu para nosso beneficio os ensinamentos sublimes da formosa doutrina dos mensageiros divinos; foi nesse ambiente onde imperavam os sentimentos cristãos de dois corações profundamente generosos, como o são os daqueles confrades a que me referi, que a minha mãe, que regressára ao Além em 1915, deixando-nos mergulhados em imorredoura saudade, começou a ditar-nos os seus conselhos scriptares, por intermedio da espôsa do nosso amigo, entrando em pormenores da nossa vida íntima, que essa senhora desconhecia. Até a grafia era absolutamente igual á que a nossa progenitora usava quando na Terra.

Sôbre êsses fatos e essas provas irrefutaveis solidificamos a nossa fé, que se tornou inabalavel. Em breve minha irmã regressava ao nosso lar cheia de saúde e



feliz, integrada no conhecimento da luz que deveria dar por diante nortear os nossos passos na vida.

Resolvemos, então, com ingentes sacrifícios, reunir um núcleo de crentes para estudo e difusão da doutrina, e foi nessas reuniões que me desenvolvi como médium escrevente, semi-mecânico, sentindo-me muito feliz por se me apresentar essa oportunidade de progredir datando daí o ingresso do meu humilde nome, nos jornais espiritas, para onde comecei a escrever sob a inspiração dos bondosos mentores espirituais que nos assistiam.

Daí a pouco a nossa alegria aumentava, pois o nosso confrade José Herminio Peracio, em companhia de sua esposa, deliberou fixar residência junto a nós e as nossas reuniões tiveram resultados melhores, controladas pela sua esclarecida orientação doutrinária, auxiliado pela sua senhora, alma nobilíssima, ornada das mais superiores qualidades morais que entre as suas mediunidades conta como mais desenvolvida a clariaudiência. Nossas reuniões contavam, assim, grande número de assistentes, porém, a moral profunda que era ensinada, baseada nas páginas esplendorosas do Evangelho de Jesus, parece que pesava muito como acontece na opinião de grande maioria de almas da nossa época, quasi sempre inclinadas para as futilidades mundanas, e decorridos dois anos, os assistentes de nossas sessões de estudos escassearam, chegando ao número de quatro ou cinco pessoas, o que perdura até hoje.

Não desanimámos, contudo, prosseguindo em nossas reuniões, constituindo para nós, uma fonte de consolações, isolarmo-nos das cousas terrenas, em nosso recanto de prece, para a comunhão com os nossos revelados amigos do Além. Continuei recebendo as idéias dos mesmos amigos de sempre nas reuniões, psicografando-as, e que eram continuamente fragmentos de pro-

sa sobre os evangelhos e sómente duas vezes recebi comunicações em versos simples.

Em Agosto, porém, do corrente ano, apesar de muito a contra-gosto de minha parte, porque jamais nutri a pretensão de entrar em contacto com essas entidades elevadas, por conhecer as minhas imperfeições, comecei a receber a serie de poesias que até vão publicadas assinadas por nomes respeitáveis.

Serão das personalidades que as assinam? — é o que não posso afirmar. O que posso afirmar, categoricamente, é que, em consciência, não posso dizer que são minhas, porque não despendi nenhum esforço intelectual ao grafá-las no papel. A sensação que sempre senti ao escrevê-las era a de que uma vigorosa mão impulsionalava a minha. Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial onde eu as lia e copiava; e doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculavel número de vibrações indefiníveis. Certas vezes, esse estado atingiu o auge, e o interessante é que parecia-me haver ficado sem o corpo, não sentindo, por momentos, as menores impressões físicas. E' o que experimento, fisicamente, quanto ao fenómeno que se produz freqüentemente comigo.

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fôsse; essas produções chegaram-nos sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalho as provocassemos e jámais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces. Passaram-se ás vezes mais de dez dias, sem que se produzisse escrito algum, e dia houve que se recebeu mais de três produções literarias de uma só vez. Grande parte delas fôram escritas fora das reuniões, e tenho tido occasião de observar que



quanto menor o número de assistentes, melhor o resultado obtido.

Muitas vezes, ao recebermos uma destas páginas, era necessario recorreremos a dicionarios, para sabermos os respectivos sinónimos das palavras nela empregadas, porque tanto eu como os meus colegas as desconheciamos em nossa ignorância, julgando minha obrigação, frisar aqui tambem, que apesar de todo o meu bom desejo, jámais obtive outra cousa na fenomenologia espirita, a não ser êsses escritos.

Devo salientar o precioso concurso da bondosa médium Sra. Carmen P. Peracio, que através da sua maravilhosa clariaudiência, auxiliou-me muitissimo, transmitindo-me as advertências e opiniões dos nossos caros mentores espirituais, e ainda o carinhoso interêsse do distincto confrade Sr. M. Quintão, que tem sido de uma bôa vontade admiravel para comigo, não poupando esforços para que este despretencioso volume viesse á luz da publicidade.

E aqui termino.

Terei feito compreender a quem me lê, a verdade como ela é? Creio que não. Em alguns despertarei sentimentos de piedade e noutros risinhos ridicularizadores. Ha de haver, porém, alguém que encontre consolação nestas páginas humildes. Um dêsses que haja entre mil dos primeiros e dou-me por compensado do meu trabalho.

A todos êles, todavia, os meus saudaes, com os meus agradecimentos intraduziveis aos bonissimos men-

tores do Além que inspiraram esta obra, que generosamente dignaram-se não reparar as minhas incontaveis imperfeições, transmitindo por intermedio de um instrumento tão mesquinho, os seus salutarees ensinamentos.

Pedro Leopoldo, Dezembro de 1931.

FRANCISCO XAVIER.



## PRÓ-FORMA

(PARA A 2.<sup>a</sup> EDIÇÃO)

Quando ha três anos tracejamos a apresentação dèste livro original e unico, até agora, nos anais da bibliografia espirita, não tínhamos a menor dúvida sôbre o seu valôr intrínseco e, portanto, sôbre o seu êxito.

Êxito doutrinário, principalmente, mas literario tambem.

E a prova de que nos não iludiamos, aqui a temos exuberante, magnifica, nesta reedição quasi triplicada, não apenas no texto como na expressão quantitativa e qualitativa dos seus autores.

Os poetas do Além parece que se não abespinharam, nem muito nem nada com as críticas que lhes fizeram os pontífices das igrejinhas cá de baixo, e logo emprazaram colegas outros a que viessem reforçar a magna tarefa.

E êles, os novos recrutas de Parnaso aí estão vivos, solertes, perfilados na clâmide irizada de suas musas, na polifonia sutil dos mesmos alaúdes, que na terra timbraram.

Esta circunstância, por si só, bastaria para dispensar aqui a insulsicia dos nossos conceitos, si alguns episodios e conceitos outros, supervenientes no transcurso de três anos não desafiassem comentarios e raciocinios tendentes, não a invalidar — o que de resto fôra impossivel, — mas a infirmar uns tantos impetos



negativistas e sistematicos em tórno do problema da sobrevivência da alma e da possibilidade de sua comunicação com os homens, que esta obra representa.

Assim, temos nós que, de quantos com autoridade analisaram êste livro, dois pelo menos já se encontram no outro plano, e dêstes dois, um veio espontânea, galharda e nobremente penitenciar-se, por justificar o que escrevera no "Diario Carioca", em 10 de Julho de 1932:

"O Parnaso de Além Tumulo merece como se vê, a atenção dos estudiosos, que poderão dizer o que ha nêle de sobrenatural ou de mistificação".

Pois, agora, é o proprio Humberto que nos diz — nem sobrenatural, nem mistificação.

A mistificação estaria, ou estará, nos que nada sabendo, em sentido absoluto, de cousa alguma, teimam em supôr que tudo sabem.

A êsses, melhor 'lhes fôra confessar com Chateaubriand:

"TOUT L'UNIVERS EST UN SECRET!"

ou, ainda com Voltaire:

"MAIS... TOUT EST MIRACLE!"

Sim! A natureza tomada em sentido causal, específico, essencial, ou formal, é sempre um misterio... Mas, é tambem um fato.

Negar que existimos é afirmar a existência.

E si existimos um minuto, por que não existir uma eternidade?

Que será tempo, espaço, materia, vida em suma?

Lendo-se agora êste depoimento póstumo de Humberto de Campos, que intencionalmente solicitamos a

fim de enricar a obra em seu duplo aspecto, literario e filosófico, ai se nos depara esta preciosa advertência:

"De certo, os que receberem novamente "O Parnaso de Além Tumulo", dirão mais ou menos o que eu disse".

Indubitavelmente. Por nosso mal, que é beneficio a longo prazo, os homens continuamos a coaxar nesta rechã paludosa, por fazer da existência inelutavel um problema fisiológico, a lembrar o tábido faquir ensimesmado na contemplação do seu umbigo.

Deus, porém, tem poder para fazer das pedras filhos de Abraão, e por isso, os Humbertos de hontem vão ouvindo os Togos de todas as Tsu-shimas, que clamam: — de pé, os mortos!

E os mortos vivem, e as pedras falam — glória in excelsis Deo!

João Ribeiro, mestre que tal se fez, indene de rabelarias acadêmicas, ao referir-se a êste livro, disse que o médium não atraçoara nem um dos poetas.

Ora, esta concisa sentença de João Ribeiro, vale por todos os estultiloquios e paparrotadas quejandas, que a critica de papo-amarelo sói improvisar a proposito de quanto se afaste do seu clássico palmo de nariz.

Não era, repetimos, de nossa intenção regressar a estas páginas, tantas e tão retumbantes teem sido as provas de capacidade tecnica, e moral, do médium Xavier.

O carrilhão estafado da inópia, quando não da protervia humana demoveu-nos, porém, do proposito, sinão para exalçar valores que de si mesmos aqui se impõem, ao menos para dizer alto e bom som que nenhum dos argumentos opostos á legitimidade original desta obra correspondeu á nossa espectativa, para atingi-la em sua estructura essencial.



Porque, de fato, quanto se ha dito não passa de hipóteses abstrusas, vezes pueris, a desfazerem-se quais flócos de bruma flexados de sol, ante os imperativos da lójica, da razão e do bom senso.

Que isto de conciências subjacentes, porões psicicos, recalcamientos da libido, pastiches e loqüelas que tais, não passa de afirmações gratuitas e só possivelmente científicas no sentido em que Izoulet conceituava a ciência, ou seja — a classificação das nossas ignorâncias...

Contudo, quem sabe — dos críticos que agora nos esperam de aljava á ilharga e arco em punho, quantos Humbertos de Campos poderão surgir?

Deus, só Deus o sabe...

E nós, com franqueza, desejamos que assim seja, para conclamar com o mago cronista das *Memórias* — Glória in excelsis...

12 de Junho de 1935.

M. Quintão.

## DE PE', OS MORTOS

Pede-me você uma palavra para o introito do "Parnaso de Além Tumulo", que aparecerá brevemente em nova edição.

A tarefa é difficil. Nas minhas atuais condições de vida, tenho de destoar da opinião que já expendi nas contingências da carne,

Os vivos do Além e os vivos da Terra, não podem enxergar as cousas, através de prismas idênticos. Imagine si o aparelho visual do homem fôsse acomodado,

segundo a potencialidade dos raios X: as cidades estariam povoadas de esqueletos, os campos se apresentariam como desertos, o mundo constituiria um conjunto de aspectos, os mais inverosimeis e inesperados.

Cada esfera da vida está subordinada a um certo determinismo, no dominio do conhecimento e da sensação.

De certo, os que receberem novamente o "Parnaso de Além Tumulo" dirão mais ou menos o que eu disse. Hão de extranhar que os mortos prossigam com as mesmas tendências, tangendo os mesmos assuntos que aí constituíam a série de suas preocupações. Existem até os que reclamam contra a nossa liberdade. Desejariam que estivessemos algemados nos tormentos do inferno, em recompensa dos nossos desequilíbrios no mundo como se os nossos amargores daí não bastassem para nos inclinar á verdade compassiva.

Individualmente é indubitavel que possuímos no Além o reflexo das nossas virtudes ou das nossas misérias.

Mas é razoavel que apareçamos no mundo, gritando como alucinados? Os habitantes dos reinos da Morte ainda apreciam o decôro e a decência e o nosso presente é sempre a experiência do passado e a esperança no futuro.

"Parnaso de Além Tumulo" sairá de novo, como a mensagem harmoniosa dos poetas que amaram e sofreram. Carmen Cinira ai está com os seus sonhos desfeitos de mulher e de menina, Casimiro com a sua sensibilidade infantil, Junqueiro com a sua ironia, Antéro com a sua rima austera e dolorosa.

Todos ai estão, dentro das suas características.

Os mortos falam e a humanidade está ansiosa, aguardando a sua palavra.

Conta-se que na guerra russo-japonesa, terminada a batalha de Tsushima, o grande Togo reuniu os seus



soldados no cemitério de Oogama e na tristeza majestosa do ambiente, em nome da nacionalidade, dirigiu-se aos mortos em termos comovedores; concitou-os a auxiliar as manobras militares, a visitar os cruzadores de guerra, levantando o ânimo dos companheiros que haviam ficado nas pelepas. Uma claridade nova cantou as energias espirituais do valente adversario da patria de Stoessel e os filhos de Yoritomo venceram.

Na actualidade, afigura-se-nos que os brados de todos os sofredores e infelizes da Terra se concentram numa súplica grandiosa que invade as vastidões como o grito do valoroso almirante.

— De pé, os mortos!... — exclama-se — porque os vivos da Terra se perdem nos abismos tenebrosos.

Os institutos da civilização têm sido impotentes para resolver o problema do nosso sêr e dos nossos destinos.

As filosofias e as religiões estenderam sôbre nós o manto carinhoso das suas concepções, mas êsses mantos estão rôtos!... Temos frio, temos fome, temos sede!”

E os considerados mortos falam ao mundo na sua linguagem de extranha purificação. A ciência, zelosa de suas conquistas ainda não ouviu a sua vibração misteriosa mas os filhos do infortunio sentem-se envolvidos na onda divina de um novo “Gloria in excelsis” e a humanidade sofredora sente-se no caminho consolador da sublime esperança.

*Humberto de Campos.*

## A' MORTE



ANTERO DO QUENTAL

Nascido em S. Miguel dos Açores em 1842 e desincarnado por suicidio, em 1891. E' vulto eminente e destacado nas letras portuguezas.

O' Morte eu te adorei, como se fôras,  
O Fim da sinuosa e negra estrada,  
Onde habitasse a eterna paz do Nada  
A's agonias desconsoladoras.

Eras tú a visão idolatrada  
Que sorria na dor das minhas horas,  
Visão de tristes faces cismadoras,  
Nos crepes do Silêncio amortalhada.



Busquei-te eu que trazia a alma já morta,  
Escorraçada no padecimento,  
Batendo alucinado á tua porta;

E escancaraste a porta escura e fria,  
Por onde penetrei no Sofrimento,  
Numa senda mais triste e mais sombria.

## DEPOIS DA MORTE

ANTERO DO QUENTAL

### I

Apenas dor no mundo inteiro eu via,  
E tanto a vi, amarga e inconsolavel,  
Que num véu de tristeza impenetravel,  
Multiplicava as dores que eu sofria.

Si vislumbrava o riso da alegria,  
Fora dessa amargura inalteravel,  
Esse prazer só era decifavel  
Sob a ilusão da eterna fantasia.

Ao meu olhar de triste e de descrente,  
Olhar de pensador amargurado  
Só existia a dor, ela sómente.

O gôzo era a mentira dum momento,  
Os prazeres, o engano imaginado  
Para aumentar a mágua e o sofrimento.

### II

Misântropo da ciência enganadora,  
Trazia em mim, o anseio irresistivel  
De conhecer o Deus indefinivel,  
Que era da dor, visão consoladora.



Não O via e, no entanto, em toda a hora,  
Nesse anélo cruciante e intraduzível,  
Podia ver, sentindo o Incognoscível,  
E a sua onisciência criadora.

Mas os fátuos orgulhos e a descrença  
Guiavam-me a existência desolada;  
Recamada de dor profunda e intensa;

Pela voz da vaidade, então, eu cria  
Achar na morte a escuridão do Nada,  
Nas vastidões da terra humida e fria.

## III

Depois de extravagancias de teoria,  
No seio dessa ciência tão volúvel,  
Sôbre o problema magno, insolúvel  
De ver o Deus de Amor, de quem descreia;

Morri, reconhecendo, todavia,  
Que a morte era um enigma solúvel,  
Ela era o laço, eterno e indissolúvel  
Que liga o céu á terra tão sombria!

E por estas regiões onde eu julgava  
Habitar a inconsciência e a mesma treva  
Que tanta vez, os olhos me cegava,

Vim encontrar, gemendo, as luzes puras  
Da verdade brilhante que se eleva,  
Iluminando todas as alturas.

## SONETO

ANTERO DO QUENTAL

Quisera crer, na Terra, que existisse  
Esta vida que agora estou vivendo,  
E nunca encontraria um abismo horrendo,  
De amargoso penar que se me abrisse.

Andei cego, porém, e sem que visse  
Meu proprio bem na dor que ia sofrendo,  
Desvairado ao sepulcro fui descendo,  
Sem que a Paz almejada conseguisse.

Da morte a Paz busquei, como si fôra,  
Apossar-me do eterno esquecimento  
Ao viver da minha alma sofredora;

E em vez de imperturbaveis quietitudes,  
Encontrei os Remorsos e o Tormento,  
Recrudescendo as minhas dores rudes.



## O REMORSO

ANTERO DO QUENTAL

Quando fugi da dor fugindo ao mundo,  
Divisei aos meus pés, de mim diante,  
A medonha figura de gigante,  
Do Remorso de olhar grave e profundo.

Era de ouvir seu grito gemebundo!  
Sua voz cavernosa e soluçante!...  
Aproximei-me dele, suplicante,  
Dizendo-lhe com acento moribundo: —

“Que fazes ao meu lado, corvo horrendo,  
Si enlouqueci no meu degrêdo extranho,  
Acordando-me, em lagrimas, gemendo?”

Retrucando em resposta dos meus ais: —  
“Companheiro da dor eu te acompanho,  
Nunca mais te abandono! Nunca mais!”

## SONETO

ANTERO DO QUENTAL

Mais se me afunda a chaga da amargura  
Quando reflexiono, quando penso  
No mar humano, encapelado e imenso,  
Onde se perde a luz na noite escura...

Nesse abismo de treva a alma mais pura,  
O espirito do amor, ao mal infenso,  
Sente o assédio do mal. E' o contrasenso  
Da luz unida á lama que a tortura.

Mais se me aumenta a chaga dolorida,  
Escutando o soluço cavernoso  
Da pobre humanidade escravizada;

Sentindo o horror que inspira-me essa vida,  
Que se vive no abismo tenebroso  
Cheia do pranto da alma encarcerada!



## DEUS

ANTERO DO QUENTAL

Quem, sinão Deus, criou obra tamanha  
O espaço e o tempo, as amplidões e as eras,  
Onde se agitam turbilhões de esferas,  
Que a luz, a excelsa luz aquece e banha?

Quem, sinão ÊLE, fez a esfinge estranha  
No segrêdo inviolavel das monéras,  
No coração dos homens e das feras,  
No coração do mar e da montanha?!

Deus!... sómente o Eterno, o Impenetravel,  
Poderia criar o imensuravel,  
E o Universo infinito criaria!...

Suprema paz, intérrmina piedade,  
E que habita na eterna claridade  
Das torrentes da Luz e da Harmonia!!

## CONSOLAI

ANTERO DO QUENTAL

Si eu pudesse, diria eternamente  
Aos flagelados e desiludidos,  
Que sôbre a Terra os grandes bens perdidos  
São a posse da luz resplandecente.

A dor mais rude, a magua mais pungente,  
Os soluços, os prantos, os gemidos,  
Entre as almas são louros repartidos  
Muito longe da Terra impenitente.

Oh! si eu pudesse, iria em altos brados  
Libertar corações escravizados  
Sob os guantes dos odios mais profundos!

Mas dizei-lhes ó vós que estais na Terra,  
Que a luz espiritual da dôr encerra  
A ventura imortal dos outros mundos!



## CRENÇA

ANTERO DO QUENTAL

Minha vida de dor e de procela  
Que se extinguiu na tempestade imensa,  
Despedaçou-se á falta dessa crença  
Que as grandes luzes místicas revela.

E estraçalhei-me como alguém que sela  
Com o supremo infortunio a dor intensa,  
Desvairado de angústia e de descrença,  
Dentro da vida sem compreendê-la.

Ah! Crer! bem que na Terra não possuí.  
Quando entre conjeturas me perdi,  
De tão pequena dor fazendo alarde...

Crença! Luminosissima riqueza,  
Que enche a vida de paz e de beleza,  
Mas que chega no mundo muito tarde.

## NÃO CHOREIS

ANTERO DO QUENTAL

Não choreis os que vão em liberdade  
Buscar no espaço o luminoso leito  
Da paz distante do caminho estreito,  
Dêsse mundo de dor e de orfandade.

O pranto é a flor de aromas da saudade,  
Que perfuma e crucia o vosso peito,  
Mas transformai-o em gozo alto e perfeito,  
Em santa e esperançosa claridade.

Chega um dia em que o espirito descansa  
Das aflições, da angústia, dos cansaços  
Dos agulhões das dores absolutas:

Feliz de quem, na Crença e na Esperança,  
Procura a luz sublime dos espaços,  
Buscando a paz depois das grandes lutas.



## MÃO DIVINA

ANTERO DO QUENTAL

A luz da mão divina sempre desce  
Misericordiosa e compassiva,  
Sôbre as dores da pobre alma cativa,  
Que está nas sendas lúcidas da Prece.

Si a amargura das lagrimas se aviva,  
Si o tormento da vida recrudescer,  
Aguardai a abundância da outra messe  
De venturas que é da alma rediviva.

Confiado, esperai a Providência  
Com os sentimentos puros, diamantinos,  
Lendo os artigos rispídos da Lei!

Os filhos da Piedade e da Paciência,  
Encontrarão nos páramos divinos  
A paz e as luzes que eu não alcancei.

## ALMAS SOFREDORAS

ANTERO DO QUENTAL

Passam na Terra como as ventanias,  
Ou como agigantadas nebulosas  
Provindas de cavernas misteriosas,  
Essas compactas legiões sombrias;

Multidões de almas escravas de agonias,  
Com que andei entre queixas dolorosas,  
Ao palmilhar estradas escabrosas  
Entre as noites mais lúgubres e frias!

O' visões de martirios que apavoram,  
Miseraveis espiritos que choram,  
Sob os grillhões de rude sofrimento...

Orai por êles bons trabalhadores,  
Que estais colhendo sôbre a Terra as flores  
De um doce e temporario esquecimento.



## SUPREMO ENGANO

ANTERO DO QUENTAL

Vê-se da Terra o céu em toda a vida  
Como um verjél azul de lírios brancos,  
Onde mora a ventura e em cujos flancos  
Repousa a grande mágua adormecida.

Céu! quanta vez minhalma entristecida  
Anteviu tua paz, sob os arrancos,  
Sob os golpes da dor, rijos e francos,  
Na escuridão espessa e indefinida.

Não sonhei com teus deuses venturosos,  
Com teus grandes olímpos majestosos,  
Cheios de vida e de infinitos bens...

Antegozei sómente em minhas dores,  
A paz livre de treva e de esplendores  
Do imperturbavel nada que não tens!

## INCOGNOSCIVEL

ANTERO DO QUENTAL

Para o Infinito, Deus não representa  
A personalidade humanizada,  
Pelos séres terrenos inventada,  
Cheia as vezes, de cólera violenta.

Deus não castiga o sêr e nem o isenta  
Da dor que traz a alma lacerada,  
Nos pelourinhos negros de uma estrada  
De provação, de angústia e de tormenta.

Tudo se inculca a Deus nesse destêrro  
Da Terra, orbe da lagrima e do êrro,  
Que eu muito bem de perto conheci!

Mas quanto o homem fraco inda se engana,  
Porque em sua triste condição humana,  
Fez a essência de Deus igual a si.



## FATALIDADE

ANTERO DO QUENTAL

Crê-se na Morte o Nada e todavia,  
A Morte é a propria Vida ativa e intensa,  
Fim de toda a amargura da descrença,  
Onde a grande certeza principia.

O meu êrro no mundo da Agonia  
Foi crêr demais na angústia e na doença  
Da alma que luta e sofre, chora e pensa,  
Nos labirintos da filosofia...

E no meio de todas as canseiras,  
Cheguei enfim ás dores derradeiras  
Que as tormentas de lágrimas desatam!...

Nunca na Terra a crença se realiza,  
Porque em tudo no mundo o homem divisa,  
A figura das dúvidas que matam.

## MORTE

A. G.

Silenciosa madona da tristeza,  
A morte abriu-me as catedrais radiosas,  
Onde pairam as formas vaporosas  
Do país ignorado das Belezas.

Num diluvio de lírios e de rosas  
Filhos da luz de uma outra natureza,  
Que entornavam no espaço a sùtileza  
Dos incensos das naves harmoniosas!

Monja de olhar piedoso, calmo e austero,  
Que traz á Terra um suave reverbêro  
Da mansão das estrêlas erradias...

Irmã da paz e da serenidade,  
Que abriu meus olhos na Imortalidade,  
A esperança de todos os meus dias!



## O MISTERIO DA MORTE

AMADEU (?)

O mistério da morte é o mistéria da vida,  
Que abandona a materia exânime e cansada;  
Que trás a treva em si e abre a porta dourada  
De um mundo que entre nós é a luz desconhecida

Tambem tive a minha alma outrora perturbada  
De dúvida, incerteza e angústias consumida,  
Mas a morte sanou-me a última ferida,  
Desfazendo as lições utópicas do Nada.

A morte apenas é o mirífico processo  
Desassimilador das formas acessíveis  
A' luz do vosso olhar empobrecido e incerto.

Venho testemunhar a luz de onde regresso,  
Incitando a vossa alma aos planos invisíveis,  
Onde vive e se expande o espirito liberto.

## QUÁDRAS DE UM POETA MORTO

ANTONIO NOBRE



Nasceu em Portugal e morreu na cidade do Porto aos 34 anos de idade. Distinguiu-se pela suavidade e melancolia do seu estro. Deixou um livro inconfundível e ainda hoje muito estimado — "Só" — e "Despedidas", edição de 1902.

Coração não vos canseis  
De bater!... que importa lá?  
Porque os amores fiéis  
Nem a morte os vencerá.

O' figuras de velinhos  
Que andais dormitando ao léu!...  
Como são belos os linhos  
Que vos esperam no céu!

Dizem que os mortos não voltam...  
Voltam sim. E por que não?  
Os corpos daí nos soltam  
Como ás aves o alçapão.



Nem gritos e nem cantigas  
 Entre vós que á noite andais;  
 As almas das raparigas  
 Inda sonham nos choupais.

Nas grandes mansões da morte  
 Inda ha romance e noivados,  
 Venturas da boa sorte,  
 Corações despedaçados.

Quem riu ontem, quem ri hoje,  
 Nem sempre poderá rir...  
 Um dia o riso lhe foge  
 Sem que o veja escapulir.

Riquezas que valem elas  
 Si estão na sombra ou sem luz?  
 Tesouro são as estrêlas  
 Da bondade de Jesus.

Pode-se amar o veludo  
 De uns olhos e os brilhos seus,  
 Porém acima de tudo,  
 Devemos amar a Deus.

Vós que amais a luz da lua,  
 De vossa alma abrí as portas  
 Para os fantasmas da rua,  
 Que choram nas horas mortas.

Pensei que a morte era o fim  
 Das ânsias do coração;  
 Contudo, não é assim,  
 Nem pó e nem solidão.

A's vezes acham-se fojos,  
 Onde ha música e festins,  
 E ha muitos cardos e tojos  
 Entre as flores dos jardins.

Si eu pudesse extenderia  
 Minhas capas de luar,  
 Sôbre os filhos da agonia  
 Que andam no mundo a penar.

A morte só pode ser  
 A vida risonha e pura,  
 Para quem a padecer  
 Vive aí na sepultura.

Mal vais, si vais caminhando  
 Na ambição do ouro e da glória,  
 Nesse mundo miserando  
 Toda a ventura é illusoria.

Chorai! chorai orfãosinhos,  
 Vossas dores amargosas:  
 Achareis noutros caminhos  
 As vossas mães extremosas.

Deixa cantar ó menina  
 Teu coração sonhador...  
 No sepulcro não termina  
 O novelário do amor.

Um anjo cheio de encanto  
 Vive sempre com quem chora,  
 Guardando as gotas de pranto  
 Numa urna côr da aurora.



O universo, — os céus profundos,  
Cheios de vida e esplendor,  
Um céu é um ninho de mundos,  
Um mundo é um ninho de amor.

A caridade é a beleza  
De um divino plenilunio,  
Luz que se estende á pobreza  
Na escuridão do infortunio.

Aos mendigos desprezados  
Não ridicularizeis,  
São senhores despojados  
Dos seus tesouros de reis.

Aqui a alma inda espera  
O alguém que na Terra amou,  
O raio de primavera  
Que aí jamais encontrou.

Ha quem faça aí mil contas,  
Que os interêsses resuma,  
Mas morrem cabeças tontas,  
Sem fazer conta nenhuma.

Tecei sonhos, fiandeiras,  
O' almas enamoradas,  
Vivei aí nas clareiras  
De luzes alcandoradas.

Ah! que sinto aqui saudades  
Das noites de S. João,  
Sonho, estrêlas, claridades,  
Cantigas do coração.

Na minha vida de agora  
Não canto as festas louças,  
Naquelas toadas de outrora  
A's moçoilas coimbrãs.

Acompanha-me a tristeza  
Das saudades por meu mal;  
Minha terra portuguesa!...  
Meu querido Portugal!...

## DO ALÉM

ANTONIO NOBRE

Pudesse o nosso olhar vagueando os ermos  
Ver, através da propria soledade,  
A expressão luminosa da Verdade  
E da luz da Verdade não descrermos.

Preocupar-se aí, porém quem ha de  
Com o problema de sermos ou não sermos,  
Pois que o ardente desejo de o sabermos  
E' sempre o anêlo falso da vaidade?

Peregrinos da dor, na dor andamos  
Sem que a nossa miseria se desfaça  
No escabroso caminho onde marchamos,

Seguindo a alma nos sonhos iludida,  
Até que a dor unindo-se á desgraça  
Descerre os véus que encobrem outra vida.



SONETO

ANTONIO NOBRE

“Quando cobrir-se o chão de folhas mortas  
— Meu coração dizia em grave entono —  
Extinguindo-se a vida que comportas,  
Dormirás no meu seio o último sono...”

E murmurava a alma — “Findo o outono  
A primavera vem por outras portas;  
Não existe no túmulo o abandono,  
Ou a dor amarga e rude em que te cortas”.

Escutava essas vozes comovido,  
Morto de angústia, morto de incerteza,  
Aguardando o sol-posto entristecido;

E além da amarga vida de segundos,  
Ressurgi da tortura e da tristeza  
Sob os ares felizes de outros mundos.

AO MUNDO

ANTONIO NOBRE

A Terra é o vasto abismo onde a alma chora,  
O vale de amarguras do Salmista,  
Lodoso chavascal onde se avista  
A podridão dos vermes que apavora.

Mas, para os grandes bens, para que exista  
A perfeição da luz deslumbradora,  
Precisamos da carne que aprimora  
Com a camartelo mágico do artista.

Terra, tranqüilamente eu te abençoo..  
Porque da tua dor alcei meu vôo  
Para a mansão das luzes opulentas;

Teu rigôr nos redime e nos eleva;  
Mas és ainda o cárcere da tréva,  
Triste mundo de chagas pustulentas!



## A' MOCIDADE

ANTONIO NOBRE

Cantai! cantai ó mocidade! Moira  
Encantada que ri nos prados verdes,  
Cantai o amor que é luz que se entesoira,  
Vibraí na luz da vida em que viverdes.

Glorificai ditosa o sol que doira  
O riso, que espalhais sem compreenderdes,  
Expandí-vos na primavera loira,  
Nos poemas de luar que conceberdes!

Ide cantando, mocidade ardente,  
Alvorada em Abril, do sol nascente,  
Clareando o porvir almo é risonho;

Marchai sorrindo, fresca juventude,  
Na exaltação do amor e da saúde,  
Ebria de aroma e luz, ébria de sonho!...

## MINIATURAS DA SOCIEDADE ELEGANIE



ARTUR DE AZEVEDO

Natural do Maranhão. Nas-  
cido a 7 de Julho de 1855 e fa-  
lecido na cidade do Rio de Ja-  
neiro a 22 de Outubro de 1908.  
Diretor geral do Ministerio da  
Viação, Poeta, comediágrafo,  
jornalista e crítico. Membro da Academia Brasileira, onde occupou  
a cadeira de Martins Pena.

I

Adriano Gonçalves de Macedo,  
Homem de cabedais e alma sem siso,  
Penetrou no seu quarto com um sorriso  
A's dez horas da noite, muito a medo.

Uma carta de amante — era um segredo —  
Ia abrí-la e assim era preciso  
Que a sua espôsa, dama de juizo,  
Não na visse nem mesmo por brinquedo:



Dona Coralia Augusta Colavida,  
Estaria nessa hora recolhida?  
Levantou uma cortina, devagar...

Mas, que tragédia após êsse perigo...  
Sua espôsa beijava o seu amigo,  
Sôbre um divã da sala de jantar.

## II

No belo palacete do Furtado,  
Palestrava a galante Mariquita  
Com um pelintra afetado, assáz catita,  
Seu bacharel e meigo enamorado.

De sôbre a grande cômoda bonita  
Toma o moço um livrinho encadernado,  
Revirando-o nas mãos, interessado,  
Mas a jóven retoma-o, muito aflita:

— “Êsse livro, Antonico, é o meu breviarío!”  
Dí-lo a êle num riso de falsário,  
Toma-o de novo ás suas mãos trementes:

Abriu-o. Mais o olhava e mais se ria...  
Era um compêndio de pornografia,  
Recamado de quadros indecentes.

## III

Dom Castilho, notavel latinista,  
Realizára alentada conferência,  
Sôbre rígido assunto moralista  
Protegido dos membros da regência.

Foi um sucesso. E a espôsa Ana Fulgencia,  
Nele via uma grande alma de artista,  
Louvando-lhe a utilissima existência  
De homem probó e notavel publicista.

Que primor de moral! e os companheiros  
Escritores, poetas, conselheiros,  
Fôram levar-lhe um abraço camarada.

Numa corrida louca êsses senhores  
Fôram achá-lo em seus trajés menores,  
No apartamento escuro da criada...



## VOZ DO INFINITO



AUGUSTO DOS ANJOS

Paraibano. Nasceu em 1884 e desincarnou em 1914, como professor no Colegio Pedro II. Inconfundível pela bizarria da técnica, bem como dos assuntos de sua predileção, deixou um só livro — Eu — que foi, aliás, suficiente para lhe dar personalidade original.

### I

No excêntrico labor das minhas normas  
Na Terra, muita vez, me consumia  
Perquirindo nas leis da biologia  
As expressões orgânicas das formas.

O fenómeno apenas, porque o fundo  
No nómeno, as eviternas rutilâncias  
Eram partes do Todo das Substâncias  
Desde o estado prodrômico do mundo.



E com o espirito absconso em paroxismos  
 No ígneo incêndio de batalha acesa,  
 Via Deus adstrito á natureza,  
 Deus era a lei de eternos transformismos.

Concepção panteistica englobando  
 As substâncias todas na Unidade,  
 Perpetuando-se em continuidade,  
 A essência onicriadora reformando.

O corpo, desde o embrião inicial,  
 Era um mero atavismo revivendo;  
 A alma era a molécula sofrendo  
 Afastada do Todo Universal;

Dominava-me todo o medo horrível,  
 Do meu viver que eu via transtornado.  
 Eu era um átomo individualizado  
 Em cerebralidade putrecível.

A' luz dessa dourada ignorância  
 E com certeza lógicas, numéricas,  
 Notava as pestilências cadavéricas  
 Iguais á carne anjélica da infância;

A sutilez do arminho que se veste,  
 A corôa aromática das flores,  
 Irmanadas aos pútridos fedores  
 De emanações pestíferas da peste.

Extravagância e excesso jamais visto  
 De idéia que esteriliza e desensina,  
 Loucura que igualava Messalina  
 A' pureza lirial da Mãe de Cristo.

Assim vivi na presunção que via,  
 Dos ácumes da ciência e do saber,  
 Os princípios genéricos do sêr  
 No pantanal da lama que eu vivia.

Vi, porém, a materia apodrecer,  
 E na individualidade indivisível  
 Ouvi a voz esplêndida e terrível  
 Da luz, na luz etérica a dizer: —

## II

Louco que emerges de apodrecimentos,  
 Alma pobre, esquelético fantasma  
 Que gastaste a energia do teu plasma  
 Em combates e lésreis, famulentos...

Em teus dias inuteis fôste apenas  
 Um corvo ou sangue-suga de defuntos,  
 Vendo sómente a cárie dos conjuntos,  
 Entre as sombras das lagrimas terrenas.

Vias os teus iguais, iguais aos odres  
 Onde se guarda o fragmento imundo,  
 De todo o estêrco que apavora o mundo  
 E as ruins exalações dos corpos podres.

E tanto viste os corpos e as materias  
 No esterquilínio generalizados,  
 E os instintos hidrófobos, danados,  
 Em meio de excrecências e miserias,

Que corrompeste a íntima saúde  
 Da tua alma cégada de amargores,  
 Que na Terra não viu os esplendores  
 E as luzes ignóvomas da virtude.



Olhos cegos ás chamas da bondade  
De Deus e á divinal misericórdia,  
Que espalha o bem e as auras da concórdia  
No coração de toda a humanidade.

Descansa, agora, vibrião das ruínas,  
Esquece o verme, as carnes, os estrumes,  
Retempera-te em meio dos perfumes  
Cantando a luz das amplidões divinas”.

## III

Calou-se a voz. E sufocando gritos  
Filhos do pranto que me espedaçava,  
Reconheci que a vida continuava,  
Infinita em eternos infinitos.

## A DOR

AUGUSTO DOS ANJOS

Donde vem essa fôrça absoluta,  
Que é a dor insaciavel que estraçalha,  
Com a inflexibilidade da metralha  
Que inutiliza os corpos para a luta;

Clava feroz, terrivelmente hirsuta,  
Com antropofagismos de batalha,  
Ferindo aritmética sem falha,  
E que incessantemente nos prescruta?

Não nasce de um designio divino,  
Nem de fatalidades do destino  
Que destrói nossas células sensitivas;

Vem-nos dos proprios males que engendramos  
Em cujo ignoto báratro afundamos,  
Através de existências sucessivas.



## VOZES DE UMA SOMBRA

AUGUSTO DOS ANJOS

Donde venho? das eras remotíssimas,  
 Das substâncias elementaríssimas,  
 Emergindo das cósmicas matérias.  
 Venho dos invisíveis protozoários,  
 Da confusão dos séres embrionários,  
 Das células minúsculas das bactérias

Venho da fonte eterna das origens,  
 No turbilhão de todas as vertigens  
 Em transsubstanciações, fundas e enormes,  
 Do silêncio da mónada invisível,  
 De tétro e fundo abismo, negro e horrível,  
 Vitalizando corpos multiformes.

Sei que evolui e sei que sou oriundo  
 Do trabalho telúrico do mundo,  
 Da Terra no vultoso e imenso abdomen;  
 Sofri, desde as intensas torpitudes,  
 Das larvas microscópicas e rudes,  
 A' infinita desgraça de ser homem.

Na Terra apenas fui terrível prêsã,  
 Na simbiose da dor e da tristeza  
 Durante penosíssimos minutos;

A dor, essa tirânica incendiária,  
 Abatia-me a vida solitaria  
 Como si eu fôsse o bruto entre os mais brutos.

Depois, voltei dêsse laboratório  
 Onde me revolvi como infusório,  
 Como animálculo inferior e obscuro,  
 Té atingir a evolução dos séres  
 Concientes de todos os deveres,  
 Descortinando as luzes do futuro.

E vejo os meus incognitos problemas  
 Iguais a horrendos e fatais dilemas,  
 Enigmas insolúveis e profundos;  
 Sombra egressa de lousa dura e fria,  
 Grito ao mundo o meu grito que se alia  
 A todos os anseios gemebundos: —

“Homem, por mais que gastes teus fosfatos  
 Não saberás, analisando os fatos,  
 Inda que desintegres energias,  
 Porque existem o completo e o incompleto,  
 Como é que em homem se transforma o feto  
 Entre os duzentos e setenta dias.

A flor da laranjeira, a asa do inséto,  
 Um estafermo e um Tales de Mileto,  
 Como existiram não perceberás;  
 E nem corpreenderás como se opera  
 A mutação do inverno em primavera,  
 E a transsubstanciação da guerra em paz.

Como vivem o novo e o obsoleto,  
 O ângulo obtuso e o ângulo reto  
 Dentro das linhas da geometria;



O cérebro de Miguel Angelo nas artes,  
E o espírito profundo de Descartes  
No eterno estudo da filosofia.

Porque existem as crianças e os macrobios  
Nas coletividades dos microbios,  
Que fazem a vida enfêrma e a vida sã;  
Os antigos remédios alopatas  
E as modernas dosagens homeopatas,  
Produto da experiência de Haneman.

A psíquica-análise freudiana  
Tentando aprofundar a alma humana,  
Com a mais requintadíssima vaidade,  
E as teorias do espiritualismo  
Enchendo os homens todos de ótimismo,  
Mostrando as luzes da imortalidade.

Como vive o canario junto ao corvo,  
Um céu iluminado e um inferno torvo  
Nos absconsos refolhos da consciência;  
O laconismo e a prolixidade,  
A atividade e a inatividade,  
A noite da ignorância e o sol da ciência.

As epidermes e as aponevroses,  
As grandes atonias e as nevroses,  
As atrações e as grandes repulsões,  
Que reunindo os átomos no solo  
Tecem a evolução de polo a polo,  
Em prodigiosas manifestações;

Como os degenerados blastodermas  
Criam a descendência dos palermas  
No lupanar das pobres meretrizes,

Junto dos palacetes higiênicos,  
Onde entre gozos fúlgidos e edênicos  
Cresce a alegre progênie dos felizes.

Os lombricoides mínimos, os vermes,  
Em contraposição com os paquidermes,  
Assombrosas antíteses no mundo;  
E' o gigante e o germe originario,  
São os milhares de óvulos de um ovario,  
Onde ha sómente um óvulo fecundo.

A alma pura de Cristo e a de Tiberio,  
Vaso de carne podre, o cemiterio,  
E o jardim rescendendo de perfumes;  
O doloroso e tétro cataclismo  
Da beleza louçã do organismo,  
Repleto de dejectos e de estrumes.

As coisas substanciais e as coisas ôcas,  
As idéias conexas e as loucas,  
A teoria cristã e Augusto Conte;  
E o desconhecido e o devassado,  
E o que é limitado e o ilimitado  
Na ótica illusoria do horizonte.

Os terrenos povoados e o deserto,  
Aquilo que está longe e o que está perto;  
O que é desmarcado e o que tem marca;  
A funda simpatia e a antipatia,  
As atrofia e a hipertrofia,  
Como as tuberculoses e anasarca.

Os fenomenos todos geológicos,  
Psíquicos, científicos, sociológicos,  
Que inspiram pavor e inspiram medo;



Homem! por mais que a idéia tua gastes  
Na solução de todos os contrastes,  
Não saberás o cósmico segrédo.

E apesar da teoria a mais abstrusa  
Dessa ciência inicial, confusa,  
Dos materialisticos ateus,  
Caminharás lutando além da cova,  
Para a Vida que eterna se renova,  
Buscando as perfeições do Amor em Deus.

### VOZ HUMANA

AUGUSTO DOS ANJOS

Uma voz. Duas vozes. Outras vozes.  
Milhões de vozes. Cosmopolitismos.  
Gritos de feras em paroxismos,  
Uivando subjugadas e ferozes.

E' a voz humana em interminas nevroses,  
Seja nas concepções dos ateismos,  
Ou mesmo vinculada a gnosticismos  
Nos singultos pre-agônicos, atrozes.

E' nessa eterna súplica angustiada,  
Que eu vejo a dor em gozos, insaciada,  
Nutrir-se de famélicos prazeres.

A dôr, que gargalhando em nossas dôres,  
E' a obreira que tece os esplendores,  
Da evolução onímoda dos séres.

### A L M A

AUGUSTO DOS ANJOS

Nos combates ciclópicos, titânicos,  
Que eu ás vezes, na Terra, empreendia  
Nos dominios da psicologia,  
Buscava as almas, séres inorgânicos;

Nas lagrimas, nos risos e nos pânicos,  
Nos disturbios sutis da hipocondria,  
Nas defectividades da estesia,  
Nos instintos soezes e tirânicos.

Sômente achava corpos na existência  
E o sangue em continuada efervescência,  
Com impulsos terrificos e tredos.

Enceguecido e louco, então que eu era,  
Que não via dos astros á monera,  
As luzes da alma em tragicos segredos.



## ANALISE

AUGUSTO DOS ANJOS

O' que destida extranha a de nascermos  
 Nas sombras melancólicas dos ermos,  
 Dos recantos dos mundos inferiores,  
 Onde a luz é penumbra tênue e vaga  
 Que sem vigor, fraquissima, se apaga  
 Ao furacão indómito das dores.

Voracidade onde a alma se mergulha,  
 Apoucado Narciso que se orgulha  
 Na profundez ignota dos abismos  
 Da carne que, estrambótica, apodrece,  
 Que atrofiada, hipertrófica, parece  
 Cataclismo dos grandes cataclismos.

Agrilhoarmo-nos ao fogo dos instintos,  
 Serpentes entre escrófulas e helmintos  
 Na hediondez dos mórbidos sensualismos.  
 Tendo a alma, centelha, luz e chama,  
 Amalgamada em pântanos de lama,  
 Em sexualidades e histerismos.

Misturarmos clarões de sentimentos  
 Entre vísceras, nervos, tegumentos,  
 Na agregação da carne e dos humores,

Atrocidade das atrocidades;  
 Enegrecermos luminosidades  
 Na macabra esterqueira dos tumores.

E nisto achar fantásticos prazeres,  
 Ilusão hiperbólica dos sêres,  
 Bestializados, materializados;  
 Espiritos em ânsias retroativas,  
 No transcorrer das vidas sucessivas,  
 Nas ferezas do instinto, atassalhados.

Mas a análise crua do que eu via  
 Hedionda lição de anatomia,  
 E' mais que uma atrevida aberração;  
 Que se quebre o escarpelo dos meus versos,  
 Entreguemos a Deus seus universos  
 Que elaboram a eterna evolução.



## EVOLUÇÃO

AUGUSTO DOS ANJOS

Si devassassemos os labirintos  
Dos eternos principios embrionarios,  
A cadeia de impulsos e de instintos,  
Rudimentos dos sêres planetarios;

Tudo o que a poeira cósmica elabora  
Em sua atividade interminavel,  
O anseio da vida, a onda sonora  
Que percorrem o espaço imensuravel;

Veriamos o evoluir dos elementos,  
Das origens ás subitas ascêses,  
Transformando-se em luz, em sentimentos  
No assombroso prodigio das esteses,

No profundo silêncio dos inermes  
Inferiores e rudimentares,  
Nos rochedos, nas plantas e nos vermes,  
A mesma luz dos corpos estelares.

E' que dos invisiveis microcosmos,  
Ao monolito enorme das idades,  
Tudo é clarão da evolução do cosmos,  
Imensidade nas imensidades.

Nós já fomos os gêrmes de outras eras.  
Enjaulados no cárcere das lutas;  
Viemos do principio das moneras  
Buscando as perfeições absolutas.

## H O M O

AUGUSTO DOS ANJOS

I

Ao meu tétrico olhar abominavel  
O homem era o fruto abstruso da ânsia,  
Heterogeneidades da Substância,  
Argamassando um Todo miseravel.

Exótica psiquê indeterminavel  
Na mais remota epispase da infancia,  
Desde a mais abscondita reintrância  
Da sua embriogenia detestavel.

Do intravascular principio informe,  
Larva repugnante e vermiforme,  
Nos intimos recôncavos da placenta,

A' quietação dos túmulos inermes,  
Era um feixe de mónadas de vermes  
Dissolvidas na terra famulenta.



## II

Após a introspecção do Além da Morte  
Vendo o humus que as próprias vértebras come,  
Devorar, com atra e hórrida, árdega fome  
Minhas carnes em lúbrico transporte;

Vi que o "ego" era o alento flâmeo e forte  
Da luz mental que a morte não consome.  
Não ha luta mavórtica que o dome  
Ou venenada lâmina que o corte.

Depois da estercorária microbiana  
De que a Terra obnoxia se engalana  
Nos ergástulos do Infinitesimal;

Volve o espirito ao páramo celeste,  
Onde a deifica essência se reveste  
Da substância fluida universal.

## INCÓGNITA

AUGUSTO DOS ANJOS

Por que misterioso incompreensível,  
Vomito ainda em náuseas para o mundo,  
Todo o fél, toda a bilis do iracundo,  
Si eu já não tenho a bilis putrecível?

Insondavel arcano, porque inundo,  
Todo o meu ser exótico e ultra-sensível,  
Na luz e ainda idolatro o gôsto horrível  
De apostrofar o pobre corpo imundo.

Fluidos teledinâmicos me servem  
Tranmitindo as idéias que me fervem,  
No cérebro candente, igneo, em brasa...

De que concavidade do Universo,  
Vem-me o açoite flamívomo do verso,  
Chama da mesma chama que me abrasa?



## NÚMERO INFINITO

AUGUSTO DOS ANJOS

Sistoles e diástoles derradeiras  
No hirto peito, rígido e gelado;  
E eu via o Último Número extenuado,  
Estertorando sôbre as montureiras.

Interregno. Escuridão, ânsia e inferneiras:  
Depois o ar, o oxigênio eterizado,  
E depois do oxigênio o ilimitado,  
Resplendente clarão de horas primeiras.

Busquei a última visão das vistas foscas,  
O Derradeiro Número entre as moscas,  
A' camada telúrica adstrito;

E eu, vítima dútil da desgraça,  
Vi que cada minuto que se passa  
E' nova luz do Número Infinito.

## EGO SUM

AUGUSTO DOS ANJOS

Eu sou quem sou. Extremamente injusto,  
Seria eu si não vos declarasse,  
Si vos mentisse, si mistificasse,  
No anonimato, sendo eu o Augusto.

Sou eu que com intellecto de arbusto,  
Jámais cri e por mais que o procurasse,  
Quer com Darwin, com Haeckel, com Laplace,  
Levantar-me do leito de Procusto.

Sou eu que a rota etérica transponho,  
Com a rapidez fantástica do sonho,  
Inexprimível nas termologias;

O mesmo triste e estrábico produto,  
A'tramente a gemer a mágua e o luto,  
Nas mais contrárias idiosincrasias.



## DENTRO DA NOITE

AUGUSTO DOS ANJOS

Noite. A' Terra volvo. E lúcido entro  
Em relação com o mundo onde concentro  
Meu espirito na queixa atordoadora  
Da prisioneira, da perpétua grade,  
— A miserrima e pobre humanidade,  
Aterradoramente sofredora!

Ausulto a humana dôr, que hórrida sinto,  
Da alma quebrando o cárcere do instinto,  
Buscando ávida a luz. Por mais que sonde.  
Mais o enigma do mundo se lhe aviva,  
Em diferenciação definitiva,  
Mais a luz desejada se lhe esconde.

E' o quadro mesológico, tremendo,  
De tudo o que ficou no abismo horrendo  
Da tenebrosa noite dos gemidos;  
São os uivos dos instintos jámais hartos,  
As dores espasmódicas dos partos,  
A desgraça dos úteros falidos.

E' a ansia afrodisíaca das bôcas,  
Que nas bestialidades se unem loucas,  
As bactérias mais vís ambas trocando;

As dolorosas maguas dos enfermos  
Sentindo-se em seus leitos como em ermos,  
Deplorando o destino miserando.

São os ais dos leprosos desprezados,  
Tendo os seus organismos devastados  
Pela insaciabilidade dos micróbios,  
Vendo cair seus membros carcomidos,  
Verminados, cruéis, apodrecidos,  
Plantando a dôr no chão dos seus cenóbios...

E' o grito, o anseio, a lágrima, a mágua do homem  
Agrilhoado aos prantos que o consomem,  
Prêzo ás dores que se lhe agrilhoaram;  
E' a imprecação de todos os lamentos  
Dentro do mundo de padecimentos,  
Dos desejos que se não realizaram.

Pábulo sou dessa horrível agonia  
E por milagres da hiperestesia,  
Experimento além das catacumbas  
Essa angústia indomável, atrocíssima,  
Junto da emanação requintadíssima  
Do ácido sulfídrico das tumbas,

Trazendo dentro dalma envoltos na ânsia  
O asco e dó, piedade e repugnância  
Pelo espirito e o corpo nausebundo;  
E com os meus pensamentos desconexos,  
Vejo a guerra pestífera dos sexos,  
Abominando as cousas dêste mundo.

Terra!... e vem-me fortes cheiros acres  
Como o cheiro do sangue dos massacres,  
Fétido, coagulado, decomposto;



Escorrendo num campo de batalhas,  
Onde as almas se vestem de mortalhas,  
Desde o sol-posto ao proximo sol-posto.

Apavora-me o horror dessa miseria  
E fujo da imundicie da materia,  
Onde traguei meus grandes amargores;  
Fujo... E ainda transpondo o Azul sereno,  
Sinto em minhalma o tóxico, o veneno  
Do infortunio dos sêres soffredores.

#### HOMEM — CÉLULA

AUGUSTO DOS ANJOS

O homem é a célula ainda escravizada  
Nos turbilhões das lutas cognitivas,  
Egressa do arsenal de fôrças vivas  
Que chamamos a estática do nada.

Sob transformações consecutivas  
Vem dessa Origem indeterminada,  
Onde se oculta a luz indecifrada  
Dos principios das luzes coletivas.

Vem através do Todo de elementos,  
Em sucessivos aperfeiçoamentos,  
Nas conquistas da Personalidade;

Até encontrar a Perfeição profunda  
E indivisível, pura e se confunda  
No transcendentalismo da Unidade.

#### NA IMENSIDADE

AUGUSTO DOS ANJOS

Alma humana, alma humana, tu que dormes  
Entre os grandes colossos desconformes  
Da carne, essa voraz liberticida,  
Dêsse teu escafandro de albuminas,  
Em tua mesquinhez não imaginas  
A intensidade esplêndida da vida.

Inda não vês e eu vejo panoramas  
De luz em gigantescos amalgamas,  
De sóis nas regiões imensuráveis,  
Auscultando os espaços mais profundos.  
Na sinfonia harmônica dos mundos,  
Singrando a luz de céus incomparáveis.

Do teu laboratorio de arterites,  
De gangliomas, úlceras, nevrites,  
Ao lado de humanissimas vaidades,  
Não podes perceber as ressonâncias,  
Quintessências de todas as substâncias  
Na fluidez das eletrificadas.

Aqui não ha vertigens de nevroticos,  
Nem bisonhos aspectos de cloroticos  
Nas estradas de eternos ótimismos!



A vida é o espetáculo de grandezas,  
Submersão nas fluidicas belezas,  
Envergando os etéreos organismos.

Ante a minhalma fulgem ideogramas,  
Pensamentos radiosos como chamas,  
Combinações no Mundo das Imagens;  
São vibrações das almas evoluidas  
E que concretizadas e reünidas,  
Formam luminosissimas paisagens...

Em pleno espaço — Imensidades de ânsias,  
Sem aritmologias das distâncias,  
Sem limites, sem número, sem fim!  
Deus e Pai óh Artista Inimitavel,  
Deixai meu sêr esdrúxulo, execravel,  
No prolongado e edênico festim!

## ALTER EGO 201

AUGUSTO DOS ANJOS

Da morte extranha que devora as vidas,  
Eis-me longe dos rudes estertores  
Sem guardar os microbios homicidas  
De eternos atavismos destruidores.

Tenho outro sêr talhado pelas dores  
De todas as minhas células falidas,  
Que se putrefizeram consumidas  
Com os seus instintos atordoadores.

Não sou o homúnculo da hominal especie  
Da terrigena raça que padece  
Das mais pungentes heteromorfias.

Mas contérmino á carne que me aterra,  
Envólvo-me nos fluidos máus da Terra,  
E sou o espectro das anomalias.



## AOS FRACOS DA VONTADE

AUGUSTO DOS ANJOS

Homem, levanta o véu do teu futuro,  
Troca o prazer sensualista e obscuro  
Pelo conhecimento da Verdade.  
Foge do escuro ergástulo do mundo,  
E abandona o Desejo moribundo  
Pelo poder de tua divindade.

Teu corpo é todo um orbe grande e vasto:  
Livra-o do mal honífero, nefasto,  
Com a espada de todas as virtudes;  
Que o sol da tua mente, eterno esplenda,  
Dando a teu mundo a magica oferenda  
Da alegria em divinas plenitudes.

Deixa o conjunto de ancestralidades  
Da carne — o eterno simbolo do Hades —  
Onde o espirito clama, sofre e chora:  
Deixa que as tuas glândulas do pranto  
Te salvem no cadinho sacro-santo  
Da lagrima pungente e redentora.

Mas sobretudo observa o pensamento,  
Fonte da fôrça e altissimo elemento,  
Em que toda molécula se cria:

Ela faz na existência um tumulo abjeto,  
Ou um jardim luminoso e predileto,  
De arcanjêlicas flores de Harmonia.

Ouve-te sempre a ronda do misterio,  
Mas faze de tua alma um grande imperio  
De beleza, de paz e de saúde:  
Que as tuas agregações moleculares  
Vivam livres de todos os pesares,  
Com os tónicos sagrados da Virtude.

Tua vontade esclarecida e forte  
Triunfará das angústias e da morte,  
Além dos planos tristes da materia,  
Mas a tua vontade enfraquecida  
E' a meretriz nos báratros da vida,  
Amarrada no catre da miseria!



## AO HOMEM

AUGUSTO DOS ANJOS

Tu não és força nêurica sômente  
Movimentando células de argila,  
Lama de sangue e cal que se aniquila  
Nos abismos do Nada eternamente;

És mais, és muito mais, és a cintila  
Do Céu, a alma da luz resplandecente,  
Que um mistério implacavel e inclemente  
Amortalhou na carne átra e intranquãila.

Apesar das verdades fisiológicas,  
Reflexas das ações psicológicas,  
Dessa tua pessérrima existência,

És um sêr imortal e responsavel,  
Que tem a liberdade incontestavel  
E as lições da verdade na consciência.

## MATERIA CÓSMICA

AUGUSTO DOS ANJOS

Glória á materia cósmica, a energia  
Potencial que dá vida aos elementos,  
Base de portentosos movimentos  
Onde a Forma se acaba e principia.

Sistematização dos argumentos  
Que elucidam a Teleologia,  
Dentro da força cósmica se cria  
A fonte mater dos conhecimentos.

Ela é o Od ignoto, o éter divino,  
Onde Deus grava a história do destino  
Dos seus feitos de Amor no Amor imersos.

Livro onde o Criador Inimitavel  
Grava com o pensamento almo e insondavel,  
Seus poemas de sêres e universos.



## RAÇA ADAMICA

AUGUSTO DOS ANJOS

A civilização traz o gravame  
Da origem remotíssima dos Arias,  
Estirpe das escórias planetarias  
Segregadas num mundo amargo e infame.

Árvore genealógica de párias,  
Faz-se mistér que o cárcere a conclame,  
Para a reparação e para o exame  
Dos seus crimes nas quédas milenarias.

Foi essa raça podre de miseria  
Que fez nascer na carne deleteria  
A esperança nos céus inesquecidos;

Removendo fantasticos tropeços,  
Fez da Terra o caminho dos progressos,  
Mas um mundo de deuses decaídos.

## A SUBCONCIENCIA

AUGUSTO DOS ANJOS

Ha sim a inconciência prodigiosa  
Que guarda infinitésimas ocorrências  
De todas as transcorridas existências  
Do espirito quando sofre, luta e goza.

Ela é a registradora misteriosa  
Do subjetivismo das essências,  
Conciência de todas as consciências,  
Fora de toda a sensação nervosa.

Câmara da memória independente  
Arquiva tudo rigorosamente  
Sem massas cerebrais organizadas,

Que o neurone oblitera por momentos.  
Mas que é o conjunto dos conhecimentos  
Das nossas vidas estratificadas.



## ESPIRITO

AUGUSTO DOS ANJOS

Busca a Ciência o Sêr pelos ossuários,  
No órgão morto, impassível, atro e mudo,  
No labor anatomico, no estudo  
Do germe, em seus impulsos embrionários;

Mas só encontra os vermes-funcionários  
No seu trabalho infame, horrendo e rudo,  
De consumir as podridões de tudo  
Nos seus medonhos ágapes mortuários.

No meio triste de cadaverinas  
Acha-se apenas ruína sôbre ruínas,  
Como o bolor e o môfo sob as heras;

A alma que é Vibração, Vida e Essência,  
Está nas luzes da sobrevivência  
No transcendentalismo das esfêras.

## "VIDA E MORTE"

AUGUSTO DOS ANJOS

A morte é como um fato resultante  
Das ações de um fenómeno vulgar,  
Desorganização molecular,  
Fim das forças do plasma agonizante.

Mas a vida a si mesma se garante  
Na sua eternidade singular,  
E em sua transcendência vai buscar  
A luz do espaço, fúlgida e distante!

Vida e Morte — fenómenos divinos,  
Na ascendência de todos os destinos,  
Do portentoso amor de Deus oriundos...

Vida e Morte — Presente eterno da Ansia,  
Ou condição diversa da substância  
Que manifesta o espírito nos mundos.



## ALMAS DILACERADAS



AUTA DE SOUZA

Poetisa norte-rio-grandense, prematuramente desincarnada em 1901, com 25 anos. Talento promissor, lira suavíssima, não lhe conhecemos **Horto**, editado em Paris em 1910. Sabemos, contudo, que foi um espírito sofredor, melancólico, de sensibilidade delicadíssima, qual se evidencia agora nestas produções.

Quando, em dores, na Terra inda vivia,  
Caminhando em aspérrimas estradas,  
Via prêsas do pranto e da agonia,  
Almas feridas e dilaceradas.

Escutava a miseria que gemia  
Dentro da noite de ânsias torturadas,  
Treva espessa da senda tão sombria  
Das criaturas desesperançadas.



E eu que era irmã dos grandes soffredores,  
Sofria, crendo, que tais amargores  
Encontrariam termos desejados.

E, confiada na crença que tivera,  
Cheguei á luz da eterna primavera,  
Onde ha paz para os pobres desgraçados.

### CONTRASTES

AUTA DE SOUZA

Existe tanta dor desconhecida  
Ferindo as almas pelo mundo em fóra,  
Tanto amargor de espirito que chora  
Em cansaços nas lutas pela vida;

E ha tambem os reflexos da aurora  
De ventura que torna a alma florida,  
A alegria fulgente e extremecida,  
Aureolada de luz confortadora.

Ha, porém, tanta dor em demasia,  
Sobrepujando instantes de alegria,  
Tanto desânimo e tantas desventuras,

Que aquele que envenena-se no gozo,  
Deve fugir das horas de repouso  
Minorando as alheias amarguras.

### MAGUA

AUTA DE SOUZA

Muitas vezes sonhei na Terra ingrata  
O paraíso doce da ventura,  
Vendo sómente o espinho da amargura  
Que as nossas tristes lágrimas desata;

Sómente a dôr intermina que mata  
A alegria mais lúcida e mais pura,  
O veneno da acerba desventura  
Que fere em nós a aspiração mais grata.

Se apenas vi, porém, a magua intensa  
Que rouba a luz, o amor, a paz e a crença  
E' que a dor da minh'alma em tudo eu via.

E aumentava minha íntima tristeza  
Vendo em tudo, na propria natureza,  
A mesma dor que eu tanto padecia.



## HORA EXTREMA

AUTA DE SOUZA

Quando exhalei meus últimos alentos  
Nesse mundo de máguas e de dôres,  
Sentí meu ser fugindo aos amargores  
Dos meus dias tristonhos e nevoentos.

A tortura dos últimos momentos  
Era o fim dos meus sonhos promissores,  
Do meu viver sem luz, sem paz, sem flores,  
Que se extinguia em átros sofrimentos.

Sentí, porém, minha alma sofredora,  
Mergulhada nas brisas de uma aurora  
Sem as sombras da dor e da agonia...

Então parti, serena e jubilosa,  
Em demanda da estrada esplendorosa  
Que nos conduz ás plagas da harmonia!

## EM PAZ

AUTA DE SOUZA

Tanto roguei a paz consoladora,  
Durante os meus amargos sofrimentos,  
Elevando a Jesus meus pensamentos  
Que recebi a paz confortadora!...

Sentindo-me feliz, ditosa agora,  
Nessas paragens de deslumbramentos,  
Onde terminam todos os tormentos  
Que inundam de amargor a alma que chora;

Jesus! doce Jesus meigo e bondoso,  
Eu agradeço a paz que concedestes  
Ao meu viver tristonho e doloroso.

E dêsse lindo oásis encantado,  
Canto de luz dos páramos celestes,  
Bendigo o vosso amor ilimitado!



## EM ÊXTASE

AUTA DE SOUZA

Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,  
Abrasada de amor eu viveria,  
Sorvendo a luz do calix da harmonia  
Em paz serena, eterna e derradeira!...  
Por teu amôr, Jesus, inda quisera  
Volver ao pó da carne dos mortais,  
Para cantar a terna primavera  
Do teu amôr nas lutas terrenais,  
Depois da treva espessa da amargura,  
Para exaltar as luzes que me déste  
Na cariciosa e doce paz celeste,  
Meu tesouro de fúlgida ventura;  
Para dizer tua bondade imensa  
Aos meus irmãos, os homens pecadores,  
Mergulhados na noite da descrença,  
Nos abismos dos males e das dôres;  
Para falar a todas as criaturas  
Da tua alma esplendente de bondade,  
Afastando as amargas desventuras  
Do coração da pobre humanidade.  
Aos teus pés, meu Jesus, a vida inteira,  
Abrasada de amor eu viveria,  
Sorvendo a luz do calix da harmonia  
Em paz serena, eterna e derradeira!...

## M Ã E

AUTA DE SOUZA

O' minha santa mãe, era bem certo  
Que entre as preces maternas extendias  
As tuas mãos sôbre os meus tristes dias,  
Quando na Terra, que era o meu deserto.

Nos instantes de dôr, bem que eu sentia  
As tuas asas de Anjo da Ternura,  
Pairando sôbre a minha desventura  
Feita de prantos e melancolia.

Flôr ressequida eu era, e tu o orvalho  
Que me nutria, pobre e empalecida;  
Era a tua alma a luz da minha vida,  
Meu tesouro, meu dũlcido agasalho!...

Ai de mim sem a tua alma bondosa,  
Que me dava a promessa da esperança,  
Raio de luz, de amôr e de bonança,  
Na escuridão da vida dolorosa.

E que felicidade doce e pura,  
A que sentí após a treva e a morte,  
Findo o terror da minha negra sorte  
Quando vi teu sorriso de ventura.

Então sentí que as Mães são mensageiras  
De Maria, Mãe de anjos e de flôres,  
E Mãe das nossas Mães cheias de amores,  
Nossas meigas e eternas companheiras!...



P R E C E

AUTA DE SOUZA

Extendei vossa mão bondosa e pura,  
Mãe querida dos fracos pecadores,  
Aos corações dos pobres sofredores  
Mergulhados nos prantos da amargura.

Derramai vossa luz, toda esplendores,  
Da imensidade, da radiosa altura,  
Da região ditosa da ventura,  
Sôbre a sombra dos cárceres das dôres!

Mãe! excelsa Mãe dé anjos celestes,  
Mais amôr dêsse amôr que já nos destes,  
Queremos nós em cada novo dia;

Vós que mudais em flôres os espinhos,  
Transformai toda a treva dos caminhos,  
Em clarões refulgentes de alegria.

A D E U S . . .

AUTA DE SOUZA

O sino plange em terna suavidade.  
No ambiênte balsâmico da igreja;  
Entre as naves, no altar, em tudo adeja  
O perfume dos goivos da saudade.

Geme a viuvez, lamenta-se a orfandade;  
E a alma que regressou do exílio beija  
A luz que resplandece, que viceja,  
Na catedral azul da imensidade.

“Adeus, Terra das minhas desventuras...  
Adeus amados meus...” — diz nas alturas  
A alma liberta, o azul do céu singrando...

— Adeus... — choram as rosas desfolhadas,  
— Adeus... — clamam as vozes desoladas  
De quem ficou no exílio soluçando...



## A L M A S

AUTA DE SOUZA

O' solitário das estradas,  
Desventurado pensador,  
Ha no caminho "almas penadas"  
Que vão clamando desoladas  
A dôr e o pranto, o pranto e a dôr!...

Vós, que o silêncio amais no mundo,  
Em orações ao pé do altar,  
Sob as arcadas silenciosas,  
Almas feridas, desditosas,  
Oram convosco a soluçar.

Ao descansardes meditando,  
A' sombra de árvores em flôr,  
Sabei que ás vezes sois seguidos,  
Pelas augústias dos gemidos,  
De almas chagadas no amargor.

Clareie a luz do sol nascente,  
Negreje a treva na amplidão,  
Gemem na Terra muitos sêres,  
Pelos amargos padeceres  
Depois da morte na aflicção;

Dai-lhes dos vossos pensamentos  
Consolação que adóce a dôr,  
Dai um confôrto á desventura,  
A prece cheia de ternura,  
Algo de afeto, algo de amôr!...

## ALMAS DE VIRGENS

AUTA DE SOUZA

Andam sombras errando abandonadas,  
Ao pé das lousas e das covas frias,  
Almas de pobres freiras desamadas,  
Perambulando pelas sacristias.

Almas das que não foram desposadas,  
Como bandos de rôlas erradias,  
Anjélicas visões de bem-amadas,  
Mortas na aurora rútila do dia...

Virgens mortas! Tristissimas oblatas  
De um sacrario de luz piedoso e santo,  
Que sonhais entre os tálamos celestes,

Entoai nos céus as tristes serenatas  
Com as vossas rôxas tunicas de pranto,  
Cantando á luz do amôr que não tivestes!...



MIRAGENS CELESTES



B. LOPES

Natural do Estado do Rio de Janeiro. Nasceu a 18 de Janeiro de 1859, na cidade de Rio Bonito. Funcionario Publico aposentado.

I

Sublimes atmosferas,  
Luminosas, rarefeitas,  
Sem as medidas estreitas  
Das horas que marcam éras.

E as almas puras, eleitas  
Quais flôres das primaveras,  
Buscando vão as esferas  
Das alegrias perfeitas.



Vão todas, espaço em fóra,  
 Como lírios côr da aurora,  
 Modelados pela dôr.

E onde passam sorridentes  
 Abrem-se rosas virentes,  
 Rosas de paz e de amôr.

## II

Uma campina de flôres  
 Em pleno espaço infinito,  
 Onde desperta um precito  
 De um pesadêlo de dôres.

Envergara o sambenito  
 Dos pedintes soffredores,  
 Vivera entre os amargores,  
 De um sofrimento bendito.

E nessa etérea campina  
 Recebe a esmola divina  
 Nesse batismo de luz;

Recebendo entre outros gozos,  
 Dos labios de anjos formosos  
 O ósculo de Jesus.

## CRÔMOS

B. LOPES

## I

Na alcova desguarnecida,  
 Sôbre uma enxerga, a doente  
 Soluça como quem sente  
 O fim nevoento da vida.

Beija-lhe a filha inocente,  
 Minúscula, embevecida,  
 Mirando-a enternecida  
 Dizendo-lhe docemente: —

“Não chores mais mamãezinha.  
 Vou dar minha bonequinha  
 A’ santa lá do altar;

E com esta minha promessa,  
 Ela ha de vir bem depressa  
 Para a senhora sarar”.

## II

O mendigo desprezado  
 Olha as estrelas e chora,  
 Pois sente que se enamora  
 Do firmamento estrelado .



Ao seu Jesus bem amado,  
Cheio de lagrimas, ora,  
E pede, suplica, implora  
Perdão para o seu pecado.

Vêem-se raios formosos  
Dimanando luminosos,  
Do clarão da sua fé;

E lá dos céus abençoá  
Sua alma singela e bôa  
O Jesus que êle não vê.

## SONETOS



BATÍSTA CEPELOS

Poeta paulista, desincarnou no Rio de Janeiro, em 1915, atribuindo-se a suicídio o encontro do seu corpo entre pedras de uma rocha, na rua Pedro Americo. Esta versão parece confirmar-se agora nestes sonetos.

Eu fui pedir á Natureza um dia  
Que me desse um consôlo a tantas dôres;  
Desalentado e triste, pressenti-a,  
Cansada e triste como os soffredores.

Encaminhei-me á porta da Agonia  
Corroído por chagas interiores,  
Buscando a morte que me aparecia  
Como o termo anelado aos dissabores,



Desvendando êsse trágico segrêdo  
Que a alma decifra, pávida de mêdo,  
Com ansiedade e temores dos galês!

Mas ah! que atroz remorso me persegue,  
Choro, soluço, clamo e êle me segue  
Nesse abismo que se abre ante os meus pés.

## II

Ninguém ouve na Terra êsse lamento  
Da minha dôr imensa, incompreendida,  
Nas pavorosas trevas desta vida  
Em que eu julgava achar o Esquecimento.

Tenebrosa essa noite indefenida  
Cheia de tempestade e sofrimento,  
No país do Pavor e do Tormento  
Onde chora a minha alma encêguecida.

Onde o não — ser, a paz calma e serena,  
Que me traria o bálsamo a esta pena  
Interminavel, rude, dolorosa?

Ninguém! Uma só voz não me responde!  
Sinto sômente a treva que me esconde  
Na vastidão da noite tormentosa...

## III

Sirva-vos de escarmento a dôr que trago  
Na minha alma infeliz e sofredora,  
Este padecimento com que pago  
O desvio da estrada salvadora.

Aqui sômente ampara-me êsse vago  
Pressentimento de uma nova aurora,  
Quando terei os bens, o brando afago  
Da Luz, que está na dôr depuradora.

Agora, ó sim! depois de tantos anos  
De tormentos, em meio aos desenganos,  
Espero o sol de novas alvoradas

De existências de pranto e de miseria,  
Para beber no calix da materia  
As essências das dôres renegadas!



## A' VIRGEM



BITENCOUR SAMPAIO

Sergipano, nascido na cidade de Laranjeiras, desincarnou-se no Rio de Janeiro em 1895. Foi politico ativo, deputado por sua provincia em duas legislaturas e Presidente do Espirito Santo. Diretor da Biblioteca Nacional e jornalista de mérito.

A fonte de onde respigamos estes dados, aponta **Poesias**, (1859) e **Flores Silvestres** (1860), mas omite a maior das suas obras, que é **A Divina Epopéia**, ou seja o Evangelho de João em magnificos versos brancos, tais como estes. Mas... é que Bitencour Sampaio foi, no último quartel da vida terrena, um dos mais brilhantes e destemerosos paladinos da Revelação Espirita. E, como tal, ainda hoje se manifesta, por dar-nos obras como **Jesus perante a Cristianidade**, verdadeiro poema em prosa.

Vós sois no mundo a estrêla da esperança,  
A salvação dos náufragos da vida;  
A custodia das almas soffredoras,  
Consolação e paz dos desterrados



Do venturoso aprisco das ovelhas  
 De Jesus Cristo, o Filho muito amado!  
 Fanal radioso aos pobres degradados,  
 Anjo guiador dos homens desgarrados  
 Do evangelho de luz do Filho vosso.  
 Virgem formosa e pura da bondade,  
 Providência dos fracos pecadores,  
 Astro de amor na noite dos abismos,  
 Clarão que sôbre as trevas da cegueira  
 Expulsa a escuridão das consciências!  
 Virgem da piedade e da pureza,  
 Extendei vossos braços tutelares  
 A' humanidade inteira, que padece,  
 Espiritos na treva das angústias,  
 No tenebroso báratro das dôres,  
 Mergulhados nas tredas tempestades,  
 Do mal que obscurece-lhes a vista;  
 Cegos desventurados caminhando  
 Em busca de outras noites mais escuras.  
 Legião de penitentes voluntarios,  
 Afastados do amor e da verdade,  
 Fugitivos da luz que os esclarece!  
 Anjo da caridade e da virtude,  
 Extendei vossas asas luminosas  
 Sôbre tanta miseria e tantos prantos,  
 Dai fortaleza áqueles que fraquejam  
 Apiedai-vos dos frágeis caminhantes,  
 Iluminai os cérebros descrentes,  
 Fortalecei a fé dos vacilantes,  
 Clareiai as sendas obscurecidas  
 Dos que se vão nos pântanos dos vícios!...  
 Existem almas miseráveis que choram,  
 Amarradas ao potro das torturas,  
 Os corações farpeados de amarguras...  
 Enxugai-lhes as lagrimas penosas!  
 Virgem imaculada de ternura,

Abençoi os mansos e os humildes  
 Que acima de ouropéis enganadores,  
 Põem o amor de Jesus, eterno e puro!  
 Dulcificai as máguas que laceram  
 Pobres almas aflitas na voragem  
 Das provações mais rudes e amorgosas.  
 Extendei, Virgem pura, o vosso manto  
 Constelado de todas as virtudes,  
 Sôbre a nudez de tantos sofrimentos  
 Que espedaçam as almas exiladas  
 No orbe da expliação que regenera...  
 Ele será a luz resplandecente  
 Sôbre a miseria dos padecimentos,  
 Afastando amarguras, concedendo  
 Claridades á estradas pedregosas...  
 Confôrto ás almas tristes dêste mundo,  
 Porto de segurança aos viajantes,  
 Clarão de sol nas trevas mais espessas,  
 Farol brilhante iluminando os trilhos  
 De todos os viajores que caminham  
 Pela mão de Jesus, doce e bondosa;  
 O pão miraculoso repartido  
 Entre os esfomeados e os sedentos  
 De paz, que os acalente e os conforte!  
 Virgem, Mãe de Jesus, anjo de amor,  
 Vinde a nós que na luta fraquejamos,  
 Ajudai-nos afim de que a vençamos...  
 Vinde, piedosa Virgem de bondade,  
 Cremos em vós, na vossa alma magnânima!  
 Vinde!... dai-nos mais força e mais coragem,  
 Derramai sôbre nós o eflúvio santo  
 Do vosso amor, que ampara e que redime...  
 Vinde a nós! nossas almas vos esperam,  
 Almas de filhos míseros que sofrem,  
 Atendei nossas súplicas, Senhora,  
 Providência da pobre humanidade!...



MINHA LUZ

CARMEN CINIRA



Eu era, Dôr, a alma rubra e inquieta,  
A pomba predileta  
Do prazer, da ilusão e da alegria...  
Meu coração, alegre cotovia,  
Saudava alvoroçado  
O segrêdo da noite e a luz clara do dia,  
Quando chegaste de mansinho,  
Pisando sútilmente o meu caminho...

E eu te enxerguei despreocupada,  
Em meu engano, em minha fantasia.



Primeiramente,  
 Foste austera e inclemente,  
 A um dos belos tesouros que eu possuía  
 E mo roubaste para sempre...  
 Em furia iconoclasta,  
 Como o simúm que arrasta  
 As cidades repletas de tesouros  
 Confundindo-as no pó,  
 Foste aos meus ídolos mais caros,  
 Destruindo-os sem dó.

Proseguiste ó divina estatuária,  
 Na tua obra silenciosa e solitaria,  
 E quebraste  
 Minhas cítaras de ouro,  
 Meus mármores de Paros,  
 Meus cofres de alabastros,  
 Minhas bonecas de biscuí,  
 Minhas estatuetas singulares,  
 E humilhaste  
 Meus sonhos de mulher e de menina,  
 Que eu pusera nos astros  
 Em meio ás melodias estelares!

Mas desde que chegaste,  
 Foste a sombra divina  
 Que acompanhou meus passos ao sepulcro...

Tudo sofri  
 O' Dôr, por te querer,  
 Porque depois que viestes  
 Dos páramos celestes  
 Para abrir rosas de sangue no meu peito,  
 Encheste a minha vida  
 De um estupendo prazer, quasi perfeito.

Aos poucos me ensinaste a abandonar  
 Meus prazeres fictícios,  
 Trocando-os pela luz dos sacrifícios!...

Por tudo eu te bendigo ó Dôr depuradora,  
 Porque representaste em meu destino  
 De alma sofredora,  
 O fanal peregrino  
 Que me guiou constantemente,  
 Através das estradas espinhosas  
 Para as manhãs radiosas  
 Da Luz Resplandecente...

Sê, pois, bendita ó Dôr, linda e gloriosa,  
 Pois da volúpia dos teus braços,  
 Vim pelas mãos da morte complacente  
 Para a vida sublime dos espaços!...



## AOS ESPIRITOS CONSOLADORES

CARMEN CINIRA

Donde éreis vós, ó formas imprecisas  
 De arcanjos tutelares,  
 Cujas vozes suaves como brisas  
 Trouxeram-me nas dôres  
 Do auge no meu sofrer, nos meus penares,  
 A irradiação de um brando refrigerio?!...

Frontes aureoladas de esplendores,  
 Sêres cheios de amôr e de misterio,  
 Cujas mãos compassivas  
 Ungiram meu coração resignado  
 Com o balsamo do olvido do passado,  
 E com os místicos olores  
 Das meigas sempre-vivas  
 Da fé mais luminosa e mais ardente...

Seríeis o fantasma imaginario  
 Da mórbida exaltação dalma do crente?  
 Não, porque sois os cireneus piedosos  
 Dos que vão em demanda do Calvario  
 Da Redenção, nos sofrimentos rudes;  
 Vindes das mais remotas altitudes  
 De sublimados mundos luminosos!...

Sêres do Amôr, jámais traduziria  
 O cântico de luz  
 Que trouxestes ao leito da agonia  
 Que eu transpús  
 Cheia de desenganos e gemidos!...  
 Verto ainda os meus prantos comovidos  
 Lembrando-me do vosso Stradivarius,  
 Repetindo as cadências dos hinarios  
 Dos orbes da Ventura e da Harmonia,  
 Onde habitais, glorificando o Amôr  
 Que dalma faz um ninho de alegria  
 E um fóco de esplendor!

Em que sol deslumbrante, em qual esfêra  
 Viveis a vossa eterna primavera?  
 O' irmãos consoladores,  
 Que vindes confortar os pecadores  
 Penitentes da vida transitoria,  
 Dai-me um pouco de luz da vossa glória,  
 Extendei-me uma unica migalha  
 Da vossa paz, que nutre e que agasalha  
 Os corações iguais ao meu!...

Tenho sêde do amôr que enfeita o céu!  
 Espiritos da luz radiosa e infinda,  
 Minhalma é fraca, humilde e pobre ainda;  
 Todavia, imortal,  
 Quero ter dessa luz resplandecente,  
 E quero embriagar-me inteiramente  
 Com os vinhos da alegria celestial.



## CIGARRA MORTA

CARMEN CINIRA

Chamam-me agora aí  
 Cigarra morta,  
 E não podia haver melhor definição,  
 Porque caí estonteada á porta  
 Do castelo em ruínas,  
 Do desencanto e da desilusão!...

Minhas futilidades pequeninas...  
 Meus grandes desenganos...  
 Eu mesma inda não sei  
 Si é ventura morrer na flôr dos anos...  
 Sei apenas que choro  
 O tempo que perdi,  
 Cantando em demasia a carne inutilmente;  
 E vivo aqui, sómente,  
 De quanto idealizei  
 De belo, de perfeito, grande e santo  
 Que inda hei de realizar,  
 Com a rima do meu verso e a gota do meu pranto.

Dá-me fôrça, Senhor!  
 Para concretizar meu anseio de amôr:  
 Evita-me a saudade  
 Da minha improdutiva mocidade!  
 Eu não quero sentir,

Como cigarra que era,  
 A falta das canículas doiradas  
 Pela luz de ridente primavera.  
 Já que tombei cansada de cantar,  
 Calando amargamente,  
 Perdôa, Deus de Amôr, o meu pecado:  
 Que eu olvide a cigarra do passado,  
 Para ser uma abelha previdente.



ERA UMA VEZ...

CARMEN CINIRA

Era uma vez Carmen Cinira,  
Um coração  
Cheio de sonho e flôr que, mal se abria  
Nos jardins encantados da ilusão...  
Estraçalhou-se para sempre,  
Na voragem  
Das trevas, dos abrolhos!...

Era uma vez Carmen Cinira...  
Uma suposta imagem  
Da perene alegria,  
Mas que trouxe em seus olhos,  
Eternamente,  
Essa amarga expressão de alma doente,  
Cheia de pranto e de melancolia!...  
Carmen Cinira! Carmen Cinira!  
Que é da minha cigarra cantadeira?  
Embalde te procuro.  
Porque cantaste assim a vida inteira,  
Cigarra distraída do futuro?

Perturbada,  
Aturdida,  
Busco a mim mesma aqui nestoutra vida...

Onde estou- onde estou?  
Minha vida terrena se acabou  
E sinto outra existência revelada.

Não sei porque me sinto amargurada..  
Sinto que a luz me guia  
Para a paz, para um mundo de alegria.  
Mas ó imortalidade,  
Si na Terra eu te via  
Como a aurora divina da verdade,

Não julguei que inda a morte me abriria  
Êsse cenário, deslumbrante  
De outros sóis e de outros sêres,  
E vejo agora  
Que não amei bastante,  
E não cumpri á risca os meus deveres!

A fagulha de crença  
Que eu possuía  
Devia transformar numa fornalha imensa,  
De fé consoladora  
E incendiar-me para ser luzeiro.

Mas, ó Senhor da paz confortadora,  
Eu vi chegar o dia derradeiro  
Em minha dôr, na máscara de festa,  
E a morte me apanhou  
Como se apanha uma ave na floresta.  
Experimento a grande liberddade,  
Todavia, Senhor, ampara-me e protege  
Minha triste humildade!

Eu te agradeço a paz que já me deste,  
Mas eis que ainda te imploro comovida,  
Porque me sinto em fraca segurança;  
Deixa que eu guarde ainda nesta vida  
Meu escrínio de estrêlas da esperança.



## A' JUVENTUDE

CARMEN CINIRA

Juventude linda e ardente,  
Mocidade querida que eu exhorto,  
Meu coração de carne, êsse está morto,  
Mas minha alma que é eterna está presente.  
Zelai pela plantio, ó juventude,  
Das flôres perfumadas da virtude!  
Pois após os trabalhos terminados  
Em nossos ermos e últimos caminhos,  
Ai! como nos ferem os espinhos  
Das belas rosas rubras dos pecados!

## NA ETERNA LUZ



CASIMIRO CUNHA

Poeta vassourense, nasceu aos 14 de Abril de 1880 e desincarnou em 1914. Pobre, muito pobre e cego, ao demais espirita confesso, não teve maior projeção ao cenáculo literário do seu tempo, máu grado a suavidade da sua musa e inatos talentos literários. Há na sua existência terrena uma triste particularidade a assinalar, qual a de haver perdido uma vista aos 14 anos, por acidente, para de todo cegar da outra aos 16. Orfão de pai aos 7 anos, apenas freqüentou escolas primárias. Era um espirito jovial e forte no infortúnio, que êle sabia aproveitar no enobrecimento da sua fé. Si tivesse tido maior cultura, atingiria ás maiores culminâncias do firmamento literario.

Quando parti dêste mundo,  
Em busca da imensidade,  
A alma ansiosa da Verdade,  
Do azul imenso dos céus,  
Fugi do pesar profundo,  
Lamentando os sofrimentos,  
As máguas, os desalentos,  
Confiado no amor de Deus.



Mal, porém abrira os olhos  
 Em meio de luzes puras,  
 Nas radiantes alturas,  
 Em célico resplendôr,  
 Compreendí que os abrolhos  
 Que a Terra me oferecera,  
 Eram mesmo a primavera  
 Do meu sonho todo em flôr.

Disseram-me então: — “O’ crente,  
 Que chegais a estas plagas,  
 Fugindo das grandes vagas  
 Do mar revólto das lutas,  
 Aportai serenamente  
 Nesta estância do Senhor,  
 Pois aqui existe o amôr  
 Nestas almas impolutas!

Aqui existe a pureza,  
 A meiga flôr da Bondade,  
 O aroma da Caridade  
 Parfumando os corações;  
 Não se conhece a torpeza,  
 Da lâmina — hipocrisia,  
 Que mata toda a alegria,  
 Provocando maldições.

Aqueles que já sofreram  
 No dever nobilitante,  
 Cujos peitos sempre amante,  
 Só conheceu dissabores,  
 Aqueles que conheceram  
 As feridas dolorosas,  
 Dessas máguas escabrosas,  
 De um triste mundo de dôres,

Encontram nestas moradas  
 Tão formosas, resplendentes,  
 Os clarões resplandescentes  
 De afetos imorredouros!  
 As almas immaculadas  
 Os cercam nas bôas vindas,  
 Luminosas, sempre lindas,  
 Ofertando-lhes tesouros:

Os tesouros peregrinos,  
 Formados de amôr e luz  
 Do Mestre Amado — Jesus,  
 Arauto do Onipotente,  
 Os reflexos divinos  
 Quais lírios iluminados,  
 Alvos, belos, deificados  
 Penetrarão sua mente.

Acorda, pois, ó vivente,  
 Contempla-te nesta vida,  
 Que a tua alma ensandecida  
 Procure a luz que avigora.  
 O Senhor sempre clemente,  
 Concede-te neste instante  
 A benção dulcificante,  
 Do seu amôr — doce aurora.

Vai, sacode o pó da estrada  
 Que trilhaste na amargura,  
 Pois agora na ventura  
 Fruirás consolações;  
 Nesta esfera iluminada,  
 Qu’ aportas neste momento,  
 Não verás o sofrimento  
 Retalhando os corações.



Só verás clarões de luz  
 A despontar nestas almas,  
 Tornadas em belas palmas  
 Das mansões do Criador.  
 Bendize, pois, a Jesus,  
 O Mestre da Caridade,  
 O Luzeiro da Bondade,  
 O grande mestre do Amôr!

Então eu vi que na Terra  
 Em meio da iniquidade,  
 Na tremenda tempestade  
 Das dôres, de expiações,  
 A nossa alma que erra  
 Tão longe das grandes luzes,  
 Só aproveita das cruzes  
 Das amargas provações.

Venturoso abençoei  
 A dôr que amaldiçoara,  
 Que renegar eu tentara  
 Como os míseros ateus.  
 E, feliz, então busquei  
 As bençãos, flôres brilhantes,  
 Alvoradas fulgurantes  
 Do amôr imenso de Deus.

## ANJINHOS

CASIMIRO CUNHA

O' mães que chorais na vida  
 Os vossos ternos anjinhos,  
 Que, quais meigos passarinhos  
 Cindiram o espaço azul  
 Deixando-vos sem confôrto,  
 O peito dilacerado,  
 O coração desolado,  
 A alma tristonha e exúl!

Reconhecei que na Terra  
 Só se conhecem as dôres  
 Os prantos, os amargores,  
 As frias noites sem luz,  
 E os vossos filhinhos ternos,  
 Quais centelhas luminosas,  
 São as flôres mais formosas  
 Das moradas de Jesus.

Eles são bem mais felizes  
 Nas radiantes alturas,  
 De outras rútilas esferas,  
 Em meio das luzes puras



Pois que vivem imortais,  
Nos espaços deslumbrantes,  
Quais reflexos brilhantes  
Das celinas primaveras.

Visitam os vossos lares  
Como gênios protetores,  
Ofertando-vos as flôres  
Do seu afeto eternal;  
Osculam-vos ternamente  
Infiltrando-vos coragem,  
A transpôrdes a voragem  
Do abismo negro do mal;

Alegrai-vos, pois, ao verdes  
Quando partem sorridentes,  
Venturosos, inocentes,  
Como fúlgidos clarões;  
Êles farão despertar  
As alvoradas formosas,  
De luzes esplendorosas  
Dentro em vossos corações.

## ASCENSÃO

CASIMIRO CUNHA

Perguntai á flôr virente,  
A's florinhas multicores,  
Que com mágicos olores  
Perfumam vosso ambiênte

O que fazem cá no mundo,  
Tão viçosas, perfumadas,  
Pelas sendas desoladas  
Deste abismo tão profundo:

Como sorrisos dos céus,  
Essas flôres perfumosas  
Responderiam formosas:  
— “Nós marchamos para Deus!”

A' ave que poetiza  
Com seus cânticos maviosos,  
Vossos campos dadivosos  
Em beleza que harmoniza,

Si perguntasseis tambem,  
Ela vos retrucaria:  
— “Caminhamos na alegria  
Para a Luz e para o Bem”.



Tudo pois, em ascensão  
 Marcha ao progresso incessante,  
 A' alvorada rutilante  
 Da sublime perfeição.

Seguí pois, irmãos terrenos,  
 Nessas trilhas luminosas,  
 Caminhai sempre serenos,  
 Entre lírios, entre rosas;

Entre os lírios da Bondade,  
 Entre as rosas da Ternura,  
 Espargindo a caridade,  
 Consolando a desventura.

Só assim caminharemos  
 Nessa eterna evolução,  
 E no Bem conquistaremos  
 A suprema perfeição.

## QUADRAS

CASIMIRO CUNHA

Ser cego e nada vêr  
 Na triste noite escura,  
 E vêr depois a luz  
 Da aurora da ventura;

Chorar na escuridão  
 Em dôres mergulhado,  
 E após o sofrimento  
 Ter gôzo ilimitado;

Sorver dentro da treva  
 O fêl das amarguras,  
 Depois, buscar o amôr  
 Nas lúcidas alturas;

E' possuir tesouros  
 De paz, de vida e luz,  
 No sacrosanto abrigo  
 Do afeto de Jesus.



## SUPREMACIA DA CARIDADE

CASIMIRO CUNHA

A fé é a força potente  
 Que desponta na alma crente,  
 Elevando-a aos altos céus.  
 Ela é chama abrasadora,  
 Reluzente, redentora,  
 Que nos leva para Deus.

A esperança é flôr virente,  
 Alva estrêla resplendente  
 Que ilumina os corações,  
 Que conduz as criaturas  
 A's almejadas venturas  
 Entre célicos clarões.

A caridade é o amôr  
 E' o sol que Nosso Senhor,  
 Fez raiar claro e fecundo;  
 Alegando nesta vida,  
 A existência dolorida,  
 Dos que sofrem neste mundo!

A fé é um clarão divino,  
 Refulgente, peregrino,  
 Que irrompe, trazendo a luz;

A caridade é a expressão,  
 Da personificação,  
 Do Mestre Amado — Jesus!

A esperança é qual lume,  
 Ou capitoso perfume  
 Que nos alenta na dôr;  
 A caridade é uma aurora  
 Que resplende a toda hora,  
 Nada empana o seu fulgor.

Seja, pois, abençoada  
 Essa eternal alvorada  
 A raiar eternamente!  
 Caridade salvadora,  
 Pura benção redentora  
 Do Senhor Onipotente.



## VERSOS

CASIMIRO CUNHA

Vivi na mansão das sombras  
Desterrado,  
Na noite das trevas densas  
Sepultado.  
Entreí no sepulcro escuro  
Nascendo;  
E dêle fugi feliz,  
Morrendo.  
E' que a vida material  
E' a prisão  
Onde a alma é encarcerada  
Na aflição;  
E a vida da alma é a nossa  
Liberdade;  
Onde as luzes recebemos  
Da Verdade.

## SIMBOLO

CASIMIRO CUNHA

Sôbre a lama de um monturo  
Um branco lírio sorria,  
Alvo, belo, delicado,  
Perfumando a luz do dia.

Vendo essa flôr cariciosa  
No pantanal sujo e imundo,  
Via o simbolo do Bem  
Entre os males dêste mundo.

Pois entre as trevas e as dôres  
Da vida de provações,  
Póde existir a bondade  
Irradiando clarões.

E o coração que cultiva  
A caridade e o amôr,  
E' a flôr cheia de aromas,  
Cheia de viço e frescor.

Que mesmo dentro da treva  
Do mundo ingrato, sem luz,  
E' lírio resplandecente  
Do puro amôr de Jesus.



## PENSAMENTOS ESPIRITAS

CASIMIRO CUNHA

Dobram sinos a finados,  
Com mágua e desolação...  
Porque não sabem que a morte  
E' a nossa libertação.

Toda a esperança da fé  
Que vive com a caridade,  
E' realizada no mundo  
Da eterna felicidade.

A palavra que retens  
E' tua serva querida,  
Mas aquela que te foge  
E' dona da tua vida.

Todo o suicida presume  
Que a morte é o fim do amargor,  
Sem saber que o desespero  
E' porta para outra dôr.

Quem sofre resignado  
Após a morte descansa;  
Quem luta sem naufragar,  
Verá decerto a bonança.

Quem tem a flôr da humildade  
Medrando no coração,  
Tem o jardim das virtudes  
Da suprema perfeição.

Volve ao céu todo piedoso,  
Coração que andas ferido!...  
Deus cura todas as chagas  
Do mal que tens padecido.

## SOMBRA E LUZ

CASIMIRO CUNHA

Vem a noite, volta o dia  
Cresce o brôto, nasce a flôr,  
Vai a dôr, surge a alegria  
Dourando a manhã do Amôr.

Assim, depois da amargura  
Que a vida terrena traz,  
A alma encontra na Altura  
A luz, a ventura e a paz.



## O BEIJO DA MORTE

CASIMIRO CUNHA

Para quem viveu na Terra  
Em meio dos sofredores  
E sômente frias dôres  
No mundo ingrato colheu,  
O frio beijo da morte  
E' o beijo da liberdade,  
E' um raio de claridade  
Que vem da altura do céu.

A vida terrena é a noite  
Que precede as madrugadas  
Das regiões aureoladas  
De amôr, de verdade e luz:  
Sem paradoxo, portanto,  
O gôzo é o proprio martirio  
Que se fez excelso lírio,  
Na existência de Jesus.

A morte é a deusa celeste  
Da vida, da plenitude,  
Que a alegria da Virtude  
Faz, linda, desabrochar;  
Seu beijo é um raio de luz  
Do dilúculo das alturas,  
Que na noite de amarguras  
As almas vem despertar.

## O ENGANO

CASIMIRO CUNHA

A's vezes diz a ciência  
Que a crença é engano profundo,  
Esperando uma outra vida  
Noutros planos, noutro mundo...

E diz arrogante á Fé:  
— “Estás Louca! A morte apenas  
E' o sono eterno e tranqüilo  
Depois das lutas terrenas” —

Ao que ela replica humile:  
— “Mais tarde, ciência amiga,  
Serás o sosia da Fé,  
Já não andarás sem eu,  
Si fôr sono, dormiremos,  
Mas si não fôr, pois não é,  
De quem será êsse engano?  
Será meu ou será teu?”



## FLÔRES SILVESTRES

CASIMIRO CUNHA

Já viste, filho, a floresta  
Varrida pelas tormentas?  
Partem-se troncos anosos,  
Câem copas opulentas.

Mil árvores grandiosas  
Esfacelam-se nos ares,  
Tombam gigantes da selva  
Venerandos, seculares.

Mas as florinhas silvestres  
São apenas baloiçadas,  
Continuando graciosas  
A tapetar as estradas.

Urra o vento? geme a selva?  
Não sabe a pequena flôr,  
Que em perfumando o caminho  
Compõe um hino de amôr.

Flôres silvestres!... Imagem  
Dos bons e dos pequeninos,  
Que sôbre o mundo derramam  
As graças dos dons divinos.

Na selva da vida humana  
Câem grandes, poderosos,  
Com as arcas repletas de ouro  
E os corpos ébrios de gozos.

Mas, os humildes da Terra,  
Dentro da fé que os conduz,  
Não câem... São refletores  
Da bõndade de Jesus.

Flôres silvestres da vida,  
Não sabem si ha tempestade  
De ambições e si ha no mundo  
Leis de ódio e iniquidade.

Nos dias mais tormentosos,  
Sê, filho, como esta flôr.  
Chore o homem, grite o mundo  
Palmilha a estrada do amôr.



## A' MINHA TERRA



CASIMIRO DE ABREU

Poeta fluminense, desincarnou aos 18 de Outubro de 1850, aos 23 anos de idade, na cidade de Friburgo. Figura literaria das mais típicas do seu tempo, o autor malgrado de

Primaveras ainda aqui se afirma no seu profundo quão suave nativismo.

Que terno sonho dourado  
Das minhas horas fagueiras,  
No recanto das palmeiras  
Do meu querido Brasil!  
A vida era um dia lindo  
Num verjel cheio de flôres,  
Cheio de aroma e esplendores  
Sob um céu primaveril.



A infância, um lago tranqüilo  
 Onde começa a existência,  
 E onde os cisnes da inocência  
 Bebem o néctar do amôr.  
 A mocidade era um hino  
 De melodias suaves,  
 Formadas de trinos de aves  
 E de perfumes de flôr.

O dia, manhã ridente,  
 Numa canção de alvorada;  
 A noite toda estrelada,  
 Depois do doce arreból;  
 E na paisagem querida,  
 Os ramos das laranjeiras  
 E das frondosas mangueiras  
 No meio do ouro do sol!

Oh! que clarão dentro dalma,  
 Constantemente cismando,  
 O pensamento sonhando  
 E o coração a cantar  
 Na delicada harmonia,  
 Que nascia da beleza  
 Do verde da natureza,  
 Do verde do lindo mar!

Oh! que poêma a existência  
 De infância e de mocidade,  
 De ternura e de saudade,  
 De tristeza e de prazer;  
 Igual a um canto sublime,  
 Como uma estrofe inspirada  
 Na noite e na madrugada,  
 Na tarde e no amanhecer.

De tudo me lembro e quanto!  
 A transparência dos lagos,  
 As carícias, os afagos  
 E os beijos de minha mãe!  
 Dos trinos dos pintassilgos,  
 Da melodia das fontes,  
 As nuvens nos horizontes  
 Perdidos no azul do Além,

Quando eu cruzava as campinas,  
 Sem sombras de sofrimento,  
 Descalço, com o peito ao vento,  
 Num tempo doce e feliz!  
 Os pessegueiros floridos,  
 As frondes cheias de amora,  
 O manto de luz da aurora  
 Os pios das Juritis!

Si a morte aniquila o corpo,  
 Não aniquila a lembrança:  
 Jámais se extingue a esperança,  
 Nunca se extingue o sonhar!  
 E á minha terra querida,  
 Recortada de palmeiras,  
 Espero em horas fagueiras  
 Um dia poder voltar.



## A T E R R A

CASIMIRO DE ABREU

(Aos pessimistas).

Si ha noite escura na Terra,  
 Onde rugem tempestades,  
 Si ha tristezas, si ha saudades,  
 Amargura e dissabor,  
 Existem dias dourados  
 De sol e de melodias,  
 Esperanças e alegrias,  
 Canções de eterno fulgor!

A Terra é um mundo ditoso,  
 Um paraíso de amôres,  
 Jardim de risos e flôres,  
 Rolando no céu azul.  
 Um hino de fôrça e vida  
 Palpita em suas entranhas,  
 Retumba pelas montanhas,  
 Ecôa de norte a sul.

Os sonhos da mocidade,  
 As galas da natureza,  
 Livro de excelsa beleza  
 Com páginas de esplendor;

Onde as histórias são cantos  
 De gárrulos passarinhos,  
 Onde as gravuras são ninhos  
 Estampados no verdor;

Onde ha reis que são poetas,  
 E trovadores alados,  
 Heróis ternos, namorados,  
 Gargantas de ouro a cantar,  
 Saudando a aurora que surge  
 Como ninfa luminosa,  
 A olhar-se toda orgulhosa  
 No grande espelho do mar!

Onde as princesas são flôres,  
 Que se beijam luzidias,  
 Perfumando as pradarias  
 Com seu hálito de amor;  
 Desabrochando ás centenas  
 Na estrada que o homem passa,  
 Oferecendo-lhe graça,  
 Sorrindo cheias de olôr.

O dia todo é alvorada  
 De doces encantamentos,  
 A noite, deslumbramentos  
 Da lua em seus brancos véus!  
 A tarde oscula as estrêlas,  
 Os astros o sol nascente,  
 O sol o prado ridente,  
 O prado perfuma os céus!...

Quem vive num éden dêsses,  
 E' sempre risonho e forte,  
 Jámais almeja que a morte  
 Na vida o venha tragar;



Sabe encontrar a ventura  
 Nêsse jardim de pujaças,  
 E enche-se de esperanças  
 Para sofrer e lutar.

Si ha noite escura na Terra,  
 Abarrotada de dôres,  
 De lagrimas e amargores,  
 De triste e rude carpir;  
 Existem dias dourados  
 De juventude e esplendores,  
 De aromas, risos e flôres,  
 De áureos sonhos no porvir!...

## LEMBRANÇAS

CASIMIRO DE ABREU

No sacrario das lembranças  
 Revejo-te, trigueirinha,  
 De negras e longas tranças,  
 Moreninha.  
 Teus lindos pés descalçados,  
 Pisando de manhãzinha  
 A verde relva dos prados,  
 Moreninha.  
 Os primorosos cabelos  
 Enfeitados de tardinha,  
 De miosotis singelos,  
 Moreninha.  
 De olhar sedutor e insonte,  
 Quando o teu passo ia e vinha  
 Em busca da agua da fonte,  
 Moreninha.  
 Teu vulto de camponesa  
 Era o porte de rainha,  
 Rainha da natureza,  
 Moreninha.  
 Inda ouço os sons primeiros  
 Da tua voz na modinha  
 Modulada nos terreiros,  
 Moreninha.



Lavando a roupa ás braçadas,  
Nos fios dagua fresquinha,  
Sob as mangueiras copadas,  
Moreninha.

Os teus risos adorados,  
Desferidos á noitinha,  
Nos bandos de namorados,  
Moreninha.

A tua oração ditosa,  
Nas missas da capelinha,  
Tão faceira! tão formosa!  
Moreninha.

A placidez do teu rosto  
Com teus modos de avezinha,  
Fitando a luz do sol-posto,  
Moreninha.

O teu samburá de flôres  
Que levavas á igrejainha,  
Enchendo a nave de odores,  
Moreninha.

O vestidinho de chita  
De rosas estampadinha,  
Fazendo-te mais bonita,  
Moreninha.

O nosso idílio encantado  
Quando te achavas sózinha,  
Sob o luar prateado,  
Moreninha.

Que terna recordação  
De minh alma se avizinha!  
De saudade, de paixão,  
Moreninha.

Ai! Ai! meu Deus, quem me dera  
Rever-te, doce rainha,  
Rainha da primavera,  
Moreninha.

## RECORDANDO

CASIMIRO DE ABREU

Meu Deus, deixai que eu me esqueça  
Da minha vida de agora,  
Que apenas o meu passado  
Eu possa alegre rever;  
Deixai que me identifique  
Com os raios da luz de outróra,  
Daquela risonha aurora  
Do meu passado viver.

Que eu sinta de novo a vida  
Na infância linda e ditosa,  
Na alegria inalteravel  
Do lugar onde nasci;  
Quero rever nóvamente  
A paisagem luminosa,  
Sentir a emoção grandiosa  
De tudo o que já senti!...

Ah! que eu possa hoje olvidar  
Imensidades, esferas,  
Concepções mais perfeitas  
No progresso que alcancei;



Que das ruínas, dos escombros,  
 Minhalma retire as heras,  
 E contemple as primaveras  
 Da vida que já deixei.

Quero aspirar os perfumes  
 Dos sendais cheios de flôres,  
 Na fresca sombra dos vales,  
 Sob a luz do céu de anil!  
 Rever o sítio encantado  
 Da minha estância de amôres,  
 Meus sonhos encantadores,  
 Minha terra, meu Brasil!

Escutar os sinos calmos  
 Sob a alvura das capelas,  
 Enchendo as longes devesas,  
 De convites á oração;  
 Sentar-me no prado agreste,  
 Beijar as flôres singelas,  
 Mirar a luz das estrêlas,  
 Ouvir a voz da amplidão!!

Correr sob o sol nascente  
 Até que chëgue o luar,  
 Procurando os passarinhos  
 E as borboletas tafúes;  
 Que esperança, que ventura!  
 Viver e sofrer, e amar  
 A campina, o sol, o mar,  
 Campos verdes, céus azues...

Ser homem e ser criança,  
 Toucar-se a alma das galas  
 Da poesia inexprimível  
 Da alvorada e do arrebol...  
 Oh! natureza da Terra,  
 Que tesouros não exhalas,  
 Na carícia dessas falas  
 Do passarinho e do sol.

Eu gozo de quando em quando,  
 Revendo essa claridade,  
 Da existência transcorrida  
 Guardada no coração;  
 E dos cimos desta vida  
 Que é a Imortalidade,  
 Verto prantos de saudade  
 A' luz da recordação.



## MARCHEMOS



CASTRO ALVES

Poeta baiano, desincarnou a 6 de Julho de 1871 com 24 anos de idade. Mocidade radiosa, o autor consagrado de **Espumas Flutuantes**, exerceu nas rodas literarias do seu tempo a mais justa e calorosa das projeções. Nesta poesia sente-se o crepitar da lira que modulou — **O Livro e a America**.

Ha mistérios peregrinos  
No mistério dos destinos,  
Que nos manda renascer;  
Da luz do Criador nascemos,  
Multiplas vidas vivemos,  
Para á mesma luz volver.

Buscamos na humanidade,  
As verdades da Verdade,  
Sedentos de paz e amôr;



E em meio dos mortos-vivos,  
Somos miseros cativos  
Da iniquidade e da dôr.

E' a luta eterna e bendita,  
Onde o Espirito se agita  
Na trama da evolução;  
Oficina onde a alma prêsa  
Forja a luz, forja a grandeza  
Da sublime perfeição.

E' a gota dagua caindo  
No arbusto qua vai subindo,  
Pleno de seiva e verdôr;  
O fragmento do estrume,  
Que se transforma em perfume  
Na corola de uma flôr.

A flôr que, terna, expirando,  
Cái ao sólo fecundando  
O chão duro que produz,  
Deixando o aroma leve  
Na aragem que passa breve,  
Nas madrugadas de luz.

Inda é a bigorna, o malho,  
Pelas fainas do trabalho,  
A enxada fazendo o pão;  
O escôpro dos escultores,  
Transformando a pedra em flôres,  
Em Carraras de eleição.

E' a dôr que através dos anos,  
Dos algozes, dos tiranos,  
Anjos purissimos faz;

Transmutando os Néros rudes  
Em arautos de virtudes,  
Em mensageiros de paz.

Tudo evolui tudo sonha,  
Na imortal ânsia risonha  
De mais subir, mais galgar.  
A vida é luz, é esplendor,  
Deus sômente é o seu amôr,  
O Universo é o seu altar.

Na Terra ás vezes se acendem  
Radiosos faróis que esplendem  
Dentro das trevas mortais;  
Suas rútilas passagens  
Deixam fulgores, imagens,  
Em reflexos perenais.

E' o sofrimento do Cristo,  
Portentoso, jámais visto,  
No sacrificio da cruz,  
Sintetizando a piedade,  
E cujo amôr à Verdade  
Nenhuma pena traduz.

E' Sócrates e a cicuta,  
E' Cesar trazendo a luta,  
Tirânico e lutador;  
E' Celini com sua arte,  
Ou a espada de Bonaparte,  
O grande conquistador.

E' Anchieta dominando,  
A ensinar catequisando  
O selvagem infeliz;



E' a lição da humildade,  
De extrema caridade  
Do pobrezinho de Assis.

O! bendito quem ensina,  
Quem luta, quem ilumina,  
Quem o bem e a luz semeia  
Nos combates do evoluir:  
Terá a ventura que anseia  
Nas sendas do progredir.

Uma excelsa voz ressôa,  
No Universo inteiro ecôa:  
"Para a frente caminhal!  
"O amôr é a luz que se alcança,  
"Tende fé, tendes esperança,  
"Para o Infinito marchai!"

## A MORTE

CASTRO ALVES

No extremo pólo da vida  
Diz a Morte: — "Humanidade,  
Sou a espada da Verdade  
E a Ténis do mundo sou;  
Sou balança do destino,  
O fiél desconhecido,  
Lanço Cômodo no olvido  
E aureólo a fronte de Hugo!

O cronómetro dos séculos  
Não me torna envelhecida;  
Sou morte — origem da vida —  
Prémio ou gladio vingador.  
Sou anjo dos desgraçados  
Que seguem na Terra errantes,  
Desnorteados viajantes  
Dos Niagaras da dôr. !

E sou o braço potente  
Dos déspotas e opressores,  
Que trazem os soffredores  
No jugo da escravidão;  
Aos bons sou compensação,  
Consôlo e alívio aos precitos,  
E nos máus aumento os gritos  
De dôres e maldição



Sepultura do presente,  
Do porvir sou plenitude,  
Da alegria sou saúde  
E do remorso o amargor.  
Sou aguia libertadora  
Que abre sôbre as descrenças,  
O manto das trevas densas  
E sôbre a crença o esplendor.

Desde as éras mais remótas  
Côso láureas e mortaldas,  
E sôbre a dôr das batalhas  
Minha asa sempre pairou;  
Meu verbo é a lei da Justiça,  
Meu sonho é a evolução,  
Meu braço — a revolução,  
Austerlitz e Waterloo.

Homem, ouve-me; si ás vezes  
Simbolizo a guilhotina,  
Minha mão abre a cortina  
Que torna em mistério a luz;  
E por trabalhar com Deus,  
Na absoluta eqüidade,  
Sou prisão ou liberdade,  
Nova auróra ou nova cruz.

Si o cristal que imita o céu  
Da conciência tranqüila  
E' o luzeiro que cintila  
Na noite do teu viver,  
Oásis — dou-te o repouso,  
Estréla — extendo-te lume,  
Flôr — oferto-te perfume,  
Luz da vida — dou-te o sêr!

Mas, tambem si a tirania  
Arvora-se em lei na Terra,  
Eu mando a noite da guerra  
Fazer o sol do porvir;  
Arremesso a minha espada,  
Ateio fogo aos canhões,  
Faço cair as nações  
Como fiz Roma cair.

Foi assim que fiz um dia  
Ao vêr o trono imperfeito  
Estrangulando o Direito;  
Busquei Danton, Mirabeau...  
E junto ao vulto de Témis,  
Tomei o carro de Jove,  
E fiz o Oitenta e Nove  
Quando a França me ajudou.

Então, implacavelmente,  
Fiz a Europa ensangüentada  
Ajoelhar-se humilhada  
Diante de tanto horrôr;  
Das cidades fiz ossuários,  
Dos campos Saáras ardentes,  
Trucidei réus inocêntes,  
Apaguei a luz do amôr.

Até que um dia o Criador,  
Sempre amoroso e clémente,  
Que Jámais teve presente,  
Nem passado nem porvir,  
Bradou do cume dos céus  
Num grito piedoso e forte: —  
"Não prossigas! Basta, morte,  
Agora é reconstruir".



Portanto, homem, se tens  
 Por bússola o Bem na vida,  
 Olha o sol de frente erguida,  
 Espera-me com fervôr.  
 Abrir-te-ei meus tesouros,  
 Serei tua doce amante,  
 Cujo seio palpitante  
 Guardar-te-á — paz e amôr.

Si as vezes si te afigura  
 Que sou a foice impiedosa,  
 Horrenda, fria, orgulhosa,  
 Que espedaça os teus heróis,  
 Verás que sou a mão terna  
 Que rasga abismos profundos,  
 E mostra biliões de mundos,  
 E mostra biliões de sóis.

Conduzo almas aos ceus,  
 A' luz da realidade;  
 Sou ave da Liberdade  
 Que ao lôdo da escravidão,  
 Venho arrancar os espiritos,  
 Elevando-os ás alturas,  
 Dou corpos ás sepulturas,  
 Dou almas para a amplidão!" —

A Morte é transformação.  
 Tudo em seu seio revive:  
 Sparta, Tébas, Ninive,  
 Em quéda descomunal,  
 Revivem na velha Europa;  
 E como faz ás cidades,  
 Remodela humanidades  
 No progresso universal.

## ANSIEDADE



CRUZ E SOUZA

Catarinense. Funcionario público, incarnou-se em 1862 e desprendeu-se em 1898. Poeta de emotividade delicada, soube, mercê de um simbolismo inconfundível, marcar a sua individualidade literaria.

Todo êsse anseio que tortura o peito  
 Estrangulando a voz exhausta e rouca,  
 Que em cada canto estruge e em cada boca  
 Faz o soluço do ideal desfeito;

Ansiedade fatal de que se touca  
 A alma do homem máu e do perfeito,  
 Sôbe da Terra pelo espaço eleito  
 Numa imensa espiral, extranha e louca,



Formando a rêde eterna e incompreendida.  
 Das ilusões, dos risos, das quiméras,  
 Das dôres e da lagrima incontida;

Essa ansiedade é a mão de Deus nas éras,  
 Sustentando o fulgor da luz da Vida,  
 No turbilhão de todas as esferas!...

## HERÓIS

CRUZ E SOUZA

Èsses sêres que passam pelas dôres  
 A's geenas do pranto acorrentados,  
 Aluviões de peitos soffredores  
 No turbilhão dos grandes desgraçados;

Corações a sangrar, êrmos de amôres,  
 Revestidos de acúleos acerados,  
 Nutrindo a luz dos sonhos superiores  
 Nos ideais maiores esfaimados;

Èsses pobres que o mundo considera  
 Os humanos farrapos dos vencidos,  
 Prisioneiros da angústia e da quiméra,

São os heróis das lutas torturantes,  
 Que são, sendo na Terra os esquecidos,  
 Coroados nas Luzes Deslumbrantes!



## AOS TORTURADOS

CRUZ E SOUZA

Torturados da vida, um passo adiante,  
Nos desertos dos áridos caminhos,  
Abandonados, trêmulos, sózinhos,  
Infelizes na dôr a cada instante!

Sôbre a luz que vos guia, bruxoleante,  
E além dos trilhos de ásperos espinhos,  
Fulgem no Além os leslumbrantes ninhos,  
Mundos de amôr no claro azul distante...

Chorai! que a imensidade inteira chora,  
Sonhando a mesma luz e a mesma aurora,  
Que idealizais chorando nas algêmas.

Vibrai no mesmo anseio em que palpita  
A alma universal sonhando aflita,  
As perfeições eternas e suprêmas!

## A SEPULTURA

CRUZ E SOUZA

Como a branca orquidêia quando nasce  
Sôbre a lama ascorosa refulgindo,  
A brancura das pétalas abrindo  
Como si a neve alvissima a orvalhasse;

Qual essa flôr fragrante como a face,  
Dum querubim anjélico sorrindo,  
Do monturo pestifero emergindo,  
Luz, que sôbre negrumes se avistasse;

Assim tambem do tumulto asqueroso,  
Evola-se a essência luminosa  
Da alma que busca o céu maravilhoso;

E como o lôdo é o berço vil de flôres,  
A Sepultura fria e tenebrosa  
E' o berço de almas, senda de esplêndores.



## ANJOS DA PAZ

CRUZ E SOUZA

O' luminosas fôrmas alvadias  
Que desceis dos espaços constelados,  
Para lenir a dôr dos desgraçados  
Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,  
De lindos firmamentos estrelados,  
Céus distantes que vemos, dominados  
De esperanças, anseios e alegrias.

Anjos da Paz, radiosas fôrmas claras,  
Doces visões de etéricos carraras  
De que o espaço fúlgido se estréla!...

Clarificai as noites mais escuras  
Que pesam sôbre a terra de amarguras,  
Com a alvorada da Paz, ditosa e bela...

## ALMA LIVRE

CRUZ E SOUZA

Um soluço divino de alegria  
Percorre a todo espirito liberto  
Das pesadas cadeias do deserto  
Dêsse mundo de sombra e de agonia.

A alma livre contempla o novo dia,  
Longe das dôres do passado incerto,  
Mergulhada no esplêndido concêrto  
De outros mundos que a luz acaricia!

Alma liberta, redimida e pura,  
Vê a aurora depois da noite escura,  
Numa visão mirífica, suprema!...

Penetra o mundo da immortalidade,  
Entre canções de luz e liberdade,  
Forçando as portas da Beleza Eterna.



## GLÓRIA VICTIS

CRUZ E SOUZA

Glória a todas as almas obscuras  
Que caíram exâнимes na estrada,  
Onde a pobre esperança abandonada  
Morre chorando sob as desventuras.

Glória á pobre criatura desprezada,  
Glória aos milhões de todas as criaturas,  
Sob a noite das grandes amarguras  
Sem conhecer a luz de uma alvorada.

Glória Victis! Hosana aos desgraçados  
Que tombaram sem vida, aniquilados,  
Nos sofrimentos purificadores;

Que o céu é a patria eterna dos vencidos,  
Onde aportam ditosos, redimidos,  
Como heróis dos deveres e das dôres!

## NOSSA MENSAGEM

CRUZ E SOUZA

Essa mensagem de esperança e vida  
Que nós mandamos da imortalidade,  
E' a lição luminosa da verdade  
Que a humanidade espera comovida.

Guardai a voz da Terra Prometida,  
Nos exílios do pranto e da saudade  
Conservai essa vaga claridade  
Da luz da eternidade indefinida.

Todo o nosso trabalho objetiva  
Dar-vos a fé, a crença persuasiva  
Nos caminhos da prova dolorosa.

Sabei vencer entre as vicissitudes,  
Como arautos de todas as virtudes  
Sôbre as ressurreições da alma gloriosa.



## ORAÇÃO AOS LIBERTOS

CRUZ E SOUZA

Alma embriagada do imortal falerno  
Segue cantando no horizonte claro,  
O teu destino esplendoroso e raro,  
Cheio das luzes do porvir eterno.

Mas não te esqueças dêsse mundo avaro,  
O escuro abismo, o tormentoso Averno,  
Sem as doces carícias do galerno  
Das esperanças, sacrosanto amparo.

Volve os teus olhos ternos, compassivos,  
Para os pobres espiritos cativos  
A's grilhetas do corpo miserando!

Abre os sacrarios da Felicidade,  
Mas lembra o orbe da sombra e da impiedade,  
Onde venceste a carne soluçando,

C É U

CRUZ E SOUZA

Ha um céu para o espirito que luta  
No oceano dos prantos salvadores,  
Céu repleto de vida e de fulgores  
Que corôa de luz a alma impoluta.

A canção da vitória ali se escuta,  
Da alma livre das penas e das dôres,  
Que faz da vida a rede de esplendores,  
Na paz, quasi integral e absoluta.

Considerai ó pobres caminheiros  
Que na Terra viveis como estrangeiros,  
De alma ofegante e coração aflito:

Considerai, fitando a imensa altura,  
Os deslumbrantes órbes da ventura,  
Por entre os sóis suspensos no Infinito!



## AOS TRISTES

CRUZ E SOUZA

Alma triste e infeliz que se tortura  
No momento que punge e dilacera,  
Para quem nunca trouxe a Primavera  
Dos seus pomos dourados de ventura;

Sou teu irmão e intrépido quisera  
Trazer-te a luz que splende pela Altura,  
Afastando essa dôr que te amargura  
Nas ansiedades de uma longa espera.

Mas ha quem guarde as gôtas do teu pranto  
No tesouro sublime e sacrosanto  
Dos arcanos de luz da Divindade!

Ha quem te faça vêr as côres do iris  
Da esperança, até a hora de partires  
Nas asas brancas da Felicidade.

## BELEZA DA MORTE

CRUZ E SOUZA

Ha no estertor da morte uma beleza  
Transcendente, ignota, luminosa,  
Beleza sossegada e silenciosa,  
Da luz branca da Paz, trêmula e acesa...

E' o augusto momento em que a alma presa  
A's cadeias da carne tenebrosa,  
Abandona a prisão, dorida e ansiosa,  
Sentindo a vida de outra natureza.

Um mistério divino ha nêsse instante,  
No qual o corpo morre e a alma vibrante  
Foge da noite das melancolias!...

No silêncio de cada moribundo,  
Ha a promessa de vida em outro mundo,  
Na mais sagrada das hierarquias,



MENSAGEIRO

CRUZ E SOUZA

Abri minhalma para os soffredores  
Na vastidão serena dos Espaços,  
Eu que na Terra tive sempre os braços  
Prêsos á cruz tantálica das dôres.

Epopéias de Sons e de Esplendores,  
E os prazeres mais pobres, mais escassos,  
E o mistério dos célicos abraços,  
Dos perfumes, das Preces e das Côres;

Tudo isso não vejo e vejo apenas  
O turbilhão das lágrimas terrenas,  
— Taça imensa de gotas amargosas!

Da piedade e do amôr eu trago o cirio  
Para afastar as trevas do martírio,  
Do silêncio das noites tenebrosas.

SI QUERES...

CRUZ E SOUZA

Si queres a ventura doce, etérea  
De outro mundo de luz, indefinido,  
Serás na Terra o filho incompreendido  
Do Tormento casado com a Miséria.

Viverás na mansão triste, funérea  
Do Soluço, do Pranto, do Gemido,  
Dos prazeres mundanos esquecido,  
Outro Jó pelas chagas da matéria.

Serás em toda Terra o feio abôrto  
Das amarguras e do desconfôrto,  
Encarcerado nas sinistras grades;

Mas um dia abrirás as portas de ouro  
E encontrarás o fúlgido tesouro,  
De benditas e eternas claridades.



## A' D Ô R

CRUZ E SOUZA

Dôr, és tu que resgatas, que redimes  
Os grandes réus, os míseros culpados,  
Os calcetas dos erros, dos pecados,  
Como eu, de um pretérito de crimes.

Sob os teus pulsos fortes e sublimes  
Sofri na Terra junto aos condenados,  
Sêres escarnecidos, torturados,  
Entre as prisões da Lágrima que exprimes!

Da perfeição és o sagrado Verbo  
O' portadora do tormento acerbo,  
Aferidora da Justiça Extrema...

Bendita a hora em que me pús á espera  
De ser, em vez do réprobo que eu era,  
O missionário dessa Dôr suprema!

## NOUTRAS ERAS

CRUZ E SOUZA

Eu já marchei pelas estradas flóreas  
Cheias de risos e de pedrarias,  
Onde todas as horas de meus dias  
Eram hinos de esplêndidas vitórias.

Tive um passado fúlgido de Glórias,  
De maravilhas de ouro e de alegrias,  
Sem reparar porém noutras sombrias  
Sendas tristes, das dôres meritórias.

E abusei dos deveres soberanos  
Para cair nos torvos desenganos  
De um destino cruel, fatal e aváro;

Para encontrar-me a sós no mesmo horto,  
Que deixara sem luz e sem conforto  
Sentindo as dôres dêsse desamparo.



## S O F R E

CRUZ E SOUZA

Toda a dôr que na vida padeceres,  
Todo o fêl que tragares, todo o pranto,  
Ser-te-ão como trevas e entretanto  
Serás pobre de luz si não sofreres.

E' que dos sofrimentos nasce o canto  
De alegria dos mundos e dos sêres,  
Pois que a dôr é a saúde dos prezeres,  
O hino da luz, misterioso e santo.

Doma o teu coração e no silêncio,  
Foge á revolta, humilha-o, dobra-o vence-o,  
Chorando a mesma dôr que o mundo chora;

Abre a tua consciência para as luzes  
E no mundo que o mal encheu de cruces,  
Do Bem encontrarás a eterna aurora.

## EXALTAÇÃO

CRUZ E SOUZA

Harmonias do Som, vibraí nos ares,  
Nos horizontes, nas atmosferas,  
Exaltai minhas dôres de outras eras,  
Meus passados, recônditos pesares.

Desdobrai-vos luzeiros estelares,  
Sôbre o aroma das novas primaveras,  
Cantem no mundo todas as quiméras,  
Aves e flôres, amplidões e mares.

Vibraí comigo, multidões de sêres,  
Na concretização dêsses prazêres,  
Do meu sonho de luzes e universos...

Exaltai-vos na vida de minh alma  
E na grandeza infinda que se espalma  
Sôbre a glória sublime dos meus versos!



## VOZES

CRUZ E SOUZA

Ha sôbre os prantos, ha sôbre as humanas  
Vozes que se lamentam nas torturas,  
Outras vozes mais doces e mais puras,  
Como um côro dulcissimo de hosanas.

As primeiras são feitas de amarguras,  
As segundas de bênçãos soberanas,  
Sôbre as dôres sagradas ou profanas  
Que pululam nas sendas mais escuras.

Sôbe da Terra, a queixa soluçando,  
Silenciosa, muda, suplicando,  
Remontando aos Espaços constelados;

Desce dos Céus a voz amiga e mansa,  
Fortificando a vida da Esperança  
— Patrimônio dos sêres desgraçados .

## SONETO

CRUZ E SOUZA

Nos labirintos dessa eternidade  
Que nós vivemos luminosa e pura,  
A alma vive na intérmina procura  
Do filão de ouro da felicidade.

Quando mais sofre tanto mais se apura  
No pensamento excelso da Verdade,  
Vendo na auréola da Imortalidade,  
A alvorada risonha da ventura.

E ao fim de cada noite tormentosa  
Que é a existência na prova dolorosa,  
Canta e vibra num dia de bonança.

Em torno da Verdade a alma gravita  
Buscando a Perfeição pura, infinita,  
Nessa jornada eterna da Esperança.



## GLÓRIA DA DÔR

CRUZ E SOUZA

Para quem dessas cruzes esquecidas  
Nas sepulturas êrmas e desertas,  
Ha o turbilhão frenético das vidas  
Sôbre as estradas ásperas, incertas...

Inda ha sânie das úlceras abertas  
No coração das almas combalidas,  
Gozadores de outróra entre as refertas  
Das ilusões que tombam fenecidas.

Só uma glória mirífica perdura  
Concretizando os sonhos da criatura  
Cheia de crenças e de cicatrizes.

E' o triunfo da Dôr que aperfeiçoa,  
Luminosa e divina, humilde e bôa,  
Glória da Dôr que é pão dos infelizes.

## QUANTA VEZ

CRUZ E SOUZA

Quanta vez eu fitei essas fronteiras,  
Horizontes, estrêlas, firmamentos,  
Prêso de sonhos e estremecimentos  
De esperança nas horas derradeiras!...

Ah! meus longinquos arrebatamentos,  
Amarguras e dôres e canseiras,  
Que vos fôstes nas lágrimas ligeiras  
Como folhas levadas pelos ventos;

Quanta vez, abafando os meus soluços,  
Como o errado viajor que cái de bruços  
Sôbre a íngreme estrada da agonia,

Ensináveis-me a lêr a biblia santa  
Desta vida imortal que se levanta  
Numa alvorada eterna de alegria...



## IDE E PREGAI

CRUZ E SOUZA

Vós que tendes as rosas da bonança  
Enlaçadas na fé mais doce e pura,  
Ide e pregai na noite da amargura  
O evangelho do amôr e da esperança.

Toda a luz da verdade que se alcança  
E' um reduto de paz firme e segura,  
Dai dessa paz a toda a criatura,  
Sôbre a qual vossa vida já descansa.

Espalhai os clarões da vossa crença  
Na pedregosa estrada dessa imensa  
Turba de irmãos famintos, torturados!

Conduzi a mensagem luminosa  
Da caridade lúcida e piedosa,  
Redentora de todos os pecados.

## CARIDADE

CRUZ E SOUZA

Caridade é a mão terna e compassiva  
Que ampara os bons e aos máus ama e perdôa,  
Misericórdia, a qual para ser bôa,  
De bens paradisiacos se priva.

Mão radiosa que traz a verde oliva  
Da paz que acarícia e que abençôa,  
Voz da eterna verdade que ressôa  
Por toda a parte promissora e ativa.

A caridade é o símbolo da chave  
Que abre as portas do céu claro e suave,  
Das consciências libertas da impureza;

E' a vibração do espirito divino,  
Em seu labor fecundo e peregrino,  
Manifestando as glórias da Beleza!...



## RENÚNCIA

CRUZ E SOUZA

Renuncia a ti mesmo! Renuncia  
A' mundana e efêmera vaidade:  
Que em ti sintas a dólcida piedade  
Que as desgraças alheias alivia.

Do homem, esquece a lúrida maldade,  
Prosseguindo na estrada luzidia,  
E denodadamente engendra e cria  
Teu proprio mundo de felicidade!

Parte o teu coração em mil fragmentos,  
Ofertando-os ao mundo que te odeia,  
Com a bondade mais pródiga e mais pura.

Não olvides em meio dos tormentos:  
— Renunciar em bem da dôr alheia,  
E' ter no Além, castelos de ventura.

## TUDO VAIDADE

CRUZ E SOUZA

Na Terra a morte é o trágico resumo  
De vanglórias, de orgulhos e de raças;  
Tudo no mundo passa, como passas,  
Entre as aluviões de cinza e fumo.

Todo o sonho carnal vaga sem rumo,  
Só o diamante do espirito sem jaças,  
Fica indene de todas as desgraças  
De que a morte voraz faz seu consumo.

Nesse mundo de lutas fratricidas,  
A vida se alimenta de outras vidas  
Num contínuo combate pavoroso;

Só a Morte abre a porta das mudanças  
E concretiza as puras esperanças  
Nos países seráficos do gôzo!



O U V I - M E

CRUZ E SOUZA

O' Vós que ides marchando, almas sedentas  
De paz, de amôr, de luz, sob as maiores  
Tempestades do mundo, sob as dôres  
Que se assemelham aos raios das tormentas;

Tambem senti as emoções violentas  
Que palpitam nos peitos sonhadores,  
E sustentei varado de amargores  
Surdas batalhas, rudes e incruentas.

Tambem vivi as lágrimas obscuras,  
Iguais ás vossas, miseras criaturas,  
Que tombais nos caminhos sem dizê-las!

Exultai, que uma vida eterna e grande,  
Além da morte, esplêndida se expande  
No coração sublime das estrêlas!...

ANJOS DA PAZ

CRUZ E SOUZA

O' luminosas fôrmas alvadias  
Que desceis dos espaços constelados,  
Para lenir a dôr dos desgraçados  
Que sofrem nas terrenas gemonias!

Vindes de ignotas luzes erradias,  
De lindos firmamentos estrelados,  
Céus distantes, que vemos dominados  
De esperanças, anseios e alegrias.

Anjos da Paz ,radiosas formas claras,  
Doces visões de etéricos carraras  
De que o espaço fúlgido se estrêla!...

Clarificai as noites mais escuras,  
Que pesam sôbre a Terra de amarguras  
Com a alvorada da Paz ditosa e bela...



## FELIZES OS QUE TÊM DEUS

CRUZ E SOUZA

Entre êsse mundo de apodrecimento  
E a vida dalma livre, dalma pura,  
Ainda se encontra a imensidade escura  
Das fronteiras de cinza e esquecimento.

Só o pensador que sofre e anda á procura  
Da verdade e da Luz no Sentimento,  
Póde guardar êsse deslumbramento  
Da Fé, fonte de mística ventura.

Felizes os que teem Deus nessa batalha  
Da miseria terrena que estraçalha  
Todo o anseio de amôr ou de bonança!...

Venturoso o que vai por entre as dôres  
Atravessando o oceâno de amargores,  
No bergantim sagrado da Esperança.

## EU MESMO



EMILIO DE MENEZES

Poeta brasileiro, nascido em Curitiba e desincarnado no Rio de Janeiro. Musa vivacissima e fulgurante, sem deixar de ser profunda, era sobretudo ativamente humoristica. Legou-nos "Poemas da Morte", 1901 e "Poesias",

1909, além de "Mortalhas", versos satiricos postumamente colecionados. Distinguiu-se pela altaneza dos temas, quanto pela opulência das rimas.

Eu mesmo estou a ignorar se posso  
Chamar-me ainda o Emilio de Menezes,  
Procurando tomar o tempo vosso,  
Recitando epigramas descorteses.

Como hei de versejar? Rimas em osso  
São dificeis... contudo, de outras vezes,  
Eu sabia rezar o Padre Nosso  
E unir meus versos como irmãos siameses.



Como hei de aparecer? O que é impossível  
E' ser um santarrão inconcebível,  
Trazendo as luzes do evangelho às gentes...

Sou o Emilio distante da garrafa,  
Mas, que não se entristece e nem se abafa,  
Longe das anedotas indecentes.

## A'OS MEUS AMIGOS DA TERRA

EMILIO DE MENEZES

Amigos, tolerai o meu assunto,  
(Sempre vivi do sofrimento alheio)  
Revelai, que as promessas de um defunto  
São cousa inda invulgar no vosso meio.

Apesar do meu cérebro bestunto,  
O élo que nos unia conservei-o,  
Como a quasi saudade do presunto,  
Que nutre um corpo empanturrado e feio.

Espero-vos aqui com as minhas festas,  
Nas quais, porém, o vinho não explode.  
Nem ha cheiro de carnes ou cebôlas.

Evitai as comidas indigestas,  
Pois na hora do "salva-se quem pode",  
Muita gente nem fica de ceroulas .



## IMORTALIDADE



FAGUNDES VARELA

Este é o sempre laureado cantor do Evangelho nas Selvas, a voz sonora e doce do Cântico do Calvário. Fluminense, desincarnou com 34 anos, em 1875 — depois de uma existência tormentosa.

Senhor! Senhor! que os verbos luminosos  
Do amôr, da perfeição, da liberdade,  
Inflamem minhas vozes nêste instante!  
Que o meu grito bem alto se levante,  
Conduzindo a mensagem bemfazeja  
Das esperanças para a humanidade!  
Senhor! Senhor! que paire sôbre o mundo  
A luz do teu poder inegualavel,  
Que os lírios te saüdem perfumando  
Os arrebóis, as noites, as auras;  
Hinos de amôr que os passaros te elevem  
Dos seus ninhos de plácida harmonia;  
Que as fontes no seu doce murmurio  
Te bendigam com terna suavidade;



Que todo o sêr no mundo se descubra  
Perante a tua excelsa majestade,  
Saturado do amôr onipotente  
Que promana abundante do teu seio!...

Senhor! que a minha voz alti-sonante  
Se propague entre os homens, que a verdade  
Resplandeça na terra da amargura!

Pai! tu que removes o impossível,  
Que transmudas em rosas os espinhos,  
E que arrancas a treva dos caminhos  
Com a luz que afirma a tua onipotência,  
Permite que a minha alma seja ouvida  
Na vastidão do mundo do destêrro,  
Que os meus irmãos da Terra me recebam  
Como o ausente invisível, redivivo!...

Irmãos! eis-me de novo ao vosso lado,  
Venho de esferas lúcidas, riosas,  
Atravessei estradas tenebrosas  
E sendas deslumbrantes e estelíferas,  
Empunhando o salterio da esperança.

Pude transpôr abismos de ouro e rosas,  
Sendas de sonho e báratros escuros,  
Planetas como náus sem palinuros  
Nos oceânos do éter infinito!  
Contemplei Vias-Lacteas assombrosas,  
Visões de sóis eternos confundidas  
Entre estrêlas igníferas, distantes;  
Vi astros portentosos desferindo  
Harmonias de amôr e claridades,  
E humanidades entre humanidades,  
Povoando o universo esplendoroso...

Descansei sôbre as ilhas de repouso  
Em lindos arquipélagos distantes,  
Habitei os palácios encantados,  
Em retiros de amôr calmo e sereno,  
Onde o sólo é formado de ouro e neve,  
Onde a treva e onde a noite são apenas  
Recordações de mundos obscuros!  
Onde as flôres do afêto imperecível  
Não se emurchessem como sôbre a Terra...  
Lá nesses órbes lúcidos, divinos,  
O amôr, sómente o amôr nutre e dá vida,  
Sómente o amôr é a vibração de tudo!  
Vi céus por sôbre céus inumeráveis,  
Mundos de dôr e mundos de alegria,  
Em luminosidades e harmonias  
Aos beijos arcanjêlicos da luz,  
Que é a mensagem de Deus por toda parte,  
E apenas conheci um pormenor,  
Um detalhe minúsculo, um fragmento  
Da criação infinita e resplendente!

Ah! Morte!... A Morte é o anjo luminoso  
Da liberdade franca, jubilosa,  
Quando a esperamos tristes e abatidos;  
Quando traz imácula e sublime  
A chama da esperança dentro dalma,  
Amando-se da vida os bens mais nobres,  
Si o mundo abafa em nós toda a alegria,  
Roubando-nos afêtos e consôlos,  
Martirizando o coração dorido  
Na cruz das asperezas mais austeras,  
A morte corrobora as nossas crenças,  
As nossas esperanças mais profundas,  
Rompendo o véu que encobre á nossa vista  
O eterno panorama do universo,



E aponta-nos o céu, a imensidade,  
Onde as almas ditosas se engrandecem,  
Guiando-nos através de labirintos  
Para a luz, para a vida e para o amôr.

Que representa a Terra ante a grandeza  
De tantos sóis e mundos luminosos?  
E' sômente uma estância pequenina,  
Onde a dôr, onde a lágrima divina  
Modelam almas para a perfeição.  
E' apenas um degráu na imensidade  
Onde se regenera no tormento  
Quem se afasta da luz e da verdade;  
Ela é sômente o exílio temporario,  
Onde se sofre a angústia da distância  
Dos que amamos com alma e com fervôr.

Morte! que te abençoem sofredores,  
Que te bendiga o espirito abatido,  
Já que és a terna mão libertadora  
Dos escravos da carne, dos escravos  
Das aflições, das dôres, da tortura!  
Bendigo-te por tudo o que me déstes,  
Pela beleza da imortalidade,  
Pela visão dos céus resplandecentes,  
Pelos beijos de sêres bem amados.

Senhor! Senhor! que a minha voz se extenda  
Como um canto sublime de esperança  
Sôbre a fronte de todos quantos sofrem,  
Ansiando mais luz, mais liberdade  
No órbe da expiação e da impiedade!

## O PADRE JOÃO



GUERRA JUNQUEIRO

Abilio Guerra Junqueiro, poeta português nascido em 1950 e de sincarnado em 1923, é assás conhecido no Brasil, como épico dos maiores, da lingua portuguesa. As suas obras, em que pesem anos e gostos literarios, ainda hoje são lidas e decoradas com sabor de atualidade, pelos que não es-

timam na Poesia apenas o malabarismo das palavras, mas o fulgor das idéias. Notavel, sobretudo, pela sua hostilidade á Igreja de Roma, vemos por sua produção de agora, que os anos do além-túmulo não lhe alteraram a sadia e lucida mentalidade, nas mesmas diretrizes. E esta circunstância é tanto mais notavel, quando o Romanismo se ufana de uma conversão *in-extremis*.

Tombava o dia.  
A luz crepuscular  
Mansamente descia  
Inundando de sombra o céu, a terra, o mar...  
O meigo padre João,



Um puro coração,  
Qual lírio a vicejar em meio a um pantanal,  
Sonhava ao pé da igreja, um templo envelhecido  
Ao lado de um verjél esplêndido e florido,  
Sentindo dentro dalma um frio sepulcral.

O firmamento

Tingia-se de luz brilhante e harmoniosa,  
A noite era de sonho e névoa luminosa.

Padre João meditava orando ao Deus de amôr:

Revia em pensamento

Uma luz singular nas dobras do passado;  
Era um vulto sublime, excelso, imaculado,  
Que fazia descer o amôr ás multidões,  
Inflamado de fé, desatando os grillhões,  
Que prendiam a alma á carne putrecível,  
Uma réstea de sol sôbre a noite do Horrível,  
Iluminando o mundo, iluminando a vida,  
Pensando docemente a putrida ferida  
Da imperfeição que rói a torva humanidade,  
Oferecendo amôr em flôres de bondade,  
Aos pecadores dando amigas esperanças,  
E aumentando nos bons as bem-aventuranças.  
Era o meigo Pastor irradiando a luz,  
Era o anjo do Bem, o imaculo Jesus.

O sacerdote, então,

Comparou meditando a fulgida visão  
Com aquele Cristo nú, de pau inerte e frio,  
Imovel dominando o âmbito vasio;  
Notando a diferença, imensa, extraordinaria,  
Daquela igreja fria, a êrmda solitária,  
Da igreja de Jesus,  
Feita de amôr e luz,  
De paz e de perdão,  
O faról da verdade ao humano coração.

E viu da sua igreja o êrro tão profundo,  
Dourando os véus da carne e amortalhando o mundo  
Em trevas persistentes,  
Por anos inclementes  
Em séculos sem fim.

Conhecendo no padre o gêmeo de Caim,  
Afastado da luz, fugindo aos irmãos seus,  
Fugindo dêste modo ao proprio amôr de Deus,  
Padre João meditou nas lutas incessantes  
Sustentadas na Terra em pról da evolução,  
E viu no mundo inteiro as ânsias delirantes  
De trabalho, de amôr, de eterna perfeição.

Sentiu seu coração em dôres lacerado,  
E no sonho da luz fulgente do passado,  
Penetrou soluçando a ermida então deserta,  
Teve medo e receio, o espirito gelado,  
Sentiu-se no seu templo um pobre emparedado...  
E fugindo a correr da porta semi-aberta,  
Com o coração sangrando em úlceras de dôr,  
Encaminhou-se ao campo, á natureza em flôr.  
Fitou, extasiado, a natureza em festa,  
As árvores, a flôr, os mares, a floresta,  
E como si o animasse uma chama divina,  
Despiu-se do negrume espêsso da batina  
E fitando a chorar o céu estrelejado,  
Encheu a solidão com as vozes do seu brado: —

O' igreja não possúis a idéia que eu sonhava,  
A luz radiosa e bela, a luz eterna e rara  
Que nos vem de Jesus;  
Tua mão não conduz  
A's plagas da verdade,  
Mantendo inutilmente a pobre humanidade,  
No mal da ignorância, túrbida e falaz,  
Crestando a fé, roubando a luz, matando a paz.



Tu que esqueces a alma e endeusas a materia,  
 Que transformas o padre em trapo de miseria,  
 Um farrapo de sombra, exótica e execravel,  
 Um fantasma ambulante em treva interminavel!

E' um blasfemo quem crê que em teus nichos e altares.  
 Guarda-se a essência pura e imácula de Deus;  
 Eu vejo-O desde a flôr ás luzes estrelares,  
 Na piedade, no amôr, na imensidão dos céus.  
 O' igreja, o dogma frio é um calabouço escuro,  
 E eu quero abandonar a noite da prisão;  
 Prefiro a liberdade e a vida no futuro,  
 Guiando-me o faról da fúlgida Razão.  
 Desprezo-te, ó torreão de séculos trevosos,  
 Ruínas de maldade estúltica a cair,  
 Eu quero palmilhar caminhos luminosos  
 Que minhalma entrevê na aurora do porvir!"

Emudeceu-se o padre. Submergido em pranto,  
 Achou mais belo o céu e o seu viver mais santo.

Pairava na amplidão extranho resplendor.  
 A natureza inteira em lúcida poesia,  
 Repousava feliz nas preces da harmonia!...  
 Era o festim do amôr,  
 No firmamento em luz,  
 Que celebrava  
 A grandeza de uma alma que voltava  
 Ao redil de Jesus.

## CARIDADE

GUERRA JUNQUEIRO

Caía a noite em paz. Crepúsculo. Horas quedas.  
 Horas de solidão. Pelas planicies ledas  
 A asa ruflando inquieta, os meigos passarinhos  
 Recolham-se á pressa em busca dos seus ninhos!  
 Repousavam, tremendo os colibris doirados,  
 Pipilavam febris na beira dos telhados,  
 Reünidas no lar caricioso e terno  
 Andorinhas gentís, tardigradas do inverno;  
 As árvores senhorís, despidas dos seus galhos,  
 Como braços em cruz sangrentos nos trabalhos,  
 Elevavam-se ao céu silenciosas, mudas,  
 Sentinelas da dôr nas regiões desnudas;  
 Uniam-se nos ovis as ovelhinhas mansas,  
 Os risos dos aldeões e as orações das crianças  
 Casavam-se formando em ruínas soberanas,  
 Os poemas de luz, que nascem das choupanas,  
 Canções de oiro e de sol das almas virginais  
 Exhalando, a sorrir, o aroma dos trigais;  
 Almas anjélicas, relicarios da essência,  
 Da verdade e do amôr, do amôr e da inocência,  
 Almas feitas de luar, de candida frescura,  
 Vivendo a vida doce, imaculada e pura  
 De quem ama a existência placida da aldeia  
 Cujó sonho é cândura e a vida uma epopéia,  
 De louvores á dôr, de exaltações de prantos!...



Caía a noite em paz, por entre os negros mantos  
De espessa escuridão. Sinistramente, a lua,  
Rolava na amplidão como cabeça nua,  
Como poça de sangue, horrendamente informe...

O silêncio pesava impressionante e enorme!

Nevava quasi e a treva espessa e fria,  
Era bem a visão da mágua e da invernoia;  
Enchia-se o ar de gêlo igual a açoite de aço,  
Que vibrasse, cortando, a imensidão do espaço.

E eu pedia ao Criador da imensidade etérea,  
Que extendesse o seu manto aos ombros da miséria,  
Que agasalhasse o pobre e que dêsse ao mendigo  
Um frangalho de pão e um momento de abrigo,  
Que pusesse suas mãos benévolas e puras  
Sôbre o abismo voraz de tantas amarguras,  
Que levasse o amor onde faltasse o lar,  
Onde sobrasse a angústia, onde andasse o penar.

Em mim sentia a dôr dos que não têm carinhos,  
Que se vão de longada ao longo dos caminhos,  
Sem temer a hediondez das negras horas mortas,  
Pedindo a soluçar um caldo negro ás portas!  
E sondava o amargor dos operarios rudes,  
Filhos da obediência, anhos de mansuetudes,  
Que vão cedo ao trabalho, á lide que os consome,  
Deixando a casa entregue ás penurias da fome.  
Pesava toda a dôr que o mundo inteiro cobre,  
O castelo real e a cabana do pobre,  
A dôr que faz da Terra um ninho de infelizes,  
Que palpita nos reis, que anda nas meretrizes;  
A dôr que dobra e vence as multidões ignaras,  
Que derruba os casais e come o pão das searas!...

Quando vi resplender nas bandas do ocidente  
Uma excelsa visão que andava mansamente:  
Tinha nas mãos de luz ramalhetes de lírios  
E no olhar a expressão de todos os martírios;  
Digna como um juiz, fulgente como a luz  
Que dimana do amor divino de Jesus.  
Seu luminoso olhar, esplêndido e profundo,  
Era como a piedade iluminando o mundo;  
Suas faces e a fronte alvas como alabastros  
Pareciam do alvor das estrias dos astros.  
Emitia esplendor sua túnica de arminhos,  
Dissolvendo os sendais das trevas dos caminhos!...  
Quem és tu? — murmurei.

— “Chamo-me Caridade.

Emissaria de Deus a toda a humanidade:  
Pairo por sôbre um sêr, resplandecente e puro,  
Como pairo a sorrir por cima de um monturo;  
Desço das vastidões dentro das horas mudas,  
Deixo Cristo na cruz para encontrar com Judas.  
Amo os bons e protejo as almas vis e hediondas,  
Ando por toda a terra, ando por sôbre as ondas,  
Do oceano a rugir sob meus pés de névoa;  
Para levar a luz e com ansiedade, levo-a  
A quem nas aflições, chama-me em altos brados  
No turbilhão de horror de todos os pecados.  
Para mim, não existe a classe, a seita e as gentes,  
Abranjo em meu amor a alma dos continentes;  
Atravesso o oceano e atravesso os países,  
Vou onde exista a miséria e onde exista infelizes.  
Sou o faról da legião dos pobres sofredores,  
Levo o sol, o pão e a luz, balsamizando as dôres;  
Conduzo com avidez o lúcido estandarte  
Do bem, que ampara a dôr e vela os sonhos darte.  
Amo o labor da ciência e amo a existência honesta,  
Do ingênuo lavrador que em vez do sono á sesta,



Enche com o seu trabalho as lindas manhãs claras,  
 E quando a tarde chega, engendra a paz das searas.  
 Amo o trabalhador, como adoro as boninas,  
 Que se entreabrem na estrada adornando as campinas,  
 As rosas festivas das frescas alamedas  
 Que abarrotam de olor as primaveras ledas.  
 Amo o goivo e o lilaz, como amo o luto e a festa,  
 Amo a féra bravia e as aves da floresta;  
 Guardo comigo a dôr, as máguas, as esp'ranças,  
 Idolatro os senís, como idolatro as crianças.  
 Vivo fora do plano imundo da materia,  
 Confortando o amargor, consolando a miseria;  
 E' por isto talvez, que, comovida eu oiço,  
 O grito da casa nobre e o éco do calaboiço;  
 Visito os hospitais, creches e orfanatos,  
 Sem toques de clarins e sem espalhafatos;  
 Vou ao cárcere escuro, entro nos palacetes,  
 Desço ao subterrâneo, elevo-me aos minaretes,  
 Estou dentro do templo e dentro dos prostíbulos,  
 Ao pé do altar da fé, no sopé dos patíbulos;  
 Oro em qualquer lugar, nas ermidas, nos montes,  
 Subo da Terra ao Céu. Não conheço horizontes.  
 Não conheço nações, corro do brejo aos sóis,  
 Beijo um cadaver nú como oscúlo os heróis.  
 Nunca a lisonja fiz, nem recebo homenagens,  
 Trato com o mesmo amôr os cultos e os selvagens.  
 Jámais pude escolher entre Roma e Paris,  
 Não me regem as leis que regem um país.  
 Minha missão é amar. Amo o templo e amo a escola,  
 Amo o bem que alivia, amo o bem que consola”.

“Caridade! — tornei. Porque volves ao mundo?  
 O mundo é o mesmo cáos, o mesmo charco imundo.  
 A humanidade é a mesma, alma de fariseus  
 Que não te quer, nem quer o amôr do proprio Deus!  
 O homem não se mudou. E a tola sociedade

E' o nojento paúl da criminalidade,  
 Lodo fenomenal de descrença e malícia.  
 Vai! consulta as prisões e consulta a policia.  
 Onde puseste a luz, onde fundaste a escola,  
 O homem pôs o missal, as batinas e a estola.  
 Onde fôste ensinar cantigas ás ceifeiras,  
 O homem fez barregãs que se vendem nas feiras!  
 Onde andaste a criar a cidade e os impérios  
 Ele fez podridões de tãbidos cemitérios;  
 Onde criaste o ideal e a inspiração divina,  
 Fez a bomba explosiva, a força e a guilhotina.  
 A sociedade vil é quasi a mesma Imperia,  
 Rindo na podridão, transudando a miseria.  
 Morre o bem, morre o amôr, causa nojo a politica,  
 Causa asco e pavor esta velha sifilitica,  
 Que brada sem cessar: — “Inda grita a canalha?  
 Abra-se-lhe a prisão, jogue-se-lhe a metralha.

E si alguém reclamar, ha canhões na Alemanha;  
 Si o canhão não chegar, ha mosteiros na Espanha,  
 Onde existe o grilhão dentro de escuras celas,  
 Celas que são prisões cheias de sentinelas.  
 E si o povo chorar, que se açoite êsse povo!  
 A cada reclamação responda um imposto novo.  
 Mate-se a mocidade, asfixie-se a infância,  
 Propague-se a impiedade, espalhe-se a ignorância,  
 De nada serve o livro a um povo sempre cego.  
 E si a fome vier, ponha-se a honra ao prégo.  
 Para que se não veja a ruina e os cemitérios,  
 Si o estrangeiro chegar — Bailes nos ministerios!  
 Músicas sôbre a dôr, flôres sôbre os lameiros,  
 Girândolas ao ar, honras aos forasteiros!  
 Sêdas por sôbre a lepra, aromas sôbre os fedôres,  
 Fôgo a quem mendigar! morte a quem sinta dôres!...  
 Ao raiar a manhã, toque-se para a missa,  
 Que esta plebe é de cães, que esta plebe é submissa.



E esse povo infeliz dorme pelas calçadas,  
 Almoça e ceia o luar, morre sob pauladas —  
 E á pobre sociedade é igual a religião,  
 Que encarcera o ideal dentro da Inquisição!  
 Principalmente Roma, a esta nada escapa,  
 Demonstrando o conflito entre Jesus e o Papa:  
 Jesus amava a luz, o Papa o oiro vil,  
 Jesus amava o pobre, o Papa a Rotchil!  
 Que queres, Caridade! o mundo é sempre assim,  
 Sacrifica um Abél para aceitar um Caim!”

— “Antes de tudo, amigo, eu não sei, não discuto;  
 Eu só quero saber onde ha miseria e luto.  
 Raciocina, poeta!

A alma da caridade,

Abomina o rumor que alimenta a vaidade  
 Para o seu labutar, toma vestes sinjélas;  
 Para fazer o bem corre o fêcho ás janelas.  
 Não lê Anacreonte e ignora Petrarcas;  
 Não reconhece a lei que emana dos monarcas.  
 Nunca soube notar, nem sabe discernir  
 Qual deles foi maior, se Goethe ou Shakespeare,  
 Si houve o pincél de Goia e o buril de Bordalo,  
 Si Calígula quis endeusar um cavallo;  
 Si o nome de Mafoma é o mesmo que Maomé,  
 Si houve no tempo antigo uma arca de Noé;  
 Si a Pati cantou bem pelas festas mundanas,  
 Si vieram máus reis, entre máus soberanas;  
 Não entende Voltaire, nem más literaturas.  
 Sômente lhe interessa a sorte das criaturas.  
 Nunca soube enxergar si ha Lutéro e Jesuitas,  
 Sabe sômente vêr as dôres infinitas.  
 Não vai á Roma vêr o papa que se cobre  
 De fulgentes milhões para humilhar o pobre.  
 Não vai á Terra Santa em peregrinações,  
 Jámais toma lugar para fazer sermões.

Passa no mundo a pé, jámais anda de sege,  
 Nem sabe distinguir entre um pária e Carnegie.  
 Nunca aos concilios foi dar suas opiniões,  
 Nunca reza em latim, nunca fez procissões.  
 Jámais focalizou questões eleitorais,  
 E não vai desfolhar miserias nos jornais.  
 Entra no lupanar, não lhe estorva a política,  
 Não lhe pode abalar a opinião da crítica.  
 Nunca viu povolêus, nem divisa a ralé,  
 Nem problemas sociais, nem dogmas de fé!  
 Rejeita a excomunhão, jámais amaldiçôa,  
 Sabe sômente que ama e tambem que perdôa.  
 Sabe apenas que ha pranto ao longo dos caminhos,  
 Que falta o amôr e o pão, agua e calôr nos ninhos.  
 Corre sem se cansar desde o nascer da aurora,  
 Para buscar a dôr da orfandade que chora.  
 Conhece apenas que ha a turba de torturados,  
 Tanques de podridões, maltas de desgraçados.  
 Sabe onde falta sol, onde escassa é a saúde,  
 Onde se mete a flôr excelsa da virtude.  
 Olha sem se anojár, máguas, miserias, dôr,  
 Não conhece opinião, segue a Nosso Senhor!  
 Anda no Novo Mundo, corre por toda a Europa,  
 Mendigando uma luz e um bocado de sôpa,  
 Luz para desfazer a baixeza de instintos,  
 Sôpa para matar a fome dos famintos.  
 Fôge da discussão e não está nas pelejas,  
 Nem no ambiênte hostil e estreito das igrejas.  
 Sabe amar e querer flôres e passarinhos,  
 Os mendigos e os reis, os palacios e os ninhos!  
 Tem abnegação. Sabe rasgar o peito,  
 E escrever com seu sangue a Justiça e o Direito!  
 Sabe o amôr. Sabe o bem. A alma da caridade,  
 Sabe endeusar a luz e adorar a verdade.  
 Vai a todo o lugar, recôndito e diverso.  
 Não existe num mundo. Existe no Universo.



Poeta amigo, adeus! Ha muito que me espera  
 A imensidão da dôr. Procuro a pomba e a féra.  
 Tenho muito a prestar ás ovelhas transviadas,  
 Que ouvem as tentações do beiral das estradas.  
 E' preciso que eu vá visitar os covis,  
 Amparar o chagal, as aves e os reptis;  
 Necessario é lhes leve a vida e a liberdade.  
 Procurando os pardais, melros e cotovias.  
 Vou subir á colinas e descer aos valados,  
 Caçando o pranto e a dôr dos pobres desgraçados.  
 Chama-me o sofredor, chama-me a orfandade,  
 Necessario é lhes leve a vida e a liberdade.  
 Si tua alma quiser inda encontrar-me um dia,  
 Desce ao antro sem paz donde fôge a alegria;  
 Vai sem mêdo e receio á lôbrega mansarda,  
 Onde tarda a saúde e onde o confôrto tarda.  
 Vai ás roças louças nas alvoradas claras...  
 Estou com o lavrador na tarefa das searas.  
 Como do seu farnél, tomo o arado e a charrúa,  
 Lá me ponho a lidar e de lá volto á rua,  
 Para guiar os máus, para guiar felizes;  
 Minha missão é amar os vermes e os países!"...

Muito tempo passara e a noite inda era escura.  
 Noite de neve atroz, noite de desventura!  
 Foi-se a linda visão, dissipando as neblinas,  
 Repartindo o seu pão de carícias divinas.

Tudo voltou á paz silenciosa e calma!...  
 O inverno e o pesar; e aos olhos da minh alma,  
 O mundo famulento, a Terra, parecia  
 O planeta da sombra e a mansão da agonia!

## ROMARIA

GUERRA JUNQUEIRO

## (PASSEIO MATINAL)

Fim da Poesia inserta em *Poesias*  
*Dispersas.*

.....  
 Não sabeis, não sabeis, filhas que adoro tanto,  
 Calcular a extensão de tantas amarguras,  
 Existências em flôr, fustigadas de pranto,  
 Lírios no lamaçal das grandes desventuras...

Almas na escuridão da noite sem aurora,  
 Corpos de podridão, urnas de lama e pús,  
 Anjos açucenais que a miseria devora,  
 Pobresitos sem pão, esqueléticos e nús.

No entanto, ha aroma e luz na beira dos caminhos,  
 Cantos de rouxinóis, árvores, fruto e flôr,  
 Harmonias sutis que se evolvem dos ninhos,  
 Dourados pelo sol da alvorada do amôr!



Mocidade no Abril resplandecente e loiro  
De noivado e canção das almas virginais;  
Entoando a sorrir mil ditirambos de oiro,  
Como as aves gracís em vôos nos trigais.

A alegria tafúl das manhãs harmoniosas  
Em que Maio desfolha os cravos e os jasmíns,  
Espargindo dos céus as glicínias formosas,  
Na esmeraldina côr do côlo dos jardins!

E Deus que fez a flôr e a cândura das crianças,  
Fez tambem o soluço e a lágrima dorida,  
E se fez a bondade envolta de esperanças,  
Criou a dôr, clareando a escuridão da vida.

Ha risos e esplendor e ha prantos, filhas minhas,  
Porque o pranto é que lava as manchas e os negrumes,  
De almas torvas e vis, misérrimas, mesquinhas,  
Transformando-as em luz e em vasos de perfumes!...

A lágrima da dôr é estrêla que transluz,  
Um coração que sofre é chama que se eleva  
Da túrbida hediondez dos pantanais da treva,  
A's regiões da glória intérmima da luz.

Sôbre o escuro, porém, das lepras mal cheirosas,  
Paíra o clarão do amôr, edênico e sem par,  
Que liga o verme ao mar, que une a pomba ás rosas,  
Que o grão de areia une ao roble secular.

O amôr que fraterniza, o amôr que dá saúde,  
Que irmana a féra e a flôr, as aves e os chacais,  
Que faz da Caridade a flama da Virtude,  
Que sublime conduz aos planos celestiais.

Filhas que Deus me deu, vinde alegres, comigo,  
Vinde comigo vêr a dôr dos desgraçados,  
Que chorando se vão, sem patria e sem abrigo,  
Cheios de sânie e pús, com os corpos cancerados.

Aproveitemos pois, esta hora calma e mansa,  
Em que ha músicas no ar e olores nas estradas,  
Hora em que a Terra acôrda em haustos de esperança,  
E'bria de aroma e luz das flôres orvalhadas.

Saüdam o alvorecer as vozes das ovelhas,  
Perpassam colibrís, chilreia a passarada,  
Zumbem sôfregamente as trêfegas 'abelhas,  
Compondo o hino de sol de esplêndida alvorada!

Partamos nós, tambem, por este mundo afora,  
Nutrindo o coração na fonte da esperânça,  
Dando consôlo á dôr, á treva a luz da aurora,  
A paz á guerra e á luta os lírios da bonança.

Conduzamos conosco a luz da Caridade,  
Oferecendo o Bem aos pobres pequeninos,  
Ofertando com amôr á toda a humanidade  
Esse pão divinal que é dos trigais divinos.

Espalhemos a Fé, a Caridade e a Crença,  
Tenhamos a noss'alma em delubros de luz,  
E acharemos no fim da romaria imensa,  
As venturas e a paz nos braços de Jesus!



## ETERNA VITIMA

## GUERRA JUNQUEIRO

Na silenciosa paz do cimo do Calvario  
Ainda se vê na cruz o Cristo solitário.

Vinte séculos de dôr, de pranto e de agonia,  
Reprezam-se no olhar do Filho de Maria.

Abandonado e só na aridez da colina,  
Sofre infindo martírio a vitima divina;

Açoitado, traído e calmo, silencioso,  
Da Terra ao Céu espraia o seu olhar piedoso.

Dois mil anos de dôr e os seus cruéis algozes,  
Passaram sem cessar como chacais ferozes.

Caravanas de reis nos tronos passageiros  
Exaltados na voz das trompas dos guerreiros;

Os lendarios heróis no dôrso dos corcéis,  
Inscrevendo com fogo as máximas das leis.

Cavalheiros gentis, valentes blasonados,  
Nobres de sangue azul nos seus mantos dourados;

Viram-no semi-nú, na cruz, ensangüentado  
E puseram-se a rir do louco supliciado.

O Cristo continuou humilde e silencioso  
Espraçando na Terra o seu olhar piedoso.

Sabios do tempo antigo abrindo os livros santos  
Olharam-no tambem, partindo como tantos.

Artistas e histriões, poetas e trovadores,  
Castelãs juvenis, turbas de gozadores;

Inda vieram depois aqueles que em seu nome,  
Espalharam a treva, o pranto, a guerra e a fome;

Desolação e horror, mataram-se os irmãos,  
Lobos, tigres, chacais na capa dos cristãos;

Contemplaram Jesus no cume da colina,  
Multiplicando a guerra, as lutas e a chacina.

O Mestre prosseguiu sublime e silencioso  
Espraçando na Terra o seu olhar piedoso.

E na época atual a caravana extranha  
Estaca no sopé da arida montanha;

Mas os soberdos reis e cézares antigos,  
Hoje mais nada são que miseros mendigos;

Os nobres de outro tempo agora transformados,  
Nos párias do amargor, nos grandes desgraçados;



Agora, vêem sim, no topo do Calvario,  
O sacrificio e a dôr do eterno visionario;

Bradando com fúror: — “Socórre-nos Jesus!  
Que possamos vencer a dôr em nossa cruz.

Sorvendo o amaro fêl nas dôres da aflicção  
Temos fome de paz e sêde de perdão!”

E o Mestre da bondade, o anjo da virtude,  
Extende o seu perdão cheio de mansuetude.

E do cimo da cruz, calmo e silencioso,  
Consola a multidão com o seu olhar piedoso.

## A' UM PADRE

GUERRA JUNQUEIRO

(Versos a um agressor  
do Espiritismo).

O' padre lutador, procurai santamente  
Apregoar ao mundo herético e descrente  
Os dogmas ancestrais da vossa velha Igreja!

A árvore do progresso esplêndida viceja.  
A ciência caminha a passos de gigante  
Para se unir á fé, operosa e triunfante.  
E' preciso instalar a Inquisição de novo,  
Contendo a aspiração indômita do povo,  
De saber a verdade acerca do Destino.

Proclamai, proclamai o dogma *divino!*  
Fazei bulas, torcei as leis, trazei Loiólas,  
Ensinai catecismo em todas as escolas;  
Ponde sôbre a esperança o inferno que flameja,  
Cheio de excomunhões e de mastins da Igreja!  
Ensinai que Deus é o bramánico satrapa  
Que enviou para o mundo os bergantins do papa.  
Afirmar que um sacrista é um ministro do Eterno.  
Comei Jesus no pão refogado em falerno;  
Formai sob a batina as gerações vindoiras,  
Tomai em vossas mãos de *crísticas* tesoiras,



Cortai a asa de luz de toda liberdade,  
 Afogai na descrença a pobre humanidade,  
 Multiplicai no mundo as vossas benzeduras, e  
 Multiplicai na Igreja os ritos e as tonsuras!

Teologicamente, anatematizai  
 Todo aquele que em Deus sentir o amor de um Pai,  
 Ponde em cada recanto um novo Torquemada  
 E um trapo de batina ao pé de cada estrada,  
 Fazei autos de fé, pregai probabilismos,  
 Dentro das ilações e dos anacronismos,  
 Endeusai sobre o trono a fortuna dos Crésus  
 Esquecei sobre a lama os pobres indefesos.

Transformai todo templo em balcão de bentinhos  
 Com representações em todos os caminhos;  
 Interpretai Jesus no prisma do interesse,  
 Traficai com o altar, vendei o ensino e a prece.  
 Anatematizai todas as heresias;  
 Aprovei, aplaudí as grandes simonias,  
 Porque, em verdade, são como crimes sagrados  
 E a estola de um sacrista é isenta de pecados.

Insensai Harpagões, absolvei magnatas,  
 Entre encomendações, discursos, sermonatas;  
 Lembrai a Inquisição e a história do papado,  
 Retende na memória os erros do passado.

Lêde com desassombro o intrépido Barônio,  
 Sem o medo pueril do inferno e do demônio,  
 E vinde proclamar ao mundo fariseu  
 Que somente na Igreja ha sendas para o céu;  
 Só a Igreja possui a santa autoridade  
 Dentro das presunções da infalibilidade.  
 Sobre o luxo gritai no púlpito florido,  
 Gritai que o mundo está perverso e corrompido,

Escrevei com furor contra as guerras tigrinas,  
 A abençoar fuzis, metralhas, carabinas,  
 A discordia infundi! Nutri regionalismos,  
 Incentivai com ardor os rubros fanatismos.

Si puderdes, irmão, armai nova fogueira  
 A quem asseverar que o papado é uma feira  
 Onde Deus é um cifrão e onde se negocia  
 A benção de Jesus, e a benção de Maria;  
 Onde a verdade está sob as cavilações  
 Dos circulos hostis de torpes convenções!

Praticai e afirmai ainda mais do que isto.  
 Tendes a autoridade e a mansidão do Cristo.

.....

Mas, ouvi minha voz impávida e serena!...  
 Fazendo-vos ouvir, tomando a vossa pena,  
 Jámais vos esqueçais de que a verdade é de ouro.  
 Afastarmo-nos dela é andar no sorvedouro  
 Da calúnia que fere o coração mais rude,  
 Da mentira que, enfim, não alcança a virtude,  
 Que traz porém consigo o vírus que envenena!...

Quem perpetra a inverdade a si mesmo condena.

A luta da verdade, a luta das idéias  
 E' feita nos clarões das grandes epopéias  
 Que impele o coração ao nobre sacrificio;  
 Cada gesto leal é mesmo que um interstício  
 Por onde a Luz penetra em jorros cristalinos,  
 Clareando o porvir ignoto dos destinos.



Criar uma ficção e excomungar de oitiva  
 E' proprio das paixões e proprio da inventiva.  
 Nunca vos entregueis a tanto dispauterio,  
 Jámais enxovalheis o vosso ministério.

Acostumai-vos, pois, ao sol que tudo aclara;  
 Deixai a insensatez dos clérigos, da tiara,  
 Abandonai a treva e vinde para a luz!  
 Aprendei muito mais do exemplo de Jesus.

Olvidai convenções, congregações, papado,  
 Que a Verdade jámais se vende no mercado.

## “UM QUADRO DA QUARESMA”

GUERRA JUNQUEIRO

Entre lamentações e estridulas matracas,  
 Num cenario infantil, feito de gesso e laca,  
 Representa-se a peça antiga da quaresma...

O pobre Senhor-Morto, um pálido abantesma,  
 Talhado de encomenda, em tinta espessa e forte,  
 Dorme grotescamente o sono dessa morte  
 De teatro burlesco, anual, que se repete  
 Como as grandes funções do entrudo e do “confeti”.

Imovel, sob a luz esdrúxula das tochas  
 Que ilumina êsse cáos de tintas rubro-roxas,  
 E' o ator da paixão, a vítima e comparsa,  
 Do Papa, o explorador santissimo da farsa,  
 Paródia de uma dôr sublime e incomparavel,  
 Filha da estupidez bisonha e condenavel,  
 Que a Igreja representa, arrecadando esmólas,  
 Com latim, canto-chões, bandeiras e sacólas.

A função quaresmal prossegue. A multidão  
 Espera com ansiedade o classico sermão.



Numa fantasmagoria esplêndida de arôma  
 Dos incensos do altar, sôbre o púlpito assoma  
 Uma figura heril de abade gordo e enorme,  
 Cocquelin tonsurado, obeso, desconforme,  
 Que grita com estentor —

“Caríssimos irmãos!”

Nós somos sôbre a Terra os unicos cristãos.  
 Fora das concepções altíssimas da Igreja,  
 Apenasmente está o Inferno que despeja  
 O mal e as tentações no espirito perdido;  
 Rezai! que atualmente o mundo pervertido  
 Pretende esfacelar os dogmas romanos,  
 Sentinelas da fé, ha quasi dois mil anos!

Não busqueis progredir nas cousas transcendentas  
 Porque o Papa é senhor de céus e continentes  
 E o Silabus proíbe a evolução de tudo!

Eu só vos peço a fé, porquanto a fé é o escudo  
 Que vos ha de livrar dos grandes tentadores.  
 Evitai conviver com os livres pensadores!  
 A análise conduz á escuridão do Averno,  
 Voltaire e Galileu são ministros do Inferno,  
 Conte, Calvino, Wesley, são seus embaixadores;  
 Das chamas infernais criaturas inferiores  
 Dirigem cêrtamente o espirito moderno.

Precisais cultivar o sentimento eterno,  
 De eterna submissão ao Papa que é infalivel.  
 Toda ordem de Roma é bôa e indiscutivel.  
 E’ preciso antepôr á toda humanidade  
 Sentimentos de fé e catolicidade.

Necessario se faz prender quem raciocine.  
 Reformistas quaisquer?... Satanaz que os fulmine.  
 A falta de fervôr tem feito heresiarças,  
 Tem até corrompido os padres e os monarcas.

Obedecei a Igreja, em sua Santidade,  
 O Papa é o hífen de luz do arcano da Trindade.

O dogma é uma lei benigna e sublime,  
 Sofismá-lo, informá-lo é cometer um crime.

A humanidade está sob o império de demo;  
 Oremos pelo mundo, em desconfôrto extrêmo.

Vivei, caros irmãos, em santa penitência;  
 As mortificações recebem da indulgência  
 Os prêmios celestiais na Eterna Beatitude.  
 Sêde firmes na fé, contentes na virtude,  
 Amai a caridade, a humilde singeleza,  
 Jesus amou no mundo a vida da pobreza!

Condenando a ciência, a luz, a liberdade,  
 Preconizando a Fé, a Ignorância e a Préce.  
 Terminou a oração, rogando que se dêsse  
 Uma estola ao Progresso e um véu á Humanidade.

Com um acêno abençoou, segundo o gesto em uso,  
 Resmungando um latim exótico e confuso;  
 E depois de exercer seu santo ministério,  
 Procurou lèstamente o calmo presbitério.  
 Aguardava-o o jantar de finas iguarias —  
 Pratos de ostentação, recheios, ambrosias,  
 Licôres, moscatéis, confeitos, doces raros,  
 Opiparo jantar regado a vinhos caros.



Após se abastecer pantagruèlicamente,  
Em paz sacramental, seu cérebro indolente,  
Desejou meditar nas cenas do calvario.  
Mas o sono roubou-lhe as preces e o breviario.

Terminada que foi a sacra pantomima,  
Esquecido Jesus, olvidou-lhe a doutrina.  
Serenos, adormeceu sem pensar que pusera  
Em cada coração, um coração de féra,  
Com o seu rubro sermão, cavando um negro abismo,  
Propagando a cegueira, a guerra e o fanatismo.

Olvidou o que Jesus obrara com o exemplo,  
Dos atos a lição, da caridade o templo,  
Sem artigos de fé, sem o bispo e o vaticano.  
Não se lembrou que houvera o bom samaritano,  
Porque a verdade pura, o lídimo evangelho,  
Era um livro escurril, inadequado e velho.

Da doutrina cristã, a sacrosanta essência  
Ficou na exhortação de mágica e eloquência.  
Jesus apenas fôra a máscara piedosa,  
Para tanta extorsão impune e criminosa.

Por isto, ó meus irmãos do altar e da batina,  
A Igreja que foi pura e que já foi divina,  
Morre sem remissão de horrível carcinoma,  
Nos pântanos letais e lugubres de Roma,  
Lá onde a cupidez fatídica se entrapa  
E morre ás próprias mãos sacrílegas do Papa!

## CONTRA A BESTA APOLIPTICA

GUERRA JUNQUEIRO

Não vos admireis que eu volte novamente  
Terçar a arma da fé, do amôr, da liberdade,  
Em favor do porvir de toda a humanidade,  
Tendo o espirito em paz, esperançoso e crente.

Unamos todos nós, em lúcidas cruzadas,  
Que a besta milenar, católico-romana,  
Inda quer escoucear a consciência humana,  
Tapando a luz do sol das novas alvoradas.

Não contentes com o dogma inquisitorial,  
Que o seu concílio impôs a todas as criaturas,  
A Igreja inda requer beneses, sinecuras,  
Amealhando assim o ouro universal.

Busquemos sôbre a Terra esclarecer e dar!  
Sêde nesse ideal meus nobres companheiros,  
Pois quem guarda o bernal que é dos trinta dinheiros,  
E' o histrião da batina e o mercador do altar.



## SONETO



HERMES FONTES

Sergipano, nasceu na Vila de Boquim em 1888 e suicidou-se no Rio de Janeiro aos 26 de Dezembro de 1930. Poeta de grande relevo emocional, deixou firmada a sua personalidade literaria, tendo publicado "Apotheoses", "Genese", "Lampada Velada" e "Fonte da Mata", seu ultimo livro.

Sou o lavrador que fez rude e bisonho  
A sementeira luminosa e rara  
Do trigo louro e rútilo do sonho,  
— Sonho lindo que a nada se compara.

Não reparou o labôr triste e enfadonho,  
Regou chorando a Terra que lavrára,  
E de alma ingênua e coração risonho,  
Esperou confiante o sol da seára.



Passados os trabalhos e os tormentos,  
Quando aguardava a messe jubiloso  
Numa grande esperança insatisfeita,

Eis que aparecem os arrazamentos,  
E o pobre, desgraçado e desditoso,  
Perdeu tudo no instante da colheita.

## MINHA VIDA

HERMES FONTES

Não pude compreender o meu destino  
Na amargura invencível do passado,  
Que amortalhou meu sonho peregrino  
Nas trevas de um martírio irrevelado.

Do sofrimento fiz o apostolado  
Como fizera de minha arte um hino,  
Procurando o país indevassado  
Do ideal luminoso de Aladino.

E fui de vale em vale, serra em serra,  
Buscando a imagem fúlgida, incorpórea  
Do que chamamos — a felicidade.

Mas só colhi os frutos máus da Terra,  
As promessas puerís da falsa glória  
E o triste engano da celebridade.



## POEMA DA AMARGURA E DA ESPERANÇA

HERMES FONTES

Falar-vos de martírios e tormentos  
 E' perpetrar amargas redundâncias,  
 Redizer minhas máguas, minhas ânsias,  
 Renovar minhas síncope de dôr...  
 Não sorvo mais os tóxicos violentos  
 Do desespero e da melancolia,  
 Após a derrocada  
 Das construções de um sonho superior.

Tudo outróra, Senhor,  
 Na minha pobre vida abandonada  
 Era o tédio cruél que me impedia  
 De vislumbrar a claridade imensa  
 Da luz do sol purissimo da crença,  
 Tudo em volta de mim era a cegueira  
 Que torturou a minha vida inteira,  
 Que me seguiu o espirito ambicioso!...

A carne é pobre e é cheia de fraqueza,  
 Simbolizando o ciclo tenebroso  
 Das sínteses de dôr da natureza.  
 E a carne subjugou-me inteiramente,  
 Fez-me fraco e descrente,  
 E transformou a minha mocidade

Num montão de ambições, de fama e glória,  
 Adormeceu-me aos cantos da vaidade,  
 E me afastou da estrada meritória  
 Da crença e da bondade...

Misericordiosissimo Senhor,  
 De tortura em tortura amargurado,  
 O meu frágil espirito inferior  
 Viu-se prêsas de trevas, no passado  
 E a desgraça suprêma o amortalhou.

Tudo sofri de dôr e de miséria  
 Mas a tua bondade me levou  
 A esquecer a influência deleteria  
 Da carne passageira...  
 Rompeste a minha venda de cegueira  
 E divisei o excelso panorama  
 Do universo infinito, que TE aclama  
 Como a fonte do amor ilimitado.

Relevaste, meu Deus, o meu pecado  
 E pude ouvir as harmonias puras  
 Que equilibram os mundos nas alturas!...

Cheio de amariidúcida ansiedade,  
 A esperança o espirito me invade,  
 Aguardando das lágrimas futuras  
 A minha redenção.

Que a confiança pois, em Ti me anime,  
 Que no porvir a dôr bela e sublime,  
 Jorre em minha alma a luz da perfeição.



## AS LAGRIMAS



JOÃO DE DEUS

Nascido em S. Bartolomeu de Messinês, Portugal e desincarnado em 1896, afirmou-se um dos maiores líricos da língua Portuguesa. E' tão bem conhecido no Brasil quanto em seu

belo país. Nesta poesia palpita, de modo inconfudível, a suavidade e o ritmo da sua lira.

Desci um dia  
Ao sorvedouro  
Da atra agonia  
Da humanidade,  
A procurar  
A prescrutar  
Qual a verdade,  
Qual o tesouro  
O mais profundo  
Que nêste mundo  
O homem prendesse  
E o retivesse.

E vi então  
No coração  
Da criatura  
Só a ilusão  
De uma ventura.

Eu vi senhores  
Que dominavam  
E se orgulhavam  
Do seu poder;  
Sempre a abater  
Os desgraçados,



Os potentados,  
Com seus valores,  
Bem se julgavam  
Onipotentes,  
Heróis valentes,  
Cá nesta vida...  
Depois, porém,  
Reconheceram  
E viram bem  
Nesta existência  
Toda a impotência  
Do deus-milhão,  
Perante a mão  
Da fria dôr,  
Que lhes domava  
E lhes dobrava  
O torpe egoismo.

Busquei os lares,  
Ricos soláres  
Dos protegidos,  
Onde o confôrto  
Para a materia,  
Anda em contraste  
Com atroz miséria  
Dos desvalidos.  
E ainda aí  
Não pude achar  
O que ali  
Fui procurar.

Eu vi mulheres  
Nos seus prazeres,  
Jóvens e belas,  
Alvas estrêlas  
De formosura,

Rindo e cantando  
Dentro da noite  
Da desventura.  
Pobres donzelas,  
Fanadas flôres,  
Luz sem fulgores,  
Que miseráveis,  
Párias da vida,  
Deixam o tétó  
Do lar aféto  
Maior, supremo,  
Insuperável.  
Sômente encontram  
Dôres que afrontam  
Mágua insanavel,  
Incompreendida!

E penetrei  
Pelos castelos  
Dourados, belos,  
Das diversões,  
Onde se aninha  
E se amesquinha  
A multidão  
Que busca rir,  
Gozar, sorrir,  
A vêr se esquece  
O que padece,  
Julgando crêr  
Que o está a vêr  
E' o paraíso.  
Mas êste riso,  
Ao som da festa,  
A' meia luz,  
E' o que produz  
Todo o amargor,

A maior dôr,  
Pois eu ali  
Tristonho vi  
O que é, em verdade,  
A sociedade;  
Só pensamentos,  
Das impurezas,  
Só sentimentos  
Que trazem prêsas,  
Aniquiladas  
E esmagadas,  
Ensandecidas  
As criaturas,  
Outróra puras,  
Belas outróra,  
No entanto agora,  
Flôres perdidas,  
Almas impuras  
Desiludidas.  
Nêsse recinto  
Eu vi então,  
A traição  
A iniquidade,  
A grosseria,  
Toda a maldade  
Da hipocrisia;  
E tudo enfim,  
Tristonho assim,  
Dissimulado,  
Falsificado,  
No fingimento  
Que aparecia  
No barulhento  
Rumor de vozes,  
Notas atrozés,  
De uma alegria,

Jámais sentida,  
Desconhecida  
Naquele meio.

Eu contemplei-o  
Cheio de horror  
E vi que as flôres,  
As pedrarias  
Tão luminosas  
Eram sombrias,  
Eram trevosas  
Pois só cobriam  
Miseros trapos,  
Pobres farrapos  
De almas perjuras  
Ao seu Criador,  
Fracas criaturas,  
Baldas de amôr.  
E, condoído,  
Desiludido,  
Desanimado,  
Num forte brado  
Disse ao Senhor: —

“Onipotente  
Pai de Bondade,  
O' tem piedade  
Dos filhos teus  
Que choram, gemem,  
Pálidos tremem  
O' Senhor Deus!  
Faze que a luz  
Do bom Jesus,  
Penetre a alma  
Na Terra aflita  
Dando-lhe a calma.



Que necessita.  
Só conheci  
E encontrei,  
Só contemplei  
O mal que vi”.

Mas uma voz  
Do Azul do Céu,  
Pronta e veloz  
Me respondeu: —

“Filho bendito  
Do meu amôr,  
Sou teu Senhor  
E no Infinito  
Tudo o que fiz,  
Nada se perde  
Assim tornando  
O ser feliz,  
Contempla ainda  
A Terra linda  
E então verás,  
Donde provém  
A grande paz,  
O sumo bem.  
O grã-tesouro  
Mais fino ouro  
Dos filhos meus,  
Está na luta,  
Nos prantos seus  
Que lhes transforma  
A alma poluta  
Num sér radioso,  
Astro formoso  
De pura luz!”

Eu ajoelhei  
E contemplei  
As multidões,  
Atropeladas,  
Desenganadas  
Nas perdições.  
Vi transformadas  
Todas as cenas;  
Em todos sêres,  
Homens, mulheres,  
Jóvens, crianças,  
Nas grandes penas,  
Nas esperanças,  
Por entre a luz,  
Por entre flôres  
Brotar a flux  
No coração  
De cada sér,  
Em profusão  
Gotas pequenas,  
Como as brilhantes  
Luzes serenas  
Das madrugadas  
Primaveris.

Reconheci  
Que por aí  
Na ingrata Terra,  
Onde eu ameí,  
Sorri, chorei,  
Onde sofri,  
E onde eu vi  
A dura guerra  
A amarga dôr,  
Lágrimas belas,  
Gotas singelas,

Meigas, serenas,  
Eram açucenas  
De fino olôr  
Do espaço azul!

Depois eu vi  
Que os que as vertiam  
Por êste mundo,  
Vale profundo  
De mágua e dôr,  
Quando voltavam  
Do seu exílio,  
Eram saudados  
Por mensageiros  
De amôr e luz,  
Do bom Jesus,  
Que os coroavam  
Com gemas finas,  
Joias divinas  
Do escriptorio santo,  
Primôr de encanto  
Do amôr de Deus.  
Fui então vendo,  
Reconhecendo  
Que aqui nos Céus,  
Lágrimas lindas  
São transformadas,  
Remodeladas,  
Para formarem,  
Belo diadema  
E aureolarem

Os que as verteram  
Aí na Terra.

Eu vi, então,  
Em profusão,  
Gemas brilhantes,  
Alvinitentes,  
Ricas, fulgentes  
E leslumbrantes,  
Que nem ofiu  
Jámais possuiu.

Sejam benditas,  
As pequenitas  
Gotas de pranto,  
Orvalho santo  
Do amôr divino  
Que dá ventura,  
Tranqüilidade,  
Felicidade  
Ao peregrino.  
Bendito o Pai  
O Nosso Deus,  
Que abranda o ai  
Dos filhos seus;  
Que a alegria  
E a paz envia  
A’ humanidade  
Tão sofredora,  
Com a lágrima bela  
Luzente estrêla  
Consoladora.



## O C É U

JOÃO DE DEUS

Patria ditosa e linda, e onde o mal,  
Desaparece ao meigo olhar do Amôr,  
Que entre os séres do Além, é sempre igual,  
O mesmo ânseio santo e superior.

Lá não se vê traição e cada qual  
Urde ali, sua auréola de esplendor,  
Doce Mansão de Paz, imaterial  
Onde impéra a bondade do Senhor!

Porto de Salvação para quem crê,  
Nessa Praia do Azul, que se antevê,  
Pelo poder da Fé, na provação;

Pais dos Céus, aonde o pecador,  
Depois de bem sofrer aí a dôr,  
Vai ali encontrar Consolação.

## M O R R E R

JOÃO DE DEUS

Não mais a dôr intensa e desmedida  
No momento angustioso de morrer,  
Nem o pranto pungente por se vêr  
Um ser amado em horas da partida!...

A morte é um sono doce; basta crêr  
Na Paz do Céu, na Terra apeteçada,  
Para se achar o Amôr, a Luz e a Vida,  
Onde ha trégua á tristeza e ao padecer.

Venturosa região do espaço Além,  
Onde brilha a Verdade e onde o Bem  
E' o fanal reluzente que conduz;

Mansão de claridade e pulcritude  
Onde os bons que adoraram a Virtude,  
Gozam do aféto extremo de Jesus.



## O MAU DISCIPULO

JOÃO DE DEUS

Era uma alma  
Formosa e bela,  
Fúlgida estrêla  
De puro alvôr,  
Que habitava  
Qual uma flôr  
O espaço infindo,  
Imenso e lindo,  
Nessas regiões,  
Onde ha mansões  
Purificadas,  
Iluminadas  
Do Criador.

Porém, um dia,  
Disse Jesus  
A quem vivia  
Em meio á luz: —

“Filho querido,  
Extremecido  
Dos meus afétos,  
Tu necessitas,  
Buscar a Vida

Em meio ás vagas  
Das provações!  
Dentro das lutas,  
Tredas disputas  
Do Bem e do Mal,  
E' que verei  
Si o que ensinêi  
Ao teu valôr,  
Aproveitaste  
E assimilaste  
Em benefício  
Da lei do amôr,  
Do sacrificio!...  
Tens a fraqueza,  
Da imperfeição;  
Aqui, porém,  
Já te mostrei  
A lei do amôr,  
Luz do Senhor,  
O sumo bem.

Tu lutarás,  
Mas vencerás  
Si bem souberes  
Te conduzir,

Nêsses caminhos  
Entre prazeres,  
Risos e flôres,  
Por entre espinhos,  
Máguas e dôres.  
E si aprenderes  
Saber viver,  
Sorrir, sofrer,  
Conquistarás  
A grande paz,  
A grande luz  
Que eu, teu Jesus,  
Reservarei  
E hei de guardar  
Para a tua alma  
Ao regressar.

A dôr sômente,  
A luta amara,  
Nos equipara  
Para viver  
Tranqüilamente,  
Nessas moradas  
Iluminadas  
Do nosso Pai!  
Luta e trabalha  
Singelamente,  
Nessa batalha  
Que te ofereço  
P'ra conquistares  
A luz, o amôr,  
Do teu Senhor.  
Tu viverás  
Entre os brazões  
Das ilusões  
Da Terra impura;

Conhecerás  
Lindas riquezas,  
Iluminando  
E lhe ensinando  
O bom caminho,  
A bôa estrada  
E com carinho  
Sempre mostrar-lhe  
A caridade  
Com toda a luz,  
Que ministrei  
Ao teu pensar  
E ora conduz  
Teus sentimentos,  
Teus pensamentos  
A' perfeição  
Do coração.

Caminha avante,  
Na deslumbrante  
Rota do amôr!  
Espalha o olôr  
Que já plantei  
E fiz brotar,  
Que cultivei  
Dentro em teu sêr.  
Sê sempre amigo  
Dos soffredores,  
Dos que padecem  
Sem conhecer  
Siquer abrigo  
Onde isolar-se,  
Onde guardar-se  
Das fortes dôres  
Que acometem  
Os soffredores.



Sê a Bondade  
Entre a maldade  
Dos homens féros,  
Ambiciosos,  
Frios, austeros,  
Pecaminosos.

Si assim fizeres  
E procederes,  
Sempre cumprindo  
Os teus deveres,  
Tornar-te-ás  
Em verdadeiro  
Anjo da paz,  
Em mensageiro  
Do Deus de amôr.  
Assim darás  
A' humanidade  
O testemunho  
Da caridade  
Do teu Senhor!

A alma formosa  
Então desceu  
Para lutar,  
A conquistar  
Maior ventura,  
Rútila e pura  
Aqui no Céu.

Então nasceu  
Num lar ditoso,  
Régio, faustoso,  
Dos venturosos,  
Onde a alegria  
Reinava e ria  
Constantemente,

Proporcionando  
A' rica gente  
Que o habitava,  
Os belos gozos,  
Lindos, formosos  
Mas irreais,  
Dêsses palácios  
Materiais.  
Ainda criança  
Era adorado,  
Felicitado  
Nessa abastança;  
Naquele lar,  
Rico alcaçar  
Dos abastados,  
Êle então era  
A primavera  
Dos áureos sonhos  
Dos pais amados!

Assim cresceu  
Belo, esplendeu  
Na mocidade.  
Ganhou saber  
Nobilitante,  
A' luz brilhante  
Dessa ciência,  
Que na existência  
Por planetaria,  
Faz com que a alma  
Torne-se egoista  
E refrataria  
A lei de Deus.

Tornou-se esquivo,  
Cruél e altivo.

A' humanidade;  
Não praticando  
E renegando  
A caridade.  
O que aprendera  
No Infinito  
E prometera  
Ao bom Jesus,  
Tudo esquecera  
Em detrimento  
Do sentimento  
Que então trouxera  
Cheio de luz.  
Refugiou-se  
Na vã ciência,  
Despreocupou-se  
Com a consciência.  
Na Academia  
Dos homens sabios,  
Êle esplendeu  
No vão saber;  
O infeliz sêr  
Viveu dos lábios,  
Seu coração  
Jámais viveu!  
Foi uma flôr  
Mas sem olôr,  
Fulgiu, brilhou  
Mas renegou  
A lei do amôr.  
E da existência  
Da propria alma  
Êle descreu,  
A relegar  
Como um ateu  
Filho do Mal,

A imensa luz  
Espiritual.

Foi refratario  
Ao proprio afêto  
Dos pais que o amavam  
E idolatravam  
Com mór ternura,  
Dêle esperando  
Sua ventura.  
Os proprios filhos,  
Suaves brilhos  
Da nossa vida,  
Nossa esperança  
Encantadora,  
Os desprezou  
Sômmente amando,  
Sua ciência  
Enganadora.  
Só procurou  
Brilhar, fulgir;  
Nunca buscou  
Assim cumprir  
Sua missão.

Sempre espalhou  
Em profusão,  
Suas idéias  
Tristonhas, feias  
Do ateísmo  
Desventurado.  
Nunca estancou  
Uma só lágrima,  
Nunca pensou  
Uma ferida,  
Que brota nalma



Desiludida,  
 Não consolou  
 O que sofria,  
 De quem fugia  
 Sem compaixão.  
 Enfim, viveu  
 Só na ciência,  
 Nessa existência  
 Que passa breve!...  
 O ingrato teve  
 Mil ocasiões  
 De praticar  
 Bôas ações,  
 E espalhar  
 O amor e a luz  
 Que o bom Jesus  
 Lhe concedera:  
 Mas, infeliz,  
 Jámais o quis.

Porém, um dia,  
 A Parca fria,  
 A morte amara,  
 Cruél, avara  
 E dolorosa,  
 O arrebatara  
 Nessa escabrosa  
 Escura via,  
 E o conduziu  
 Para o Infinito  
 Onde num grito,  
 Êle acordou  
 Do seu letargo,  
 O sono amargo  
 Em que viveu.  
 Ao descerrar.

O negro véu  
 Do esquecimento,  
 Sentiu seus olhos  
 Enevoados,  
 Tristes abrolhos  
 No pensamento.  
 Olhou o abismo  
 Do pessimismo,  
 Em que vivera  
 Por onde sempre  
 Se comprazera.

Sentiu-se, então,  
 Abandonado,  
 Amargurado  
 Na aflição!  
 Sômente assim  
 Dentro da dôr,  
 Lembrou de Deus,  
 Do seu amor,  
 A implorar  
 Da luz dos céus,  
 Consolação!

Das profundezas  
 Íntima voz  
 Do coração,  
 Disse-lhe então: —

“O’ máu discípulo,  
 Em quem eu pús  
 Todo o esplendor  
 Da minha luz,  
 Do meu amor!  
 Tu te perdeste  
 Por teu querer,

Pelo viver  
 Que demandaste.  
 Jámais soubeste  
 Te conduzir  
 E assim cumprir  
 O teu dever.  
 Por isso agora,  
 Minh alma chora  
 Ao vêr que és  
 Misero sêr.  
 Tu renegaste  
 E desprezaste  
 A inspiração  
 Do Deus de Amôr!  
 Tua missão  
 Que era amar  
 E assim vibrar  
 A alheia dôr,  
 Em luz perdida,  
 Foi convertida  
 Em féro braço  
 Esmagador.  
 O grande amor —  
 Fraternidade,  
 Que então devias  
 Entre alegrias  
 Oferecer  
 A’ humanidade,  
 O abafaste  
 Como si fôsse,  
 Assás mesquinho  
 Quando só êle  
 E’ o caminho  
 Que nos conduz  
 A’ salvação,  
 A’ perfeição,

A’ região  
 Da pura luz!

Sempre esqueceste  
 Os teus deveres.  
 Dos proprios sêres  
 Que te adoravam,  
 Que mais te amavam,  
 Foste inimigo;  
 E até negaste  
 A existência  
 Da propria alma —  
 A consciência.  
 Constantemente,  
 Continuamente,  
 Foste um ingrato  
 E eu te julgara  
 Um lutador  
 Intemerato!”...

Calou-se a voz  
 E o pranto atroz:  
 Jorrou, então,  
 Do coração  
 Sêr execravel  
 Do miseravel,  
 Que não soubera  
 E nem quisera  
 Compreender  
 O seu dever.  
 Entre lamentos  
 E dissabores,  
 Pадecimentos,  
 Frios horrores,  
 Êle chorou  
 E lamentou



Por muitos anos,  
 Seus desenganos,  
 Na senda triste,  
 Fatal, amara  
 Que êle trilhara  
 Na perdição.  
 Envergonhado,  
 Espesinhado  
 Na sua quêda,  
 Correu sózinho  
 O mundo inteiro,  
 Qual caminheiro  
 A quem negassem  
 Um só carinho.  
 Perambulou  
 Qual Asaverus.  
 Sofreu, clamou,  
 Supliciado;  
 E muitas vezes  
 O seu olhar  
 Amargurado,  
 Triste pousou  
 Sôbre o lugar  
 Onde pecou.  
 A pobre mão  
 Sempre estendeu  
 Pedindo o pão,  
 Pedindo luz,  
 A lamentar  
 A sua cruz!  
 Jámais alguém  
 Quis encutá-lo;  
 O mesmo bem  
 Que êle fisera,  
 Assim lhe era  
 Retribuido .

E o pobre espirito  
 Desiludido,  
 Desanimado,  
 Desamparado,  
 Só encontrava  
 Consolação  
 Nas lágrimas tristes  
 Que derramava

Assim, um dia,  
 Em que sofria,  
 Mais padecia  
 A dôr feroz,  
 Cruél e atroz,  
 A alma triste  
 E solitaria,  
 Exp'imentada,  
 Extenuada  
 No atro sofrer,  
 Cheia de unção  
 Por entre prantos,  
 Formosos, santos,  
 Disse ao Senhor  
 Numa oração: —

“O' Mestre Amado,  
 Sei que hei pecado  
 E transgredido  
 As tuas leis.  
 Tendo comigo  
 A tua luz,  
 O' bom Jesus,  
 E mesmo assim  
 Eu me perdi  
 Por meu querer

Pois não cumpri  
 O meu dever!...  
 Fui o grilheta  
 Da impiedade,  
 Pobre calceta  
 Da iniquidade.  
 Mas tu que és bom,  
 Tão justo e santo,  
 Sabes do pranto  
 Das minhas dôres  
 No meu viver  
 Sem luz, sem flôres,  
 E has de acolher  
 Minha oração,  
 Cheia de fé!...  
 Dá-me o acúleo  
 Da expiação,  
 Para que seja  
 Exterminado  
 O meu orgulho.  
 O' dá-me agora  
 A nova aurora  
 De uma existência  
 De provação.  
 Quero sofrer  
 Dura pobreza,  
 Sempre viver  
 Na singeleza.  
 O meu desejo  
 A' Terra impura,  
 E' só voltar  
 Onde eu pequei,  
 Para ofertar  
 A' criatura  
 O grande amôr  
 Que lhe neguei.

Não quero ter  
 Nem um só dia  
 Dessa alegria  
 Que desfrutei,  
 Mas só trazer  
 No coração,  
 Todo o amargor  
 Da privação.  
 Não quero vêr  
 O dealbar  
 De uma esperança,  
 O proprio lar  
 Onde se encontra  
 Maior ventura,  
 Não quero ter;  
 Nuñca jámais  
 Eu conhecer  
 O que é sorrir!  
 Quero existir  
 Desconhecido,  
 Incompreendido,  
 Em minha dôr;  
 Então serei  
 Ramo perdido,  
 Arido e sêco  
 Pelo verjél  
 Enflorecido.  
 Conhecerei  
 A dôr cruél  
 Que nos retalha  
 O coração.  
 Nessa batalha  
 Que empreenderei,  
 Quero ganhar  
 E conquistar



A luz, o pão,  
O agasalho,  
Com meu trabalho.  
Eu só almejo  
Compreensão  
Para mostrar  
O teu perdão,  
Claro e sublime  
Para o meu crime  
O' bom Jesus,  
O' Mestre amado! —

Eu lutarei  
E chorarei  
Nas rijas dôres  
Mais inclementes,  
Nos turbilhões  
Incandescentes  
Das amarguras,  
Cruéis e duras  
Das aflições.  
Agora vejo  
Que na existência,  
A grã-ciência  
Só é grandiosa,  
Só é formosa  
Quando aliada  
Da caridade,  
O puro amôr.  
Quero com ardor  
Bem conquistar  
A perfeição!  
Serei portanto,  
Nêste planeta  
Como a violeta  
Sob a folhagem...

Viver sòmente  
Pela voragem  
Das desventuras.  
Quero sofrer  
Com humildade  
E sempre ter  
Em mim, bondade,  
Feliz dulçor  
Da caridade!..."

E o Mestre Amado  
Compadecido  
Do pobre espirito  
Dilacerado,  
Enfim, perdido,  
Deu-lhe o perdão,  
A permissão  
Para voltar  
A' antiga arena —  
Luta terrena,  
Oferecendo-lhe  
Ocasião  
Para tornar-se  
Mais venturoso  
E sempre digno  
Do seu perdão.

Seja bendito  
Pelo infinito,  
Desenrolar  
E perpassar  
De toda idade  
O hom Jesus,  
Que com sua luz  
E terno amôr  
Escuta a prece

De quem padece,  
Fazendo assim  
Desabrochar  
O dealbar  
Das alvoradas,  
Iluminadas,  
De muitas vidas,

Belas, queridas  
Para lutarmos  
E nos tornarmos  
Dignos do Amôr  
Inegualavel,  
Incomparavel,  
Do Criador!



## NA ESTRADA DE DAMASCO

JOÃO DE DEUS

Num certo dia  
 A Ambição  
 De parceria  
 Com o Orgulho,  
 Chamou o homem  
 Jactancioso  
 E tão cioso  
 Do seu poder  
 E vão saber,  
 E lhe disseram: —

“Homem, tu és,  
 Senhor potente,  
 Grande e valente  
 Aqui no mundo.  
 E se quiseses  
 Tornar-te um rei  
 Da imensa grei  
 Da criação,  
 E' só viveres  
 A procurar  
 Mais dominar  
 Os elementos  
 A transudar  
 Nos sentimentos.

Maior coragem  
 Para ganhares,  
 Sempre vantagem  
 No teu viver  
 E conquitates  
 Sempre o poder  
 Dos triunfantes.  
 Aos semelhantes  
 Em vez de amá-los  
 Tais como irmãos,  
 Faze-os vassálos  
 No teu reinado,  
 Glorificado  
 De grã-senhor!”

E o pecador,  
 Sêr imperfeito,  
 Si achasse embora,  
 A seu agrado  
 Bem satisfeito,  
 Foi sem demora  
 Então chamado  
 Por um juiz  
 De retidão,  
 Que é a consciência  
 Nesta existência  
 De provação,  
 Que então lhe diz: —

“Mas, e o bom Deus  
 Que está nos céus,  
 Que tudo vê,  
 Sabendo assim  
 Quanto a tua alma  
 Dêle descrê?  
 Éle é o teu Pai,



O Criador,  
 O Deus de amôr.  
 E o bom Jesus,  
 Nosso Senhor,  
 Mestre da luz,  
 O Filho amado  
 Que á Terra veio,  
 A êste mundo

Ingrato e feio  
 A redimir  
 E assira banir  
 O teu pecado?  
 Êle te amou,  
 E te ensinou  
 Que ao teu irmão  
 Tu deves dar,  
 Nunca negar  
 A tua mão;  
 E espalhar  
 Sômente amôr,  
 A relegar  
 Toda a maldade,  
 Para que um dia  
 Te fôsse dado,  
 Reconhecer

Com alegria,  
 O sólo amado,  
 Do eldorado  
 Dos belos sonhos,  
 Lindos, risônhos,  
 Do teu viver.  
 Assim, procura,

Melhor ventura,  
 Em só buscar,  
 Acompanhar,  
 Seguir Jesus,  
 Em sua dôr,  
 Em seu amôr,  
 Em sua cruz!"

Mas, o tal homem  
 Tão orgulhoso,  
 Que já se achava  
 Bem poderoso,  
 Achou extranho  
 Êsse conselho.  
 Rigor tamanho  
 Não poderia,  
 Isso seria  
**Obedecer**  
 E se humilhar;  
 E êle havia  
 Aqui nascido,  
 Só para ser  
 Obedecido,  
 Tendo o poder  
 P'ra dominar,  
 Assim buscou  
 E perguntou  
 Aos companheiros:  
 Êles, então,

Lhe responderam  
 No mais profundo  
 Do coração: —



— “Esse conselho  
 E’ muito velho!  
 Deus é irrisão,  
 E o tal Jesus  
 Com sua cruz  
 E seu calvario,  
 Sômente foi  
 Um visionario,  
 Enquanto êle  
 Só te oferece  
 Amargas dôres,  
 Desolações,  
 Tristes agruras,  
 Cruéis espinhos,  
 Nós concedemos  
 Ao teu valor  
 De grã-Senhor,  
 Sublimes flôres,  
 Lindos brazões,  
 Grandes venturas  
 Nêsses casminhos.

Quem mais souber  
 Gozar e rir,  
 Mais saberá  
 O que é existir.  
 A vida aqui,  
 Só é formosa,  
 Para quem goza;  
 E pois, assim,  
 Vale o gozar  
 Constantemente,

Pois vindo a Parca  
 Bem de repente  
 Ha de levar  
 Êsse teu sonho

De amar, sofrer  
 Ao cáos medonho  
 Do mais não — sêr;  
 Porque a morte  
 Tão renegada,  
 Ela é apenas  
 O frio nada.  
 O louco amôr  
 Do teu Jesus,  
 Exprime a dôr  
 E não a luz”.  
 E assim quando  
 O homem fraco  
 E miserando  
 Mais se julguo  
 E se jactou,  
 Chegou a Dôr  
 Onipotente,  
 Humildemente,  
 A lapidária,  
 A eterna obreira,  
 A mensageira  
 Da perfeição  
 Nessa oficina,  
 Grande e divina  
 Da Criação;  
 Fê-lo abatido  
 E desolado,  
 Até enojado  
 Do corpo seu:  
 Apodreceu  
 O seu tesouro

E o homem-rei  
 Reconheceu  
 Que o paraíso  
 Dos sãos prazeres,



Vive nas luzes  
 Só da virtude,  
 No cumprimento  
 Dos seus deveres;  
 Na humildade,  
 Na caridade,  
 Na mansuetude,  
 Na submissão  
 Do coração  
 Ao sofrimento,  
 Quando aprouver  
 Ao Deus de Amôr  
 Oferecer  
 Rude amargor  
 Ao nosso sér.

Depois, então,  
 De mui sofrer  
 E padecer  
 Na expiação,  
 Reconheceu  
 A nulidade,  
 A fatuidade  
 Da vil matéria,

Na atroz miséria  
 Dessa agonia,  
 Só procurou  
 Buscar si via,  
 Os seus mentores  
 Enganadores,

Altivos filhos  
 Da veleidade.  
 Só encontrou  
 O juiz reto,

O Magistrado  
 Incorrutível  
 Da consciência,  
 E que num brado  
 Indescritível,  
 Em consequência  
 Fez-lhe com ardôr  
 Ao coração  
 Êrmo de afêto,  
 Êrmo de amôr,  
 A mais tremenda  
 Acusação!

E' o que acontece  
 Em toda a idade,  
 Com a maioria  
 Da humanidade;  
 Pois sempre esquece  
 Os seus deveres  
 E se submerge  
 Nos vãos prazeres;  
 Para a alegria  
 Triste converge  
 O seu viver  
 Para o enganoso,  
 Efêmero gôzo  
 Do material,  
 A esquecer  
 Tudo o que seja  
 Espiritual.  
 Feliz de quem  
 Ai procura



Maior ventura  
No sumo bem;  
Porque verá,  
Contemplará

Todo o esplendor,  
A eterna luz,  
Do eterno amôr  
Do hom Jesus.

## PARNASO DE ALÉM TUMULO

JOÃO DE DEUS

Além do tumulo, o espirito inda canta  
Seus ideais de paz, de amôr e luz,  
No ditoso país onde Jesus  
Impéra com bondade sacro-santa.

Nessas mansões a lira se levanta  
Glorificando o Amôr que em Deus transluz,  
Para o Bem exalçar, que nos conduz  
A' divina alegria, pura e santa.

Dessa Castália eterna da Harmonia  
Transborda a luz excelsa da Poesia,  
Que a Terra toda inunda de esplendor.

Hinos das esperanças espargidos  
Sôbre os homens, tornando-os mais unidos  
Na ascensão para o Belo e para o Amôr.



ANGÚSTIA MATERNA

JOÃO DE DEUS

O' lua branca, suave e triste,  
— Pedia a Mãe, olhando o céu —  
“Dize-me, lua si acaso viste  
Nos firmamentos o filho meu”.

“A Morte ingrata, fria e impiedosa,  
Deixou vasio meu doce lar,  
Deixou minhalma triste e chorosa,  
Roubou-me o sonho — deu-me o penar

Si tu soubesses, lua serena,  
Como era lindo e encantador,  
Meu anjo belo como a açucena,  
Cheio de vida, cheio de amôr!...

Disse-lhe a lua — “Eu sei o encanto,  
Dum filho amado que a gente tem;  
E das ausências conheço o pranto,  
Conheço-o bem, conheço-o bem!...”

— “Então responde-me sem demora,  
Continuava, sempre a chorar:  
Em quel estrêla cheia de aurora  
Foi o meu anjo se agasalhar?...”

— “Mas tu não vês — disse-lhe ela —  
Naquela estrêla que tremeluz,  
Repara bem... E' bem aquêla  
Que anda cantando no céu de luz.

E a alma de Mãe martirizada  
Fitou a estrêla que lhe sorriu,  
Sentiu-lhe os raios, extasiada  
E dos seus cantos, feliz, ouviu: —

“Ilha da paz e da esperança,  
Sou eu no mar do éter infindo;  
Do sofrimento mato a lembrança  
E abro o futuro, ditoso e lindo.

Deu-me o Senhor, doce trabalho,  
Grata missão das alegrias,  
Reparto flôres cheias de orvalho,  
Flôres que afastam as agonias”.

— Quasi te odeio, luz de alvorada,  
Estrêla linda que adorna o céu,  
Gritou-lhe a pobre desconsolada,  
Porque tu guardas o filho meu”.

— Si tu me odeias, si me detestas,  
Mais eu te amo e digo: quem  
Não tem saudadas das minhas festas?  
O teu anjinho teve-as também.

Em mim a noite não tem guarida,  
Aqui terminam os dissabores;  
Aqui em tudo florece a vida,  
Vida risonha, cheia de flôres!...”



A mãe saudosa, banhada em pranto,  
 Pude notar seu filho lindo,  
 Todo vestido dum brilho santo,  
 Num belo raio de luz, sorrindo.

Disse-lhe êle — “Tive devéras  
 Muita saudade, mãezinha amada,  
 Sentí a falta das primaveras,  
 Sentí a falta desta alvorada!...

Não resistí... tanta saudade!  
 Voltei do exílio, fugí da dôr,  
 Aqui é tudo felicidade,  
 Carícia e paz, ventura e amôr.

Perdôa, mãe, si mais não pude  
 Ficar contigo na escuridão,  
 A Terra amarga, tristonha é rude,  
 Envenenava meu coração.

Aqui também ha puras fontes,  
 Jardins e luzes e fantasias,  
 Sóis rebrilhando nos horizontes,  
 Cantos celestes das harmonias.

Daqui te vejo, daqui eu vélo  
 Pelo sossêgo dos dias teus;  
 Faço-te um ninho ditoso e belo,  
 Muito pertinho do amôr de Deus!...”

Ai a mãe tão desditosa  
 Nada mais viu do Eterno Lar.  
 Viu-se mais calma, menos saudosa,  
 Assim, embora, pôs-se a chorar.

## LAMENTOS DO ÓRFAO

JOÃO DE DEUS

Minha, mãezinha, alguém me disse,  
 Que tu te fôste, buscando o céu;  
 Eu já não sinto tua meiguice,  
 Mas não podias partir sem eu.

Eu acredito que tenhas ido  
 Pedir a Deus, no céu de luz,  
 Que de mim faça, do teu querido,  
 Um anjo seu, outro Jesus.

Mas tanto tempo faz que partiste,  
 Que me fugiste sem me levar,  
 Que sofro e choro, saudoso e triste,  
 Sem esperanças de te encontrar.

Ha quantos dias que te procuro,  
 Que te procuro chamando em vão!...  
 Tudo é silêncio tristonho e escuro.  
 Tudo é saudade no coração.

Outros meninos alegres vejo,  
 Numa alegria terna e louçã,  
 Que exclamam rindo dentro dum beijo: —  
 “Como eu te adoro, minha mamã!”



E sinto um anseio sublime e santo,  
De te abraçar, de te beijar;  
E abraço o espaço, beijo o meu pranto,  
Sômente a mágua vem me afagar.

Inqüiro o vento: — “Quando verei,  
A minha mãe bôa e querida?”  
E o vento triste diz-me: — “Não sei!...  
Só noutra vida, só noutra vida!...”

Pergunto á fonte, pergunto á ave,  
Quando regressas dos céus suprêmos,  
E me respondem em voz suave: —  
“Nós não sabemos! nós não sabemos!...”

Pergunto á flôr que enfeita a aurora,  
Quando é que voltas dêsse país?  
E ela retruca, consoladora: —  
“Depois da morte serás feliz”.

E digo ao sino na tarde calma  
“Onde está ela, meu doce bem?”  
Ele responde, grave, á minh'alma: —  
“No Além!... No Além, no Além, no Além!...”

O mar e a noite me crucificam,  
Multiplicando meus pobres ais,  
Cheios de angústia, ambos replicam: —  
“Tua mãezinha não volta mais”.

Sômente a nuvem quando eu imploro,  
Diz-me que vens e que te vê.  
Do alto do céu, diz-me, si eu choro: —  
“Eu vou chamá-la para você”.

Sempre te espero, porém não voltas,  
Nem para dar-me consolação;  
Ai! minha mãe que máguas sôltas,  
Andam cortando meu coração.

Tanta saudade e no entretanto,  
Vejo-te linda nos sonhos meus;  
Ajoelhada, cheia de pranto  
E de mãos postas aos pés de Deus.

Constantemente, estás bonita  
Como uma rosa, como um jasmim!  
Porém conheço que estás aflita,  
Pensando em mim, pensando em mim.

Então me entrego ao meu desejo,  
Trêmo de anseio e me sorrio,  
Sinto o teu hálito e o teu beijo...  
E abro os meus olhos no ar vasio.

Vai-se-me o sonho. Quanta amargura,  
Que sinto esparsa pelo caminho!  
Que mágua eterna! que desventura,  
Para quem segue triste e sózinho.

Volta depressa! guardo-te flôres,  
Porque só vivo pensando em ti:  
Celebraremos nossos amôres,  
Junto da fonte que canta e ri.

Já não resisto tantos cansaços!...  
Si não voltares, pede a Jesus,  
E ainda uma vez, põe-me em teus braços,  
Foge comigo para a outra luz!...



## O LEPROSO

JOÃO DE DEUS

Dizia o pobre leproso: —  
Senhor! Não tenho mais vida,  
Sou uma pútrida ferida  
Sôbre o mundo desditoso! —

Mas o anjo da esperança  
Responde-lhe com brandura: —  
— Meu filho espera a ventura  
Com fé, com perseverança:

Si teu corpo é lama e pús  
Em meio dos sofrimentos,  
Tua alma é réstea de luz  
Dos eternos firmamentos.

## BONDAD E

JOÃO DE DEUS

Vê-se a miseria desditosa  
Perambulando numa praça  
Sob o seu manto de desgraça,  
Em aflitissimo amargor.

Eis que a Fortuna se lhe esconde,  
O gôzo passa de largo,  
E ela sente o gôsto amargo  
Do fêl, da mágua e da dôr.

Mais eis que alguém a conforta,  
E' a bondade. Abre-lhe a porta  
Cheia de luz da manhã,

Dizendo-lhe — Tens frio e fome?  
Não busques saber meu nome,  
Vem aqui. Sou tua irmã.



## O R A Ç Ã O

JOÃO DE DEUS

A Ti, Senhor,  
 Meu coração  
 Imerso em dôr  
 Aflito vem,

Pedindo a luz,  
 Pedindo o bem  
 E a salvação.

Pedir a quem,  
 Si não a Ti,  
 Cujá bondade  
 Me sorri  
 E me conduz  
 A' imensidade  
 Da perfeição?

E's a piedade  
 divina e pura  
 Que á criatura  
 Dá luz e pão.

Sou eu, sômente,  
 O impenitente  
 Na expiação.

Em Ti, portanto,  
 Confio e espero,  
 De Ti eu quero  
 Me aproximar!...

Consôlo santo,  
 Para o meu pranto  
 Venho implorar.

Bem sei, Senhor,  
 Si soffro e choro,  
 Si me demoro  
 No padecer,  
 E' porque andei  
 Longe do Amôr,  
 No meu viver.

O Amôr é a lei,  
 Que me ensinaste  
 E que deixaste  
 Aos irmãos teus!

Pra que eu pudesse  
 Ditosamente,  
 Buscar os céus.

Assim, contente,  
 Cheio de unção,  
 Elevo a prece  
 Do coração,  
 A Ti, Senhor,  
 Rogando amôr,  
 Paz e perdão!



## A FORTUNA

JOÃO DE DEUS.

Anda a Fortuna numa praça,  
Saúda a Ventura com riso irmão;  
E mais adiante topa a Desgraça,  
Altiva e rude esconde a mão.

Vaidosa e bela, dá preferência  
Ao egoísmo, ao sacrificio  
E entre as virtudes na existência  
Escolhe sempre a flôr do vício.

E assim prossegue em desmarcada  
Carreira louca de prazer,  
Como perdida e sepultada  
No esquecimento do seu sêr.

Depois, cansada e comovida,  
Quando só pede luz e amôr,  
Acorre a Morte e dá-lhe a Vida,  
E vem a Vida e dá-lhe a Dôr.

## O R A Ç Ã O

JOÃO DE DEUS.

Vós que sois a mãe bondosa  
De todos os desvalidos  
Dêste vale de gemidos  
Mãe piedosa!...

Sublime estrêla que brilha  
No céu da paz, da bonança,  
Do céu de toda a esperança,  
Maravilha.

Maria! — consolação  
Dos pobres, dos desgraçados,  
Dos corações desolados  
Na aflição.

Apiedai-vos, Senhora  
De tão grandes sofrimentos,  
Dêste mundo de tormentos  
Que apavora;

Livrai-nos do abismo tredo  
Dos males, dos amargores,  
Protegei os pecadores  
No degrêdo.



Extendei o vosso manto  
De bondade e de ternura,  
Sôbre tanta desventura  
Tanto pranto!

Concedei-nos vosso amôr,  
A vossa misericórdia,  
Dai paz a toda discórdia,  
Trégua á dôr!...

Vós que sois, mãe carinhosa  
Dos fracos, dos apimidos  
Dêste vale de gemidos,  
Mãe bondosa!

#### Oração

Pai de Amôr e Caridade,  
Que sois a terna clemência  
E de todas as criaturas  
Carinhosa Providência!  
Que os homens todos vos amem,  
Que vos possam compreender,  
Pois tendo ouvidos não ouvem  
E vendo não querem vêr.

#### AOS HOMENS



JOSÉ DURO

Poeta português, desincarnou em 1899.  
Musa amargurada, deixou um livro —  
Fél — que apareceu poucos dias antes  
da sua morte e foi prefaciado por For-  
jaz de Sampaio.

Volta ao pó dos mortais, homem que vens depressa  
A chave procurar do enigma que encerra,  
A paragem da morte, o mais além da Terra,  
Onde o sonho se acaba e onde a vida começa.

Volve ao sono cruel da tua carne obscura  
Amassa com o teu pranto o pão de cada dia,  
Vai com o teu padecer sôbre a estrada sombria  
Para depois ouvir a voz da sepultura.



Tomé, põe a tua mão na tua propria chaga,  
Perambula na dôr da tua noite aziaga  
Porque a treva e o sofrer sempre hão de acompanhar-te!

Reconhece o quanto és ignorante ainda,  
A vida é vibração ilimitada, infinda,  
E o seu grande mistério existe em toda parte.

## SONETO

JOSÉ DURO

Pouco tempo sofri na Terra ingrata e dura  
Onde o mal prolifera, onde perece o amôr  
Entre a sufocação de um sonho superior  
E a esperança na morte, a triste senda escura.

Até que um dia a morte amiga e bemfazeja  
Apodreceu meu corpo em sua mão gelada,  
Mas minha alma elevou-se á rutilante estrada  
Onde o espirito encontra a paz que se deseja.

Algum tempo eu sofri ao pé do corpo imundo,  
Escravizado ao pranto, agrilhoado ao mundo,  
Prisioneiro da mágua, amortalhado em dôr!

E pude então voar para a mansão serena,  
Mas depois a oração libertou-me da pena,  
Onde fulgura o sol do verdadeiro amôr.

## O ESPOSO DA POBREZA



JULIO DINIZ

Poeta português desincarnado na cidade do Porto em 1871. Com este pseudónimo, pois que o seu nome é Joaquim Guilherme Gomes Coelho, notabilizou-se mais como romancista, principalmente com *As pupilas do Snr. Reitor*. A edição póstuma de *Poesias* exaltou, di-lo um comentador, as suas qualidades primaciais de prosador, sem embargo de possuírem os seus versos um certo encanto melancólico.

Francisco de Assis, um dia  
Assim que deixara a orgia  
No castelo,  
Entregou-se á natureza,  
A' uma vida de aspereza  
Num canto doce e singelo.

Abandonara a vaidade,  
Buscando a paz da humildade,  
A santa luz da harmonia;



E nas horas de repouso,  
Francisco em extranho gôzo  
A voz de Jesus ouvia: —

“Filho meu, fáze-te espôso,  
Da pobreza desvalida,  
Emprega toda a tua vida  
Na doce faina do bem.  
Francisco, ouve! Ninguem  
Vai aos céus, sem a bondade  
Que é a grande felicidade  
De todos os corações.

Esquece as imperfeições!...  
Vai, conforta aos desgraçados,  
Sêdentos e esfomeadôs,  
Flagelados pela dôr.  
Quem alivia e consola,  
Recebe tambem a esmôla  
Das luzes do meu amôr!”

Francisco chorava e ria  
E em divinal alegria,  
Via os lírios e os jasmíns  
Que não fiam, que não tecem,  
Com roupagens que parecem  
Vestidos de serafins:  
As aves que não trabalham  
E no entanto se agasalham  
Com grãozinhos em farturas,  
Entre as flôres e entre os galhos,  
Que se alimentam de orvalhos  
Que lhes descem das alturas.

Via a terra enverdecida  
Estuando de fôrça e vida,  
As seivas misteriosas  
No seio dos vegetais,  
E as ânsias cariciosas  
Das almas dos animais.

E sobretudo, inda via,  
A sacrosanta harmonia  
Do coração sofredor,  
Que não tendo amôr, nem luz,  
Tem tesouros de esplendor  
No amôr terno de Jesus.

Francisco de Assis, então,  
Submerso o coração  
Em sublimes alegrias,  
Entregou-se ás harmonias  
Vibrantes da natureza,  
Tornou-se o amparo da dôr  
E guiado pelo amôr  
Fez-se o Espôso da Pobreza.



## P O E S I A

JULIO DINIZ

Poesia da natureza  
 Embalsamada de olôres,  
 Ornamentada de flôres  
 Que os meus encantos resume;  
 Poema de singeleza  
 Esplendente e delicada  
 Como raios de alvorada  
 Cheia de luz e perfume!

Suavidade e doçura  
 Das rosas, das margaridas,  
 Das lindas sebes floridas  
 Nos dias primaveris;  
 Radiosidade e frescura,  
 Fragrâncias, amenidade,  
 Aromas, alacridade  
 Das paisagens pastoris!

As cotovias cantando,  
 As ovelhinhas balindo,  
 As criancinhas sorrindo  
 Na alegria das manhãs;

A mocidade se amando  
 Entre arroubos de ternura,  
 Cariciosa ventura  
 No Abril das almas irmãs.

Belezas de canto agreste  
 Nas urzes da Terra escura,  
 Tão cheia de desventura,  
 Entretanto, imaginai  
 A natureza celeste  
 Matisada de alegrias,  
 Nas eternas harmonias  
 Do divino amôr do Pai.

O' Terra, quanto eu quisera  
 Unir-te toda á poesia,  
 A' mesma santa harmonia  
 Que te prende á luz dos céus;  
 Nessa mesma primavera  
 Dos rutilantes espaços,  
 Em que me sinto nos braços  
 Do sagrado amôr de Deus.



## AVES E ANJOS

JULIO DINIZ

Passarinhos... passarinhos...  
Aconchegados nos ninhos,  
Lares de amor doce e brando,  
Pequeninos trovadores  
Entre as árvores e as flôres  
Cantando...  
Cantando...

Crianças, anjos suaves,  
Mimosos quais bandos de aves  
Cortando um céu claro lindo,  
Açucenas perfumadas,  
Com as pétalas orvalhadas  
Sorrindo...  
Sorrindo...

O hino terno de esperanças  
Das aves e das crianças,  
Vai com a luz se misturando.  
Tecendo as horas serenas,  
Das alegrias terrenas,  
Sorrindo...  
Sorrindo...

## POBRES



JUVENAL GALENO

Nascido em Fortaleza e desincarnado na mesma cidade, em 1931 com 94 anos de idade. E' um vulto literario inconfundível no cenario do seu tempo, impondo-se justamente pela naturalidade e espontaneidade de seu estro.

Mal clareia o sol a serra  
Toca a vida a despertar:  
O pobre se pôs ha muito,  
Sem descanso a labutar.  
Ao levantar-se da cama,  
Inda é espessa a escuridão,  
A fome lhe bate á porta,  
Persegue-lhe a precisão.  
Ao acordar-se êle escuta  
O coração a gritar: —  
“Quem não *trabuca* não come  
Já chega de repousar!”  
E êle busca o seu trabalho,  
Tudo ajeita, tudo faz,



Rasga a terra, corta matos,  
 Luta e súa, não tem paz.  
 Planta o milho, planta a cana,  
 Batatas, couves, feijão;  
 Três quartas partes de tudo  
 Pertencem ao seu patrão.  
 Quando a semente germina  
 E os ramos querem crescer,  
 Vem a sêca sem piedade,  
 O pobre espera chover.  
 Não vem a chuva, porém;  
 Nada existe no paiól,  
 As plantas já se amarelam,  
 Arde a terra, queima o sol.  
 Quando o pobre vai á mesa,  
 O estômago pede mais,  
 Mas si quer repetições,  
 Que cuide dos mandiocais.  
 Redobra o pobre os serviços,  
 Espalha o pé nos gerais,  
 Ah! que a agua já está pouca  
 Nos rios, nos seringais.  
 Contudo, êle espera sempre  
 Do Deus que o ama, que o vê,  
 E sempre resignado  
 O pobre nunca descrê.  
 O certo é que ao fim do tempo  
 De constante batalhar,  
 Aguarda a minguada espiga  
 Que decerto ha de ficar.  
 Plenamente contentado  
 Com o pouco do seu suor,  
 Deus lhe dará no outro ano  
 Uma colheita melhor.  
 Si gême, si sofre dôr,

Não possui um só real  
 P'ra consultar um doutor.  
 Então, resolve pedir  
 Ao patrão que sempre o tem,  
 Mas o patrão avarento  
 Não adianta vintém.  
 Arrasta-se e vai ao médico  
 E lhe expõe o seu sofrer:  
 "Não tem recomendações?  
 Então não posso atender".  
 O pobre, humilde e paciente,  
 Regressa para o seu lar  
 E pensa nos outros meios  
 Da saúde lhe voltar.  
 E põe em prática os meios —  
 As beberagens, o chá,  
 As promessas aos seus santos,  
 Os vinhos de jatobá.  
 Ai! que sorte rude e amarga  
 Do pobre sempre a sofrer,  
 Si vive para o trabalho,  
 Trabalha para comer.  
 Si a morte vem ao seu ninho  
 E lhe rouba o filho, os pais,  
 Não lhes póde dar a missa  
 Que o padre cobra de mais.  
 Dá-lhes porém seu tesouro  
 Sublime estrêla que brilha  
 Da mais rica devoção —  
 A prece que nasce da alma,  
 Que fulge no coração.  
 Mesmo assim, quanta tortura,  
 Que amargosa a sua dôr!  
 A todo o instante da vida  
 Luta o pobre sofredor.  
 Si tem pão não tem saúde,



Si tem saúde não tem  
 Quem o ampare, quem o ajude —  
 O braço amigo de alguém.  
 Si outrem lhe ofende e êle pede  
 Da justiça a punição,  
 A justiça o encarcera  
 Com a sua reprovação.  
 Não tem casas de morada,  
 Nem terrenos, nem ovil;  
 Si lhe falta o pão do dia  
 Falta azeite no candil.  
 Si bate á porta do rico,  
 Mórmente dum rico máu,  
 Os cães o tocam da porta,  
 E em vez de pão, ganha páu.  
 O pobre só tem na vida  
 A doce mão de Jesus,  
 Que o cura na enfermidade,  
 Que na treva lhe dá luz.  
 Mal do pobre si não fôra  
 O carinho dessa mão,  
 Que o conforta na desgraça  
 E ampara na provação.  
 Mal dêle si não houvesse,  
 A vida depois da dôr,  
 Após a morte, onde existem  
 Justiça, ventura, amôr.

## SEXTILHAS

JUVENAL GALENO

Quando a morte chega em casa,  
 A casa faz alarido,  
 Parece até que se arraza  
 Sob as chamas de um incêndio;  
 O povo esta reünido  
 Quando a morte chega em casa.

Ela vem buscar alguém,  
 De quem precisa por certo;  
 Não se importa com ninguém  
 Que chore ou que se lastime,  
 Esteja distante ou perto,  
 Ela vem buscar alguém.

A morte não quer saber  
 Si é preto como urubú,  
 Si aquele que vai morrer  
 E' branco qual uma garça,  
 Si tem pratas no baú  
 A morte não quer saber.

Não lhe pergunta qual é  
 A sua religião,  
 Si Sancho, Pedro ou José  
 E' o seu nome de batismo,  
 Nem a sua profissão  
 Não lhe pergunta qual é.



Não quer saber si êle tem  
 Uma candeia com luz,  
 Si pratica o mal ou o bem,  
 Si tem mais fé com o demônio  
 Do que mesmo com Jesus,  
 Não quer saber si êle tem.

Nem procura examinar  
 Si tem filhos ou mulher;  
 Si êsse alguém vai se casar,  
 Si tem pai e si tem mãe,  
 Nada disso a morte quer,  
 Nem procurar examinar.

Para a morte não existe  
 Anéis de gráu de doutor,  
 Nem homem alegre ou triste,  
 Nem mulher bonita ou feia,  
 Saúde, beleza e dôr  
 Para a morte não existe.

Para o pobre, para o rico  
 Nunca tem contemplação;  
 Como o corvo bate o bico  
 Por cima de um peixe podre,  
 Ela vem de sopetão  
 Para o pobre para o rico...

O cristão ou o pecador  
 Ela conduz sem ruido.  
 Não perde tempo em clamôr,  
 Em atenções e conversas,  
 Leva sem tempo perdido  
 O cristão ou o pecador.

O que segue vai com unção,  
 Rogando com fervor terno  
 Ao santo da devoção  
 Que o afaste do diabo  
 E dos horrores do inferno,  
 O que segue vai com unção.

Mas êle mesmo é quem faz  
 Os prantos ou gozos seus;  
 Na tempestade ou na paz,  
 Essa questão de ficar  
 Com Satanaz ou com Deus  
 E' êle mesmo quem faz.



## D E C A '

JUVENAL GALENO

Que amargo era o meu destino!...  
Tristezas no coração,  
Tateando difficilmente  
No meio da escuridão...

Viver na Terra e sômente  
Remando contra a maré,  
Com receio de ir ao fundo  
Nem tão bôa cousa é.

Esta vida de sofrer  
Trinta dias cada mês,  
Entremeiados de prantos,  
Ha quem estime? Talvez...

Mas para mim que só fui,  
Galeno sem *no*, galé,  
Tantas dôres em conjunto,  
Nem tão bôa cousa é.

Sentir as disparidades  
Das vidas cheias de dôr,  
O mal sufocando o mundo,  
Marchando com destemor;

Vêr o rico andar de côche  
E o pobre correndo a pé,  
Tantas miserias sentir  
Nem tão bôa cousa é.

O pranto ferve na Terra,  
Salta aqui, salta acolá,  
Nas guerras de toda a parte,  
Nas sêcas do Ceará;

Meus irmãos de Fortaleza,  
Do Crato, do Canindé,  
Vêr uns rindo e outros chorando  
Nem tão bôa cousa é.

Ah! morrer e ainda sentir  
Saudades da escravidão,  
Da carne, do desconforto,  
Da treva, da ingratidão.

Não é possível porque,  
Pobre filho da ralé,  
Casar-se com a desventura  
Nem tão bôa cousa é.

Mas falar de mais agora  
Já não é proprio de mim,  
Não vou *gastar minha cêra*  
*Com tanto defunto ruim;*

Patetice é ensinar  
Verdade aos homens sem fé.  
Jogar pérolas a tôlos  
Nem tão bôa cousa é.



## SONETOS



LUIZ GUIMARÃES JUNIOR

Poeta brasileiro, nascido no Rio de Janeiro e desincarnado em Lisbôa com 54 anos de idade. Foi jornalista, comediografo e diplomata. Entre suas obras, "Corimbos", "Noturnos", "Lírica", etc., sobresál "Sonetos e Rimas", que ainda hoje se lê com encanto.

Na escuridão dos anos procelosos,  
Da velhice nos dias mal vividos,  
Eu quisera voltar aos tempos idos  
Da juventude, aos tempos bonancosos.

Mal podia julgar que inda outros gozos  
Mais sublimes que aquêles já fruidos,  
Nas esteiras de prantos esquecidos,  
Acharia nos céus maravilhosos.



Pairar no Além!... volver ao lar primeiro,  
Ressurgido em perene mocidade,  
Clarão de paz ao pobre caminheiro!...

No limiar das amplidões da Altura,  
Penetrei vislumbrando a Imensidade,  
Soluçando empolgado de ventura.

## VOLTANDO

LUIZ GUIMARÃES

Após a longa e frígida nortada  
Da existência no mundo de invernia,  
Busquei contente a paz que me sorria  
No fim da áspera senda palmilhada.

Voltei. Nova era a vida, nova a estrada  
Que minha alma extasiada percorria;  
Divinal era a luz que resplendia  
Em reverberos lindos de alvorada.

De volta e os mesmos sêres que me haviam  
Ofertado na Terra amôres santos,  
Envoltos em ternuras e em carinhos,

Nôvamente no Além me ofereciam  
Lenitivo ás agruras dos meus prantos,  
Nas carícias risonhas dos caminhos.

## NUNCA TE ISOLES

MARTA

Nunca te isoles entre os mananciais da vida.  
A vida é o eterno bem que nos foi dado,  
Para que o multiplicássemos indefinidamente...  
E a alma que se abandona  
Ao sofrimento ou ao bem-estar,  
É um deserto sem oásis,  
Onde outras almas sentem fome e sêde.

Multiplicar a vida  
É amar sem restrições  
A flôr, a ave, os corações,  
Tudo o que nos rodeia.  
Atenuar a dôr alheia,  
Sorrir aos infelizes,  
Bendizer o caminho que nos leva  
Da treva para luz;  
Agradecer a Deus que é Pai bondoso  
O firmamento, o luar, as alovradas,  
Lêr a sua epopéia feita de astros,  
Ter a bondade ingênua das crianças,  
Tecer o fio eterno da esperança  
Por onde se sóbe ao céu;  
Dar sorrisos, dar luzes, dar carícias,  
Dar tudo quanto temos,  
Tudo isto é amar, multiplicando a vida,  
Que se estende infinita, no Infinito.



Dar a lição de paciência si soffremos,  
 Dar um pouco de gozo si gozamos,  
 E' guardarmos a semente  
 Da Vida  
 Em leivas verdejantes  
 E a qual ha de nos dar,  
 Sombras amigas para descansarmos,  
 Indumentos de flôres perfumosas,  
 E frutos aos milhares  
 Para nutrir as nossas alegrias  
 Nos jardins estelares...

## UNIDADE

MARTA

Todos nós somos irmãos,  
 Porque os nossos espiritos  
 São unos na essência...

Todos nós somos fragmentos  
 Da mesma luz gloriosa e eterna  
 Da sabedoria inexcrutavel  
 Do criador,  
 Cujas mãos magnânimas e misericordiosos  
 Espalharam com abundância,  
 Nas vastidões imensuraveis do éter  
 Infinitas e esplendorosas,  
 Globos e almas,  
 Os quais no divino equilibrio do Amôr  
 Buscam a perfeição indefinida.  
 Todos nós somos irmãos,  
 Porque nutrimos indistintamente  
 A mesma aspiração do Belo e do Perfeito,  
**O mesmo sonho,**  
 A mesma dôr na luta  
 A prôl da redenção.

Espiritualmente,  
 Somos filhos de um só Pai,  
 Somos as frondes que se interpenetram  
 De uma só árvore genealógica,



Cuja raiz insondavel  
 Está no coração augusto de Deus,  
 O qual, por uma disposição inexplicavel,  
 Encerra em si  
 Todos os mundos,  
 Todas as almas,  
 Todos os séres da Criação!

Fazei pois da Terra  
 O caminho comum da vossa salvação,  
 Porquanto, mais além,  
 Das fronteiras planetárias  
 Vivereis dentro de sagrados coletivismos,  
 Sem egoismos  
 Na suprêma unidade  
 De aspiração para a felicidade.

## NO TEMPLO DA MORTE

O templo da morte tem portas incontaveis  
 Como incontaveis são as almas humanas  
 E infinios os seus estados de consciência.

Pela porta escura do remorso,  
 Um dia penetrou os seus humbrais  
 Uma alma que regressava da terra.  
 Lá dentro,  
 Em nome do Senhor de todos os latifundios do Universo,  
 Pontificava o Anjo da Justiça.

“Anjo Bom!” — disse-lhe a alma súplice —  
 Eu tenho a minha alma coberta de feridas cancerosas!  
 Cura-me as chagas purulentas do remorso...  
 Tenho os meus olhos vendados  
 E uma treva incomensuravel na consciência!  
 Aliviai-me êsses atrozes padeceres!...

“Filha — respondeu-lhe compassiva —  
 Para sanar tão extranhas feridas,  
 Tão amargos pesares,  
 Só ha um recurso;  
 Volta á Terra!  
 Lá existe o Regato das Lágrimas,  
 Banha-te nas suas aguas cristalinas.  
 Elas serão o teu bálsamo consolador  
 E curarão a tua cegueira...  
 Estás na escuridão absoluta







E um dia  
 Descansareis reunidos,  
 Ligados pelos liames inquebrantaveis  
 Da fraternidade além da morte,  
 A' sombra da árvore luminosa  
 Das boas ações que praticastes,  
 Longe das lágrimas  
 Do órbe obscuro  
 Dos prantos e das provações remissoras!...

## LEMBRA-TE DO CÉU

MARTA

E's uma estrêla caída  
 Sôbre os paúes da Terra...  
 Acima de todas as cousas transitorias  
 Que se desfazem como as neblinas aos beijos leves do sol,

E's alma em ascensão para Deus.

A tua inteligência,  
 São fulcros de luz imperecível  
 Que constituem os atributos maravilhosos da tua imor-  
 talidade.

Por que te abates e desânimas sob os agulhões da  
 carne perecível?

Contempla o Alto,  
 Si o polvo da fraqueza te envolver em seus tentáculos

E sentirás uma carícia branda,  
 Misteriosa, doce, suave,  
 Que promana  
 Do empireo constelado  
 Para todas as almas que oram  
 Que sonham e choram,  
 Buscando Deus,

A bússola das suas mais caras esperanças.

Quando sofreres,  
 Busca aspirar êsse aroma divino  
 E tua alma sofredora,  
 Sentir-se-á envoltã na beleza,  
 No efluvio peregrino  
 Que mana fartamente  
 Dos espaços imensos!...  
 Na amargura e na dôr.  
 Lembra êsse dia que te espera  
 Na indefinível primavera  
 Gloriosa de amôr.



## AO PE' DO ALTAR

MARTA

Eu vivia no Clautro,  
Na sombra silenciosa dos mosteiros.

Mas um dia,  
Quando as penitências mortificavam  
O meu corpo alquebrado e dolorido,  
E a oração  
Era o confôrto do meu coração,  
Disse-me alguém: —

Minha filha,  
Juraste fidelidade só a Deus,  
Mas si entrevês os céus  
E as suas maravilhas,  
Si tens a Fé mais pura,  
A Esperança mais linda,  
Não te esqueças que a Caridade —  
O anjo que nos abre as portas da Ventura —  
Não permanece  
No recanto das sombras, do repouso;  
Si ama a prece e a pureza  
Não faz longas e inuteis orações:  
Ela é a serva de Deus  
E as suas preces fervorosas  
São feitas com as suas mãos carinhosas  
Que pensam no coração da humanidade

Todas as chagas abertas  
Pelo egoismo...  
Está sempre em meio ás tentações  
Para vencê-las,  
Esmagá-las com o Bem,  
Destruí-las com Amôr.  
A solidão da cela é um crime;  
Não te retires pois do mundo.  
Darás a Deus sem reserva a tua alma  
Amando o proximo,  
Que contigo é seu filho diléto.  
Sê a mãe desvelada,  
A irmã consoladora,  
A companheira terna  
De todos aqueles que te rodeiam  
Na estrada longa dos destinos comuns;  
Sê a abnegação e a bondade serena  
E a tua Fé  
Será um hino constante subindo aos céus,  
A tua Esperança em Deus  
Será dilatada,  
Para que vislumbres as felicidades celestes  
Que esperam os justos na Mansão da Alegria...

Meu corpo não resistiu  
Aos cilícios que o martirizavam  
E minha alma tomada de emoção  
Abandonou-o, brandamente,  
Atraída pela Verdade,  
Desprezando o repouso e a soledade.  
Sonhando com a luz do trabalho  
Em outras vidas benfazejas;  
Porque a verdadeira paz de espirito  
E' conquistada  
No seio das lutas mais acerbadas,  
Dos mais rudes pesares.



E só a dôr que nos crucia  
 Ou a dôr que consolamos,  
 — Sômente a Dôr em sua essência pura,  
 Nos desvia da amarga desventura,  
 Purificando os nossos corações  
 Na conquista das altas perfeições.

## MÃE DAS MÃES

MARTA

Maria

E' a Mãe piedosa  
 De todas as Mães resignadas e sofredoras.  
 E' a consolação  
 Que se derrama purissima  
 Sôbre os prantos maternos  
 Vertidos na corola imensa da rosa cheia de espinhos da  
 vida;

E' o manto resplandecente  
 Que agasalha os corações das Mães piedosas,  
 Amarguradas e infelizes,  
 Que orvalham com lágrimas benditas  
 As flôres do seu amôr desvelado,  
 Espesinhadas pelo sofrimento,  
 Fustigadas pelo furacão da desgraça, atropeladas pelo  
 mal,

Perseguidas pelo infortunio  
 No sombrio órbe das lágrimas e das provações.

Todas as preces maternas  
 Ascendem aos Espaços  
 Como um doloroso brado de angústia á Maria;  
 E a rosa sublime de Nazaré  
 Escuta-as piedosamente,

Extendendo os seus braços tutelares  
 A's Mães carinhosas e desprotegidas,  
 E bastam os efluvios do seu amôr sacrosanto  
 Para que as consolações se derramem  
 Cicatrizando as feridas,  
 Balsamizando os pesares,  
 Lenindo os padeceres  
 Das Mães desoladas que encontram nela  
 O simbolo maravilhoso de todas as virtudes!...

Ao seu olhar compassivo  
 Pulverizam-se os rochedos do mal  
 Do oceãno da vida de destêrro e de exilio,  
 Para que o Brigue da Esperança .....  
 Com as suas velas alvas e pandas,  
 Veleje tranqüilamente  
 Buscando o porto esperado com ânsia  
 Da salvação das almas que sofreram  
 Nos torvelinhos do mundo,  
 Como náufragos de um tormenta gigantesca  
 Que não se perderam no abísimo das aguas tenebrosas  
 Do mar da iniquidade,  
 Porque se apegaram  
 A' âncora da Fé.

Maria é o anjo pois,  
 Que nos ampara e guia em nossa cruz;  
 Levando-nos ao céu, cheia de piedade e comiseração  
 Pelas nossas fraquezas.

Ela é a personificação do amôr divino  
 No vale das sombras e das amarguras,  
 E sendo o arrimo de todas as criaturas,  
 E' sobretudo  
 A Virgem da Pureza  
 — Mãe das Mães.



## JESUS OU BARRABA'S



OLAVO BILAC

Natural do Rio de Janeiro onde nasceu em Dezembro de 1865. Considerado ao seu tempo o Príncipe dos Poetas Brasileiros.

Sôbre a fronte da turba ha um sussuro abafado.  
A multidão inteira, ansiosa se congrega,  
Surda á lição do amôr, amplacavel e cêga,  
Para a consumação dos festins do pecado.

“Crucificai-o!” — exclama. Um lamento lhe chega  
Da terra que soluça e do céu desprezado.  
“Jesus ou Barrabás?” — pergunta, inqüire o brado  
Da justiça sem Deus, que trêmula se entrega.

“Jesus! Jesus!... Jesus!... — e a resposta perpassa  
Como um sôpro cruél do Aquilão da desgraça,  
Sem que o anjo da paz amaldiçõe ou gema...

E debaixo do apodo e ensangüentada a face,  
Toma da cruz da dôr para que a dôr ficasse  
Como a glória da vida e a vitória suprêma.



## SONETO

OLAVO BILAC

Por tanto tempo andei faminto e errante  
Que os prazeres da vida, converti-os  
Em poemas das fórmãs, em sombrios  
Pesadelos da carne palpitante.

No derradeiro sono, instante a instante,  
Vi fanarem-se anseios como fios  
De ilusão transformada em sôpros frios,  
Sôbre o meu peito em febre, vacilante.

Morte, no teu portal a alma tateia,  
Espia, inqüire, sonda e chora, cheia  
De incerteza na esfinge que tu plasmas!...

Impassível, descerras aos aflitos  
Uma visão de mundos infinitos  
E uma ronda infinita de fantasmas.

## NO HORTO

OLAVO BILAC

Tristemente, Jesus fitando os céus em prece,  
Vê descer da amplidão o Arcanjo da Agonia,  
Cuja mão luminosa e terna lhe trazia  
O calix do amargôr durissimo e refece.

— “Si puderes, meu Pai, afastai-mo!...” — dizia,  
Mas eis que todo o Azul divino se extremece,  
Como que cái do céu uma doirada messe,  
De bênçãos aurorais de Paz e de Alegria.

Paira em todo o recanto a vibração sonora  
Do Amôr e o Mestre a sêde que o devóra,  
De se sacrificar nas aras dêsse Amôr;

Sente a Mão Paternal que o guia na amargura  
E sublime na fé mais vívida, murmura:  
— “Que se cumpra no mundo o arbitrio do Senhor!...”



## O BEIJO DE JUDAS

OLAVO BILAC

Ouve-se a voz do Mestre, unvida de ternura:  
— “Amados, eu vos dou meus últimos ensinios.  
Na doce mansidão dos sêres pequeninos,  
Trazei a vossa vida imaculada e pura!

O Amôr ha de vos dar todos os dons divinos;  
Eterna irradiação que atinge a mais escura  
Estrada de aflição, de dôr e desventura,  
Raio de eterno sol na senda dos destinos.

Derramei com piedade a lágrima terrestre!”  
Mas eis que Judas chega e diz-Lhe: — “Salve Mestre!”  
E toma-lhe das mãos, osculando-lhe a fronte.

E Jesus abençoando aquelas almas cegas,  
Exclama humildemente: — “É assim que tu me entregas?”  
Vendo as coôrtes do céu nas fimbrias do horizonte!

## A CRUCIFICAÇÃO

OLAVO BILAC

Fita o Mestre da cruz a multidão fremente,  
A negra multidão de sêres que ainda ama.  
Sôbre tudo se estende o raio dessa chama,  
Que lhe mana da luz do olhar clarividente.

Gritos e altercações! Jesus, amargamente,  
Contempla a vastidão celéste que o reclama,  
Sob os gládios da dôr aspérrima derrama  
As lágrimas de fêl do pranto mais ardente.

Soluça no silêncio. Alma doce e submissa,  
E em vez de suplicar a Deus para injustiça,  
O fôgo destruidor em tormentas que arrazem;

Lança os marcos da luz na noite primitiva  
E alça aos céus a voz tristonha e compassiva:  
“— Perdoai-lhes, meu Pai, não sabem o que fazem!...”



## AOS DESCRENTES

OLAVO BILAC

Vós que estais dentro da hoste desvairada,  
Nas turbas dos descrentes e dos loucos,  
Que de olhos cegos e de ouvidos moucos  
Estão longe da senda iluminada,

Voltai atrás dos vossos mundos ôcos,  
Recomeçai a vida noutra estrada,  
Sem a idéia amaríssima do Nada  
Que amarga, que envenena e mata aos poucos.

O' ateus como eu fui, na sombra imensa  
Erguei de novo o eterno altar da crença,  
Longe dos tristes dogmas mesquinhos!

Banhai-vos na divina claridade,  
Que promana das luzes da Verdade,  
Resplendendo em auroras nos caminhos!

## I D E A L

Na terra um sonho eterno de beleza  
Palpita em todo o espirito que ansioso,  
Espera a luz esplêndida do gôzo  
Das sínteses de amôr da natureza;

E' ansiedade perpetuamente acesa  
No turbilhão medônho e tenebroso  
Da carne, onde a esperânça sêm repouso  
Luta, sofre e soluça e sonha prêsa.

Aspirações do mundo miserando,  
Guardadas com ternura, com desvelos,  
Entre os peitos exânimes e aflitos!...

Mas que o homem realiza apenas quando,  
Rôtas as carnes, brancos os cabelos,  
Busca o beijo de luz dos infinitos!



## RESSURREIÇÃO

OLAVO BILAC

Extingue-se o calor do fóco aurifulgente  
Do sol que vivifica o mundo e a natureza,  
Apague-se o fulgôr de tudo o que alma prêsa  
A's grilhetas do corpo, adora, anêla e sente;

Tombe no cáos do nada, em túrgida surprêsa,  
O que o homem pensou num sonho de demênte,  
Os mistérios da fé, fulcro de luz potente,  
O templo, o lar, a lei, os trônos e a realêza;

Estertore o soluce exausto e moribundo,  
Debilmente pulsando o coração do mundo,  
Morto á mingua de luz, ambicionando a glória;

O espirito imortal, depois das derrocadas,  
Numa ressurreição de eternas alvoradas  
Subirá para Deus num canto de vitória.

## MEU BRASIL



PEDRO DE ALCANTARA

O último imperador deixou alguns sonetos, que, bem o sabemos, ha quem diga não serem da sua lavra. Ignoramos por que D. Pedro II, alma bonissima, vibratil e espirito culto, não pudesse fazer o que fizeram e fazem tantos outros patricios nossos, a ponto de ser correntio o conceito de que todo o brasileiro é poeta aos 20 anos. De qualquer forma, entretanto, o que se não poderá negar, é a estreita afinidade dêste sonetos com os que, como dêle, conhecemos.

Longe do meu Brasil, triste e saudoso,  
Bastas vezes sentia mal desperto  
Com o coração pulsando, estar já perto  
Do patrio lar, risonho e bonançoso.

E deplorava o rumo escuro e incerto,  
Do meu destêrro amargo e desditoso,  
Desalentado e fraco, sem repouso,  
O coração em úlceras aberto.



Enviava a chorar na aura fagueira,  
Minhas recordações em terna prece.  
Ao torrão que adorara a vida inteira;

Até que a acerba dôr, enfim, pudesse  
Arrebatá-me á vida verdadeira,  
Onde a luz da verdade resplandece.

## NO EXILIO

PEDRO DE ALCANTARA

Pode o céu do destêrro ser tão belo,  
Quanto o céu do país em que nascemos,  
Nada faz com que o nosso desprezemos  
Acalentando o sonho de revê-lo.

Todo o nosso ideal pomos no anelo  
De regressar. E voando sôbre extremos,  
Com o pensamento ansioso percorremos  
Nosso amado rincão, lindo ou singelo.

E' o destêrro a terra da amargura,  
De acerba pena ao pobre panitente,  
De amaro pranto da alma torturada;

A alegria no exilio é desventura,  
E' a saudade na ânsia mais pungente  
De retornar á patria idolatrada.

## ROGATIVA

Magnânimo Senhor que os órbes cria,  
Povoando o universo ilimitado,  
Que dá pão ao faminto, ao desgraçado  
E ao sofredor os raios da alegria,

Se, de novo, no mundo, desterrado,  
Necessitar viver inda algum dia,  
Que eu regresse ditoso ao sólo amado  
Da generosa patria que eu queria;

Se é mistér retornar a um novo exilio,  
Seja o Brasil, lá onde eu desejara  
Ter vertido o meu pranto derradeiro.

Que eu novamente viva sob o brilho,  
Da mesma luz gloriosa que eu amara  
Na alcandorada terra do Cruzeiro.



## SONETO

PEDRO DE ALCANTARA

No exílio, é que a alma vive da lembrança  
Numa doce saudade enternecida,  
Tendo chorosa a vista que se cansa  
De procurar a pátria estremecida;

Com dolorosas lágrimas avança  
Do sonho que teceu e amou na vida,  
Para a morte, onde tem sua esperança,  
Na celeste ventura prometida.

E Deus, que os órbes cria, generoso,  
Na vastidão dos céus iluminados,  
Concede a paz ao triste e ao desditoso

Na clara luz dos mundos elevados,  
Onde, do amor, reserva o eterno gozo  
Para as almas dos pobres desterrados.

## PÁGINA DE GRATIDÃO

PEDRO DE ALCANTARA

Tangendo as cordas da harpa da saudade,  
Venho ao Brasil buscar a essência pura  
Do amor da pátria minha, da doçura  
Da flôr cheia do aroma da amizade.

Prende o meu coração a suavidade,  
Dêsse arroubo de afeto e de ternura  
Dalma do povo meu, que, de ventura  
E de alegria o espirito me invade.

Do misterioso aquem da morte eu vejo  
Sentindo essa onda intensa e luminosa,  
Da afeição que idealiza o meu desejo;

E tendo a gratidão por companheira,  
Volvo ao patrio torrão de alma saudosa,  
Amando mais a Terra Brasileira.



## SONETO



RAIMUNDO CORRÊA

Nascido a 13 de Maio de 1860 na Baía de Mangunça, litoral do Maranhão, e desincarnado em Paris a 13 de Setembro de 1911 — Magistrado, pode sem favor considerar-se um dos maiores poetas da sua geração.

Tudo passa no mundo. O homem passa  
Atrás dos anos sem compreendê-los;  
O tempo e a dôr alvejam-lhe os cabelos  
A' frouxa luz de uma ventura escassa.

Sob o infortunio, sob os atropelos  
Da dôr que rouba a ilusão, a graça,  
Rasga-se a fantasia que o enlaça.  
E vê morrer seus ideais mais belos!...

Longe, porém, das ilusões desfeitas,  
Mostra-lhe a morte vidas mais perfeitas,  
Num indefinível sonho de mãos frias...

Como o pequeno anjinho que renasce,  
Chora ou sorri e é como si encontrasse  
A luz primeira dos primeiros dias.



## SONETO

RAIMUNDO CORRÊA

Ah!... si a Terra tivesse o amôr, si cada  
Homem pensasse no tormento alheio,  
Si tudo fôsse amôr, si cada seio  
De mãe nutrisse os orfãos, si na estrada

Do contraste e da dôr houvesse o anseio  
Do bem que ampara a vida torturada,  
Que jámais viu um raio de alvorada  
Dentro da noite eterna que lhe veio

Do sofrimento que ninguem conhece!...  
Ah! si os homens se amassem nessa estância,  
A dôr então desapareceria...

A existência seria a ardente prece  
Erguida a Deus do seio da abundância,  
Entre os hinos da paz e da alegria.

## LUTA



RAUL DE LEONI

Fluminense, nascido em Petropolis em 1895 e desincarnado em Itaipava em 1926, com, apenas, 31 anos de idade. Bacharel em Direito, foi deputado estadual e posteriormente Secretario de Legação. Entre os talentos da chamada nova geração, a sua afirmativa nos domínios da Arte Poetica, pede considerar-se das mais fulgurantes. Além de "Ode a um poeta morto", dedicado a O. Bilac, de quem foi amigo dileto, deixou "Luz Mediterranea", considerado como seu livro de ouro.

Aí na Terra é a bem-aventurança  
O sonho que todo o espirito agasalha,  
Mas, mesmo após a morte, a alma trabalha  
Buscando o céu das suas esperanças.

Muita vez, quando pensas que descansas,  
Além te espera indômita batalha,  
Onde o suposto gôzo se estraçalha  
Sob o guante acerado das provanças.



Para cá do sepulcro a dôr antiga,  
Que nos traz o desânimo, a fadiga,  
Sob a luz da verdade se atenúa;

A febre das paixões desaparece,  
O espirito a si mesmo reconhece  
Mas a luta infinita continúa.

### NA TERRA

RAUL DE LEONI

Renascendo no mundo da Quiméra,  
Ao colhermos a flôr da juventude,  
E' quando o nosso espirito de ilude  
Julgando-se na eterna primavéra.

Mas o tempo na sua mansuetude,  
Pelas sendas da vida nos espera,  
Junto a dôr que esclarece e regenera,  
Dentro da expiação extranha e rude.

E ao tombarmos no ocaso da existência  
Nós revemos do livro da consciência  
Os caracteres grandes, luminosos!...

Si vivemos no mal quanta agonia!  
Mas si o bem praticamos todo o dia,  
Como somos felizes, venturosos!...

### SONETO

RAUL DE LEONI

Não te entregues na Terra á indiferença.  
Cheio de amôr e fé, trabalha e espera;  
Nos dominios do mal, nada ha que vença  
A alma bôa, a alma pura, a alma sincera.

No pensamento nobre persevera  
De servir sempre, alheio á recompensa.  
O desejo do Bem dilata a esfera  
Das luzes sacratíssimas da Crença.

Vive nas rutilantes almenaras  
Dos castelos do Amôr de essências raras,  
Aspirando os olôres da Pureza!...

Terás na Terra, então, a vida calma...  
E a morte não será para a tua alma  
Jámais medonha e tragica surprêsa.



N O' S . . . .

RAUL DE LEONI

Nós todos vamos pela vida em fóra  
Deixando no caminho os mesmos traços,  
Em Deus buscando a Perfeição que móra  
No cume inatingível dos Espaços!...

Cada instante de dôr nos aprimora,  
Desatando os grilhões, rompendo os laços  
Dessa animalidade atrasadora,  
Que procura tolher os nossos passos.

Heróis de novas lendas carlovingias,  
O Sonho imanta as nossas almas, cinge-as  
No ideal da Luz — o nosso excelso escudo;

Buscando o Indefinível, o Insondado,  
Deus que é o Amôr eterno e ilimitado  
E a gloriosa sintese de tudo.

POST MORTEM

RAUL DE LEONI

Depois da morte, tudo aqui subsiste  
Nêste Além que sonhamos, que entrevemos,  
Quando a nossa alma chora nos extrêmos  
Dessa dôr que no mundo nos assiste.

Doce consolação, porém, existe  
Aos amargosos prantos que vertemos,  
Do confôrto celeste os bens suprêmos  
Ao coração desalentado e triste.

Tambem existe aqui a austera pena —  
A' consciência infeliz que se condena —  
Por um êrro ou uma falta cometida;

E a Morte continúa eliminando  
A influência do mal torvo e nefando,  
Para que brilhe a Perfeição da Vida.



## SONETO

RAUL DE LEONI

Si todos nós soubéssemos na vida  
A Verdade grandiosa e soberana,  
Teríamos o gôzo que promana  
Dos sentimentos da missão cumprida.

Mas na Terra a nossa alma empobrecida  
Prêsa dessa vaidade toda humana,  
De desgraças e de erros se engalana,  
Numa incerteza amarga, irreprimida...

Vamos passando assim a vida inteira,  
Sem esposar a crença imorredoura,  
A fé demolidora de montanhas,

Quasi imersos na treva da cegueira,  
Sem vislumbrar a luz orientadora,  
Nessa noite de dúvidas extranhas!...

## ACTO DE CONTRIÇÃO



SOUZA CALDAS

Nascido na cidade do Rio de Janeiro e aí desincarnado em 1814. Formado em Direito pela Universidade de Coimbra, abraçou mais tarde a carreira eclesiástica, ordenando-se em Roma. Dizem que as suas melhores composições, as que o levaram a ser prêso pelo Santo Officio, perderam-se. Acreditamos que o médium ignorava a circunstância de ser a Tradução dos Salmos de David, justamente, de suas obras poeticas, a mais apreciada.

A vós  
Senhor,  
Meu Deus  
De Amôr,  
Minhalma  
Implora  
A salvação!

Meu Pai  
Que mal  
Andei,



Buscando  
O êrro  
E a imperfeição;

Assim  
Pequei,  
Na treva  
Errei,  
Ajús  
Eu fiz  
A' expiação.

Vós sois  
Porém,  
Farol  
Do Bem!  
Ouvi  
Dos céus  
Minha oração.

Sois vós  
A luz  
E junto  
A' cruz;  
Do meu  
Sofrer  
Quero o perdão;

Perdão  
Que traz  
Sossêgo  
E paz

Ao meu  
Viver  
Na provação.

Suplico-o  
A vós,  
Na dôr  
Atrós,  
Amara  
E rude  
Da contrição!

Dái ao  
Meu sêr  
Aflito  
Ao vêr  
O seu  
Pecado,  
A redenção;

E hei de  
Poder  
Feliz  
Vencer  
Do mal  
Cruél  
O atróz dragão!



VERSÃO DO SALMO 12

SOUZA CALDAS

Senhor dos Mundos, na Terra inteira,  
Os máus sômente é que dominam;  
Rudes tiranos e os impiedosos  
De coração.

Ganham favores, buscam louvores,  
Espesinhando seus semelhantes,  
Tripudiando nas vossas leis,  
Ímpios que são.

Causam a ruína da vossa casa,  
Lançam injúrias ao vosso nome,  
Adoradores da iniquidade,  
Da imperfeição.

Vossas ovelhas são confundidas,  
E sufocadas pelo amargor,  
Fracas e pobres andam saudosas,  
Do vosso amôr.

São elas todas, pobres e humildes,  
Glorificai-as, meu Criador!  
Alevantai-as do abismo escuro  
Com a vossa luz!

Vossa bondade imensa e eterna  
E' a esperança dos pecadores;  
Pai amoroso, salvai os homens,  
Confio em vós!

VERSÃO DO SALMO 18

SOUZA CALDAS

Por toda a parte  
Veja a criatura,  
Na noite escura  
Da sua dôr,  
A eterna fôrça  
De um Deus elemente,  
Onipotente,  
Cheio de amôr.  
Astros e mundos  
No céu girando,  
Aves cantando,  
O mar e a flôr,  
Todos os sêres  
Hinos entõem,  
Cantos ressõem  
Ao Criador!  
Eterno Artifice  
Que os sóis modela,  
Lustres da auréola  
Da Criação;  
Sois a bondade,  
A mais perfeita,  
A Luz Eleita,  
A salvação.  
Doce refúgio



Dos desgraçados,  
 Aos meus pecados  
 Muitos que são; ·  
 Implóro e clamo  
 Com o meu espirito  
 Turbado e aflito  
 Vosso perdão.  
 Que desprezei,  
 O ouro brilhante,  
 Lindo e faiscante,  
 Bem sei, Senhor!  
 Como fugi  
 Da hora fugace  
 Que me afastasse  
 Do vosso amôr!  
 Mas bem sabeis  
 Que a carne impura,  
 Leva a criatura  
 A mais pecar;  
 Fazendo assim  
 Pra meu tormento,  
 Meu pensamento,  
 Prevaricar.  
 Porém, o vosso  
 Amôr profundo  
 Redime o mundo  
 Do padecer;  
 Dando-lhe o tempo  
 E áspera lida  
 Para na vida  
 Tudo vencer.  
 Vós que acendestes  
 Faróis brilhantes,  
 Sóis rutilantes  
 Dalmo esplendor  
 Cantando a vida,

A onipotência  
 E a pura essência  
 Do vosso amôr!  
 Que sois o sol  
 Dos universos,  
 Mundos dispersos  
 Na imensidão,  
 Além da fôrça  
 Vós sois, tambem,  
 O sumo bem  
 E a perfeição  
 Que vence o mal,  
 O orgulho e a dôr,  
 Que o pecador,  
 No coração  
 Guarda com zêlo.  
 Cruéis imigos,  
 Que são amigos  
 Da perdição.  
 Misericordia  
 Assim espero,  
 Almejo e quero  
 Para que eu  
 E os meus irmãos,  
 O mal deixemos  
 E abandonemos  
 Buscando o céu.  
 Por vossa causa  
 O maior gôzo,  
 Esplendoroso  
 Desprezarei;  
 Para que eu viva  
 Na luz fulgente,  
 Eternamente,



Da vossa lei.  
 Assim, Senhor,  
 Minhalma aguarda,  
 A luz que tarda  
 Ao mundo vão,  
 Que ha de esplender  
 Nos homens todos,  
 Limpando os lódos  
 Da imperfeição.  
 Dominareis  
 Toda a impiedade,  
 Pela verdade  
 Que em vós transluz!  
 E, servo, aguardo  
 Do vosso amôr,  
 Consôlo á dôr,  
 Amparo e luz!

## MEDITANDO

UM DESCONHECIDO

Eu fui daquelas almas que viveram  
 Sem conhecer da Terra os paraísos,  
 Que sómente a amargura dos sorrisos  
 Pela noite das dôres conheceram.

Não que eu fôsse infeliz e desditoso,  
 Pois fui tambem humano entre os humanos,  
 E através dos meus dias, dos meus anos,  
 Si eu quisesse gozar, teria o gôzo.

E' que ao sentir no âmago do peito,  
 A atitude do homem nessa vida,  
 Coração enganado, alma iludida,  
 Afastado do Puro e do Perfeito;

O meu sêr que sonhara a humanidade,  
 Qual um ramo de flôres perfumosas,  
 Viu as almas tremerem, desditosas  
 Sob o pêso da propria iniquidade.

E isolado nos grandes sofrimentos  
 De ser só, na aspereza dos caminhos,  
 Encontrei o prazer pelos espinhos,  
 Ao trilhar os carreiros dos tormentos.



Pois no mundo pequeno da minha alma,  
Quando em dôr me envolvia a desventura,  
Eu vislumbrava a luz brilhante e pura  
Que me trazia a paz, bonança e calma —

Era a luz que me vinha da visão,  
De vêr o Cristo-Amôr, entre cansaços,  
E tinha então prazer de ver meus braços  
Enlaçados na cruz da provação.

## O NOBRE CASTELÃO

UM DESCONHECIDO

No interior  
Do esplêndido alcaçar,  
Agonizava o senhor,  
Dos domínios extensos.  
O dono do solar  
Nos espasmos intensos  
Da agonia,  
Em torno dirigia  
Um último olhar  
E viu, então,  
O seu braço  
Invicto e glorioso,  
Inculpido nas fúlgidas realezas  
Do castelo formoso,  
Transbordante de glórias e riquezas!

Alongando a sua vista,  
Viu seu feito de esplêndida conquista  
Nas grandiosas searas,  
Que em suas mãos avaras  
Fôram armas cruéis, destruidoras  
Martirizando as almas sofredoras.

Contemplou seus tesouros passageiros,  
E em espasmos convulsos, derradeiros,  
Opresso o coração,



Mergulhado no pranto mais profundo,  
 Expirou para o mundo  
 O nobre castelão.  
 A sua alma despida das grandezas,  
 Das terrenas efêmeras realezas,  
 Bem após o transcurso de alguns anos  
 De triste letargia,  
 Foi um dia  
 Despertada em amargos desenganos;  
 Conturbado por agros dissabores,  
 Contemplou seu solar.  
 Ocupado por outros moradores.  
 A excluir,  
 Extranhou revoltado,  
 Que ninguém acudisse ao seu chamado.  
 E em atitude austera,  
 Tomado de energia,  
 De cólera severa  
 Já que êle era o senhor,  
 Reclamou os seus servos com calôr,  
 E, entretanto, nenhum lhe obedecia.  
 Imerso em confusões,  
 Sómente ás vezes,  
 Escutava nos ditos mais soêzes,  
 Terriveis maldições,  
 Das vítimas de antanho,  
 E o seu sofrimento era tamanho  
 Em ser incompreendido  
 Que se julgou perdido  
 Irremessivelmente;  
 Assim constantemente,  
 Durante o transcorrer de muitos dias,  
 Conservou-se naquelas cercanias  
 Como prêsa feroz  
 Do sofrimento atroz,  
 De continuos pesares e agonias.

Todavia,  
 O pobre sofredor  
 No auge do amargor,  
 Recordou-se que havia  
 Um Pai Onipotente,  
 E cheio de fervôr,  
 Humilde penitente,  
 Implorou seu amôr  
 Numa súplica em lágrimas de pena;  
 Sua alma sofredora,  
 Sentiu-se então mais calma e mais serena  
 Penetrada de doce claridade,  
 De luz confortadora,  
 Que lhe vinha de alguem  
 Que lhe fazia  
 Meditar na grandeza da Verdade  
 E lhe dizia  
 Da beleza do Amôr, da luz, do Bem: —  
 “O que sofres, amigo, é a consequência  
 Da equivocada existência  
 Que levaste,  
 Já que sem piedade, aniquilaste,  
 Muitas almas e muitos corações,  
 Que têm para ti, neste momento  
 De amaro sofrimento,  
 Sómente maldições.

Por que é que aquelas flôres tão formosas  
 Que na terra colheste,  
 Nunca as ofereceste  
 A's almas desditosas?  
 Por que não concedeste um só bocado  
 Do teu pão abundante  
 Ao pobre esfomeado?  
 Ocupando-te em gozo, a todo o instante,  
 Jámais vestiste os nús, nem consolaste



Aquêlê que sofria;  
Desprezavas o fraco e nunca amaste  
Quem de ti carecia!

A caridade,  
O sentimento-luz, a flôr-tesouro  
Não tiveste em teus dias de maldade  
No grande sorvedouro!

Porém, o Deus de Amôr,  
E' sempre o magnânimo Senhor,  
E permite que voltes aos humanos,  
Para que se dissipem teus enganos

No amargôr;

Voltarás,

Porém, já não terás  
Efêmeras venturas;  
Serás agora escravo e não senhor;

Conhecerás

As dôres e amarguras,  
As máguas escabrosas  
Pelas estradas rudes e espinhosas!

Abençôa o Senhor  
Para assim comprehenderes  
Que te concede a dôr,  
Que os reais e legítimos prazeres  
Que da vida nos vêem,  
Não residem no Mal e sim do Bem".

## NESGA DE CÉU

UM DESCONHECIDO

A alma extasiada  
Sóbe... sóbe...  
Ha toda uma amplidão iluminada  
A' sua vista...

A estrada  
E' uma etérea alfombra  
Sem resquícios de sombra!  
E' o dominio da luz que ela conquista.

Vibra no ar  
Dulcissima harmonia  
Como si fôra feita  
De luar,  
De alegria...  
De alegria perfeita.

Parece um hino de amôr  
Dos Paganinis siderais,  
A ventura, o fulgôr,  
Transformados em notas musicais.

Além, fulguram sóis;  
Em tudo ha um misto  
Nunca visto  
De manhãs e arrebóis.



Aos clarões dessa aurora,  
A alma chora  
Em êxtase profundo.

E lembra-se que sofreu,  
Que amou, que padeceu.

Ao longe, muito ao longe  
O mundo  
E' um ponto negro que gira...

Ainda além, mais além,  
A Via-Lactea transluz,  
Como um éden de luz  
E de amôr.

Nesgas do céu, imagens de esplendor,  
Cenários majestosos,  
Soberbas harmonias  
Nos mundos luminosos!

Sêres que passam rápidos, flutuantes,  
Sorridentes, radiantes,  
Nos espaços sem termos, onde a vida  
E' a imortalidade  
Anelada, querida,  
De pureza, de beleza,  
De perfeição e de felicidade.

Em baixo as vastidões,  
Em cima, as emoções  
Do ilimitado.

Atrás a noite e as máguas da agonia  
Do passado;  
E em frente,  
Um futuro esplendente  
Pintalgado de rosas,  
Da mais pura alegria.

Feito de éter, de sonho,  
O caminho é risonho  
Recamado de flôres perfumosas.

Melodia, luz, aroma!...  
De repente,  
Numa nesga de céu resplandecente  
Assoma  
Uma rútila esfera,  
Como um país de doce primavera,  
Intérmina de gozos!...

A alma se extasia  
Na luz do Eterno Dia.  
Com os pensamentos puros e radiosos,  
Ora a Deus.

Lembra dos sofrimentos seus,  
Evoca as lágrimas vertidas!  
Contempla panoramas de outras vidas,  
Vidas de extranha dôr...

Mas cada gota amarga dos seus prantos



Agora,  
 E' um raio de aurora,  
 Que um a um  
 Vão formando uma auréola  
 De brilhos santos,  
 Que a engrinalda de luz.

Em suavissima unção,  
 A pobre alma orando,  
 Chorando,  
 Nessa prece  
 Reconhece  
 A alvorada de sua redenção.

## AOS MEUS IRMÃOS



VALADO ROSAS

Nasceu em Viana do Castelo, Portugal, em 1871. Veio para o Brasil com 14 anos e aqui viveu, poetou e desincarnou, na cidade de Caratinga, aos 19 de Janeiro de 1929. Seu nome é Lazaro Fernandes Leite do Val.

Modesto quanto talentoso, foi também um polemista e doutrinador vigoroso, que ilustrou o pseudônimo na imprensa profana e doutrinária do Brasil e de sua patria.

Sob as estrélas da minha crença  
 Cansado e triste, cerrei meus olhos,  
 Dentro da noite que é para muitos  
 Um mar bravo, cheio de escolhos.

Quando no mundo de exílio e sombra  
 Habituei-me com as invernias,  
 E com os revezes da minha sorte,  
 Da luta intensa que encheu meus dias,



E' que o Evangelho do Cristo amado,  
— O mensageiro da Perfeição, —  
Nas horas tristes e amarguradas,  
Esclarecia meu coração:

Não será eu quem vá mostrar  
As maravilhas que êle fornece  
Quando escutamos as vozes claras  
Da consciência na luz da prece.

E então eu pude adormecer,  
Na paz serena, doce e cristã,  
E despertar tranqüilamente,  
Numa alvorada linda e louçã.

Vós que deixei no mundo ingrato,  
De quem me lembro na luz do Além,  
Lêde o roteiro dos evangelhos...  
Tereis na morte a paz também.

FIM

## GUERRA JUNQUEIRO

### FUNERAIS DA SANTA SÉ

Poema de grande relêvo literario, é tambem uma prova robusta da sobrevivência da alma, pelas condições mediunicas em que foi dado.

No decurso de muitas sessões, diante de um público numeroso, o espirito de GUERRA JUNQUEIRO declamava, por incorporação sonambulica, com enfase e linguagem típica, estrofes de grande brilho e perfeição, através das quais é impossivel desconhecer-lhe o estro.

Mas, isso não é tudo, porque de seguida, já durante as mesmas sessões, já com intervalos variaveis de tempo, vinha êle reproduzir por audição, as poesias anteriormente transmitidas.

E assim é que foi articulada toda essa obra extraordinaria, através da qual ressalta a homogeneidade de pensamento e de ação, tanto quanto a individualidade máscula do autor da « MORTE DE D. JOÃO ».

E o médium, diga-se, é uma moça modestissima, de instrução rudimentar, incapaz de escrever uma quadra! Ler os FUNERAIS é ter duas vantagens: é experimentar um fino prazer iutelectual, e é confirmar-se no testemunho da mais consoladora das verdades — a sobrevivência da alma.

Brochura 5\$000 — Encadernado 7\$000

### RIMAS DO ALÉM-TUMULO

—Este livro é mais uma prova vitoriosa das realidades do Espiritismo.

Através dos sversos inimitaveis que o constituem, ressurge o éstro admiravel do grande poeta que foi Guerra Junqueiro. Embóra modificado o modo de encarar o mundo e as criaturas a eloquência, energia e beleza da sua musa imortal se mantiveram intactas, de modo a demonstrar que os versos são do eminente poeta filosofo, escritos naquele estilo que nenhum outrô vate conseguiu imitar até hoje.

Volume 4\$000



# Nas pègadas do Mestre

*E' um Evangelho vivo, porque sentido e respigado nas cogitações triviais de todos os dias e para os tempos que correm, de confusão, vacilação e erronias.*

*O autor (VINICUS) bem conhecido pela sua atividade doutrinaria, tanto quanto pela sanidade da sua exegética, faz das suas elocubrações verdadeiras hóstias de espiritualidade substancial.*

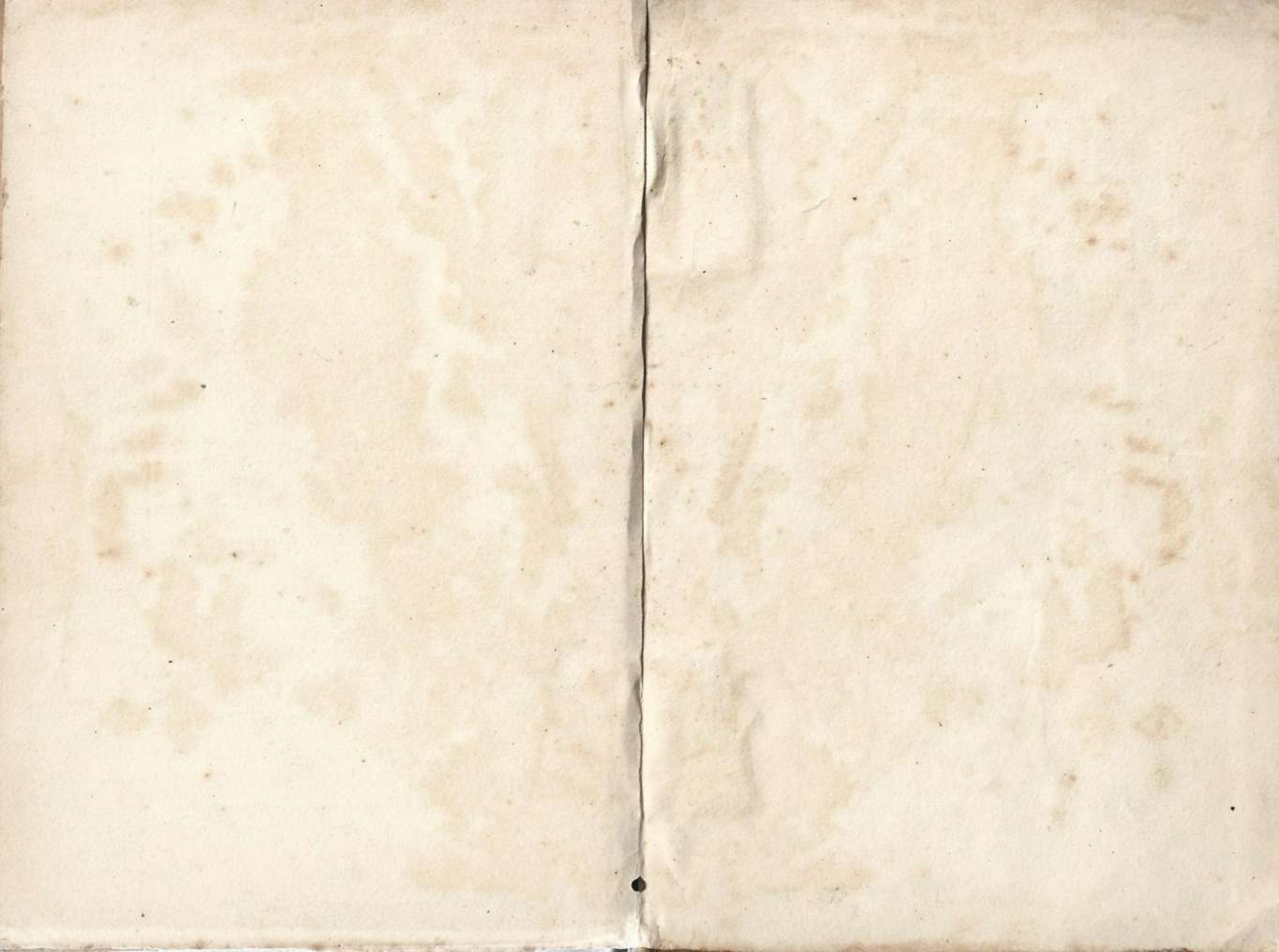
*Analizando atitudes ou ponderando preceitos do Divino Mestre, em confronto com a expressão da vida contemporânea; bordejando feitos ou examinando sistemas e teorias, VINICIUS é sempre o comentador arguto sùtil, que não perde palavras em detrimento das idéas.*

*Senhor de um estilo agil quanto sóbrio, vai êle logo ao fundo das questões para extrair-lhes a seiva.*

*Dúvidas e controvérsias atinentes a passagens escriturísticas, dogmas e preceitos abstrusos e absurdos, são espurmados nesta obra, que pode, sem favor, considerar-se um proutuario para os aficcionados dos temas evangelicos á luz da hermenêutica espirita.*

*Aliás, o rapido escoamento da 1.<sup>a</sup> edição é o que melhor recomenda esta obra.*







THE UNIVERSITY OF CHICAGO  
PRESS